

Universidade Federal de Minas Gerais  
Departamento de Geografia  
Programa de Pós-Graduação em Geografia

Adriana Silva Araujo

O CICLO DE VIDA DO FENÔMENO TURÍSTICO EM SÃO  
LOURENÇO (MG): DE ESTÂNCIA HIDROMINERAL A DESTINO DE  
LAZER E BEM-ESTAR

Minas Gerais – Brasil  
Fevereiro - 2009

Adriana Silva Araujo

O CICLO DE VIDA DO FENÔMENO TURÍSTICO EM SÃO LOURENÇO  
(MG): DE ESTÂNCIA HIDROMINERAL A DESTINO DE LAZER E BEM-ESTAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Geografia

Área de concentração: Análise Ambiental

Orientador: Prof. Dr. Roberto Célio Valadão

Co – Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Doralice Barros Pereira

*Aos meus pais,  
pelo amor reconfortante e pelo apoio constante*

*Às minhas irmãs,  
pelo exemplo de dedicação e pelo incentivo incessante*

*Ao Cleber,  
pelo amor incondicional e carinhoso companheirismo*

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Roberto Célio Valadão, meu orientador, pela confiança depositada em mim, pelo constante incentivo, pela dedicação, atenção, paciência e competência com que conduziu sua orientação e, principalmente, por me inspirar com sua paixão pelo ensino.

À Prof<sup>a</sup>. Dra. Doralice Barros Pereira, minha co-orientadora, pela atenção e dedicação, bem como pela troca de experiências e importantes sugestões ao longo da sua co-orientação e durante as suas disciplinas.

À Prof<sup>a</sup>. Dra. Fernanda Borges de Moraes, pelas importantes considerações durante o meu exame de qualificação e pela atenção e pelo incentivo durante nossos contatos.

À Prof<sup>a</sup>. Dra. Cláudia Freita Magalhães, pela atenção e pelo incentivo durante nossos contatos, bem como pelas interessantes aulas e importante troca de experiências.

À Maria Paula, funcionária da Secretaria da Pós-Graduação, pela paciência e competência com que atendeu todas as minhas solicitações antes mesmo de eu dar início ao curso de Mestrado.

À Luana Maia Ferreira, minha colega de Mestrado, amiga e parceira em vários artigos científicos publicados, pelo incentivo, pelas contribuições, pela troca de experiências e pela carinhosa atenção.

À minha família pelo constante apoio, pelo incentivo nas horas difíceis e pelo eterno amor dedicado a mim. Ao meu amor, pelo incentivo, pela enorme paciência e pelo carinhoso apoio.

À Mariana Lacerda pela contribuição no início do processo de seleção do Mestrado, aos professores e colegas de Mestrado, aos funcionários do IGC.

*“O Turismo é uma Universidade onde o aluno nunca se gradua, é um Templo onde o suplicante cultua, mas nunca vislumbra a imagem de sua veneração, é uma Viagem com destino sempre à frente, mas jamais atingido. Haverá sempre discípulos, sempre contempladores, sempre errantes aventureiros.”*

Lord Curzon (1859 – 1925)  
Governador geral da Índia

## RESUMO

O município de São Lourenço surgiu e se desenvolveu em função da descoberta de águas minerais capazes de tratar e curar enfermidades. O aproveitamento turístico deste importante recurso natural através da construção de fontes e balneário favoreceu a prática do termalismo e contribuiu para a consolidação do município como estância hidromineral. O termalismo associado à prática dos jogos de azar nos cassinos que se instalaram na cidade a partir da década de 30 favoreceu o incremento da infra-estrutura turística e de apoio ao turismo, gerando emprego e renda para a população local. Na primeira metade do século XX, São Lourenço tornou-se conhecida como local do espetáculo e do glamour. No entanto, o fechamento dos cassinos por determinação do governo federal, na década de 40, acarretou na primeira crise do segmento turístico no município. A lacuna encontrada na literatura voltada a este tema, acerca dos acontecimentos que se seguiram ao fechamento dos cassinos nas estâncias hidrominerais, principalmente no tocante a São Lourenço, instigou a elaboração deste trabalho cujo objetivo é compreender o turismo em São Lourenço a partir de uma perspectiva histórica, buscando identificar as reminiscências do termalismo na estância, bem como as (im) possibilidades de melhor aproveitamento do turismo sob outras bases, como o termalismo moderno associado ao bem-estar. Para tal, utilizou-se o conceito do ciclo de vida das destinações turísticas criado por Butler em 1980. O ciclo de vida das destinações turísticas é composto por estágios que estendem por maior ou menor período à medida que se desenvolve a atividade turística em uma localidade. A partir da reconstituição histórica do turismo em São Lourenço, estes estágios puderam ser identificados o que favoreceu uma maior compreensão acerca da realidade estudada. Em vista do objetivo proposto neste trabalho, optou-se pela pesquisa qualitativa que se envolve em estudo de caso e inclui coleta de dados através de entrevistas semi-estruturadas com atores envolvidos no turismo – poder público, setor privado e comunidades –, pesquisa documental e análise dos dados coletados visando a responder aos questionamentos que nortearam o trabalho. Entre os questionamentos, pode-se citar a relação do município com o turismo, bem como a importância desta atividade para a economia local.

**Palavras-chave:** turismo, território, termalismo, cassinos, estância hidromineral.

## ABSTRACT

São Lourenço, a city in the south of Minas Gerais, was created as a result of the discovery of mineral water capable of treating and healing a great variety of illnesses. This important natural resource was used for tourism purposes and contributed to the implementation of a spa in the city that enabled the practice of balneotherapy. Further on, the practice of balneotherapy was associated to the possibility of gambling in the casinos that were implemented in the city. Because of that São Lourenço became famous as the city of glamour and excitement. The next decade, in 1940, the act of gambling was prohibited by the federal government and therefore São Lourenço had to close its casinos. As a result, the tourism activity suffered its first big negative impact. The gap found in the literature related to this subject regarding the events that followed the prohibition instigated this researcher to seek for means to comprehend the tourism activity in São Lourenço through a historical perspective. This dissertation aims at identifying the remains of balneotherapy as well as the (im)possibilities of an increment in the local tourism based on modern balneotherapy associated to the concept of wellness. In order to do that the researcher chose to use the concept of a tourist area life cycle of evolution implications for management of resources created by Butler (1980). This choice enabled the identification of the tourism stages in São Lourenço and therefore the future perspectives became more clear. Taking into consideration the goal of this dissertation the researcher chose the qualitative research that includes a case study and data collection through partially structured interviews in addition to documental analysis.

**Key – words:** tourism, territory, balneotherapy, casinos, spa resorts.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABAV	- Associação Brasileira de Agências de Viagens
ABIHPEC	- Associação Brasileira da Indústria da Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos
ABLE	- Associação Brasileira das Loterias Estaduais
ABPF	- Associação Brasileira de Preservação Rodoviária
ABR	- Associação Brasileira de Resorts
ARCA	- Associação Regional de Integração dos Municípios Pertencentes ao Circuito das Águas
CODEMA	- Conselho Municipal de Meio Ambiente
CPRM	- Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais
DAC	- Departamento de aviação Civil
DNPM	- Departamento Brasileiro de produção Mineral
EMBRATUR	- Instituto Brasileiro de Turismo
FEAM	- Fundação Estadual do Meio Ambiente
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia Estatística
ICMS	- Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de serviços
IEF	- Instituto Estadual de Florestas
IGA	- Instituto de Geociências Aplicadas
ISSQN	- Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza
OMT	- Organização Mundial de Turismo
SERVATUR	- Serviço Autônomo de Turismo
SETUR	- Secretaria de Turismo de Minas Gerais



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Microrregião Geográfica de São Lourenço (MG) .....	16
Figura 2 – Localização da Macro - Região do Sul de Minas e Circuito Turístico das Águas no Estado de Minas Gerais .....	86
Figura 3 – Fazenda Bomba no final do século XIX .....	87
Figura 4 – Estação Ferroviária de São Lourenço em 1900 .....	90
Figura 5 – estação Ferroviária de São Lourenço em 1930 .....	90
Figura 6 – Cassino Brasil .....	95
Figura 7 – Parque das Águas na década de 1930 .....	96
Figura 8 – Sala de Banho do balneário do Parque das Águas, 1935 .....	97
Figura 9 – Presidente Getúlio Vargas no Parque das Águas, 1930 .....	98
Figura 10 – Miss Brasil Martha Rocha em São Lourenço, 1954 .....	99
Figura 11 – Hóspedes do Hotel Silva, 1935 .....	100
Figura 12 – Edifícios construídos na década de 1980 .....	104
Figura 13 – Lixão de São Lourenço em 2008 .....	108
Figura 14 – Vista aérea de São Lourenço, 2007 .....	117
Figura 15 – Ribeirão São Lourenço, 2008 .....	117
Figura 16 – Parque das Águas de São Lourenço, 2008 .....	118
Figura 17 – Fontes de água mineral do Parque das Águas, 2008 .....	119
Figura 18 – Balneário do Parque das Águas de São Lourenço .....	121
Figura 19 – Ermida de Bom Jesus do Monte .....	123
Figura 20 – Complexo I e II do Parque das Águas .....	124
Figura 21 – Sala de Banho de Ofurô do balneário do Parque das Águas .....	130
Figura 22 – Trem das Águas e estação Ferroviária de São Lourenço .....	131
Figura 23 – Aldeia Vila Verde de artesanato em 2008 .....	133

Figura 24 – Produtos do Caminho do Artesanato .....	135
Figura 25 – Charretes no século XX e XXI .....	137
Figura 26 – Mapa rodoviário do Circuito das Águas.....	140

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Motivação da viagem com o crescimento da renda média familiar (R\$) .....	56
Tabela 2 – Principais mercados nacionais de produtos de higiene pessoal perfumaria e cosméticos em 2000 (em US\$ bilhões) .....	59
Tabela 3 – Número de visitantes do Parque das Águas 1999 - 2007 .....	115
Tabela 4 – Características das águas das fontes de São Lourenço .....	120
Tabela 5 – Serviços oferecidos no balneário do Parque das Águas em Maio de 2008 .....	122
Tabela 6 – Valor dos ingressos para o Parque das Águas em 2008 .....	130
Tabela 7 – Evolução da receita do ISSQN em São Lourenço 2001-2005 .....	153

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – O ciclo de vida das destinações turísticas .....	24
Gráfico 2 – O ciclo de vida do fenômeno turístico em São Lourenço .....	145
Gráfico 3 – Participação dos setores econômicos no PIB municipal .....	151
Gráfico 4 – Empresas em atividade de prestação de serviços .....	152
Gráfico 5 – Arrecadação de ICMS em São Lourenço 2001-2005 .....	154
Gráfico 6 – Percentual da população ocupada por setores econômicos .....	155

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>1 O SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO DO FENÔMENO TURÍSTICO E SUAS RELAÇÕES COM O TERMALISMO E OS CASSINOS</b> .....	21
1.1 O ciclo de vida das destinações turísticas: o conceito de Butler (1980) .....	23
1.2 O fenômeno turístico e sua evolução temporal .....	32
1.3 A apropriação do espaço pelo fenômeno turístico: a construção de um território .....	44
1.4 O termalismo como modalidade de turismo .....	48
1.4.1 O termalismo no Brasil como indutor do fenômeno turístico .....	52
1.4.2 O termalismo moderno associado ao bem-estar .....	59
1.5 As destinações turísticas e os cassinos .....	62
1.5.1 A legalização dos cassinos no Brasil .....	65
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	72
2.1 A delimitação do caso a ser estudado .....	75
2.2 Coleta de dados .....	76
2.2.1 Entrevista .....	80
2.2.2 Pesquisa documental .....	82
2.3 Análise dos dados .....	82
<b>3 O FENÔMENO TURÍSTICO EM SÃO LOURENÇO (MG): DO TERMALISMO E CASSINOS À BUSCA PELO LAZER</b> .....	84
3.1 A origem de São Lourenço e sua relação com o turismo .....	87
3.2 Os atrativos turísticos mais relevantes de São Lourenço .....	116
3.2.1 O Parque das Águas .....	118
3.2.2 O Trem das Águas .....	131
3.2.3 O artesanato .....	133
3.2.4 As charretes .....	136
3.3 São Lourenço no contexto do Circuito das Águas .....	137

<b>4 O CICLO DE VIDA DO FENÔMENO TURÍSTICO EM SÃO LOURENÇO: PRIMEIRA APROXIMAÇÃO .....</b>	<b>145</b>
4.1 Do estágio de exploração ao de declínio .....	146
4.2 E o futuro? Rejuvenescimento ou declínio? .....	156
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>165</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>169</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>173</b>

## INTRODUÇÃO

O turismo em Minas Gerais teve início no final do século XIX, na região sul do estado, em razão da descoberta de águas minerais com propriedades terapêuticas capazes de tratar e curar enfermidades. O conjunto de práticas que têm como agente terapêutico a água termal e que ocorre no espaço de um estabelecimento balnear é característico do termalismo e a localidade onde ocorrem essas práticas é chamada de estância hidromineral.

Entre os municípios mineiros que surgiram em razão das águas minerais, destaca-se São Lourenço, localizado na região sul de Minas Gerais, aos pés da Serra da Mantiqueira, no vale do Rio Verde, afluente do Rio Grande. Este município está a 285 km do Rio de Janeiro, 310 km de São Paulo e 410 km de Belo Horizonte. Essas três capitais correspondem aos maiores centros emissores de turistas para a região Sul de Minas Gerais. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, São Lourenço situa-se na Mesorregião de Planejamento Sul/Sudoeste de Minas, composta por 146 municípios e subdividida em 10 microrregiões.

São Lourenço é o centro de sua microrregião em função de sua posição geográfica e em razão de sua importância, principalmente por possuir um amplo setor de bens e serviços do qual dependem os municípios do entorno. Faz fronteira com Pouso Alto, São Sebastião do Rio Verde, Carmo de Minas e Soledade de Minas. Com 57,2 km<sup>2</sup>, São Lourenço é o quarto menor município do País. Dos 16 municípios da microrregião, cinco são reconhecidos como estâncias hidrominerais: São Lourenço, Caxambu, Lambari, Cambuquira e Conceição do Rio Verde. A Figura

1 apresenta a Microrregião Geográfica de São Lourenço com os seus dezesseis municípios.

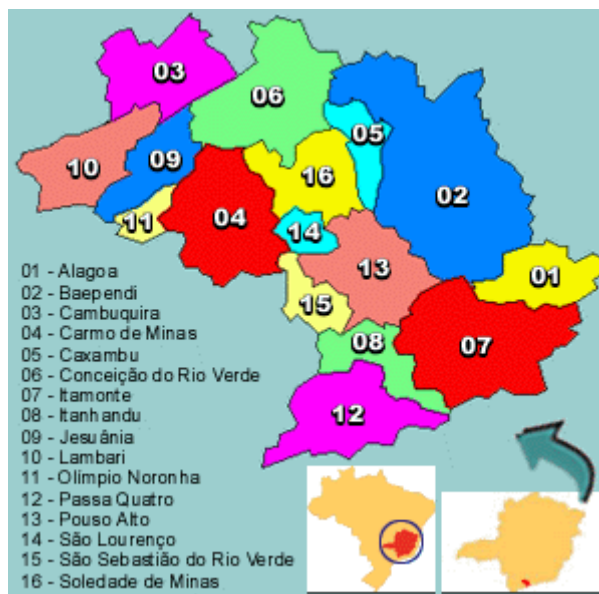


Figura 1 – Microrregião Geográfica de São Lourenço-MG  
Fonte: <http://www.citybrazil.com.br>

O município de São Lourenço se originou e se desenvolveu em função da descoberta de águas minerais com propriedades terapêuticas para a cura de diferentes enfermidades, bem como do interesse pela sua exploração e comercialização. O número crescente de pessoas que buscava o tratamento de saúde em São Lourenço, por um período mínimo de vinte e um dias recomendado pelos médicos hidrologistas, na primeira metade do século XX, contribuiu para o surgimento de infra-estrutura voltada para receber esses turistas e pacientes. Foram criados tanto os meios de hospedagem e transporte, quanto os equipamentos voltados para o consumo e a utilização das águas na busca pela saúde, dentre os quais se destacavam as fontes de água mineral e o balneário equipado de duchas, saunas e salas de banhos.



A prática do termalismo no Brasil foi orientada, até a década de 1950, pelos médicos hidrologistas das universidades de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. A implementação da cadeira de hidrologia médica no ensino superior de Medicina foi fundamental para a divulgação do termalismo em Minas Gerais e, conseqüentemente, o incentivo a esta prática em suas estâncias hidrominerais.

Apesar de se tratar da busca pelo tratamento de saúde, pode-se dizer que os pacientes que freqüentavam São Lourenço eram também turistas, pois usufruíam da mesma infra-estrutura que um turista utiliza tanto para o seu deslocamento quanto para a sua permanência em localidades diferentes daquela de origem. Além disso, não eram apenas os enfermos que freqüentavam São Lourenço, mas também seus familiares e os chamados veranistas que buscavam a estância para descanso e lazer.

O termalismo em São Lourenço surgiu nos primeiros anos do século XX e, décadas mais tarde, ganhou um forte aliado – os cassinos – que se destacaram enquanto impulsionadores do desenvolvimento socioeconômico do município e da consolidação deste último como destinação turística. A literatura aponta o apogeu do turismo em São Lourenço entre as décadas de 30 e 40, principalmente em razão da presença dos cassinos. A estratégia de associar a manutenção e recuperação da saúde ao divertimento e entretenimento por meio do jogo rendeu bons frutos para São Lourenço, pois o município ficou conhecido como estância hidromineral do espetáculo. Seus cassinos ofereciam um amplo ambiente de descontração – restaurante; salão de baile, bar e música; e jogos de cartas, roleta e bacará –, em ambiente de glamour.

No entanto, na década de 40, em conseqüência do fechamento dos cassinos por determinação do Governo Federal e do declínio do termalismo

científico em virtude da ascensão do modelo norte-americano de medicina científica que não considera o valor dos processos naturais como instrumentos terapêuticos, o turismo em São Lourenço sofreu impacto com efeitos negativos para o setor hoteleiro e os demais segmentos econômicos ligados à atividade turística.

A literatura referente ao termalismo e ao turismo nas estâncias hidrominerais no estado de Minas Gerais encontrada por esta pesquisadora abarca apenas o período que se estende da descoberta das águas minerais até o fechamento dos cassinos e o declínio do termalismo científico, deixando uma lacuna entre as décadas que se seguiram até o momento presente – o início do século XXI. Além disso, a literatura encontrada aborda as estâncias hidrominerais de maneira geral, sem se aprofundar nos acontecimentos de cada município, em particular.

Em vista disso, este trabalho de Dissertação de Mestrado tem como objetivo compreender o turismo no município de São Lourenço em sua perspectiva histórica, desde a descoberta das águas minerais até a primeira década do século XXI, com vistas a reconhecer os eventos que se seguiram após o fechamento dos cassinos e o declínio do termalismo científico. Partindo da hipótese de que o turismo ainda contribui fortemente para a sustentação econômica do município, busca-se, através da reconstituição histórica da atividade turística em São Lourenço, identificar as reminiscências do termalismo nesta estância hidromineral e as (im)possibilidades de retorno ao apogeu do turismo vivido nas décadas de 30 e 40, sob outras bases. Uma possibilidade que será verificada refere-se ao termalismo associado ao bem-estar e ao culto ao corpo, atividades modernas de forte apelo turístico nos mercados nacional e mundial. A compreensão do turismo em São Lourenço, em sua perspectiva histórica, parte da aplicação do conceito do ciclo de vida das destinações turísticas de Butler (1980).

O ciclo de vida das destinações turísticas se refere a um conceito criado por Butler, em 1980, para analisar os estágios por que passa a atividade turística em uma determinada localidade, desde o seu surgimento até o declínio do turismo ou um possível rejuvenescimento. A partir da aplicação deste conceito para o estudo do turismo em São Lourenço, busca-se responder aos seguintes questionamentos: a) Como nasceu a atividade turística em São Lourenço? b) Qual a relação do município com o turismo na atualidade? c) Quais as (im) possibilidades do turismo em São Lourenço na atualidade? d) Quais as perspectivas dos atores sociais envolvidos no turismo para esta atividade? e) Qual é a participação de São Lourenço no Circuito das Águas?

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos. O capítulo I, intitulado “o surgimento e desenvolvimento do fenômeno turístico e suas relações com o termalismo e os cassinos” abarca uma revisão da literatura voltada para os conceitos e temas discutidos no decorrer dessa pesquisa: o ciclo de vida das destinações turísticas de Butler (1980), o fenômeno turístico e sua evolução temporal; a apropriação do espaço pelo fenômeno turístico; o termalismo como modalidade de turismo; o termalismo no Brasil como indutor do fenômeno turístico; o termalismo moderno associado ao bem-estar; as destinações turísticas e os cassinos.

O capítulo II, intitulado “procedimentos metodológicos” descreve as etapas metodológicas de que consiste este trabalho, bem como as dificuldades encontradas ao longo desta pesquisa.

O capítulo III, intitulado “o fenômeno turístico em São Lourenço (MG): do termalismo e cassinos à busca pelo lazer”, apresenta um histórico do turismo nesta

estância hidromineral, seus atrativos turísticos mais relevantes e a inserção de São Lourenço no Circuito das Águas.

O capítulo IV, intitulado “o ciclo de vida do fenômeno turístico em São Lourenço: primeira aproximação” apresenta um paralelo entre o modelo de Butler e a realidade do turismo em São Lourenço, bem como as perspectivas de um estágio futuro para esta atividade.

Ao final do trabalho são tecidas as considerações finais.

# 1 O SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO DO FENÔMENO TURÍSTICO E SUAS RELAÇÕES COM O TERMALISMO E OS CASSINOS

O turismo surgiu no século XIX, porém existem registros de viagens desde a antigüidade. As viagens podem acontecer por motivações diversas. Nos tempos mais remotos, o homem era nômade e se deslocava pelo território para buscar alimentos e melhores terras para garantir o seu sustento, para fugir das pestes que lhe assombravam e para guerrilhar, dentre outras razões. Hoje, o homem se desloca pelo território a lazer, a trabalho, para visitar seus familiares, para participar de feiras e outros eventos. No entanto, nem todas as viagens podem ser consideradas como turismo. A Organização Mundial de Turismo – OMT define turismo como sendo o deslocamento de pessoas para lugares diferentes daqueles onde residem, por tempo inferior a um ano, por motivo de lazer, trabalho, participação em eventos, dentre outros. É relevante destacar o fato de que a primeira definição de turismo criada pela OMT não incluía o turismo de negócios. Entretanto, tendo em vista o crescimento deste segmento em volume de capital transacionado, a OMT reviu sua interpretação e incluiu esta modalidade em seu conceito de turismo.

Desde o aparecimento das primeiras viagens organizadas, na segunda metade do século XIX – o chamado *Grand Tour* – até os dias atuais, o conceito de turismo tem sofrido transformações. E é justamente a dinamicidade das sociedades e do modo de produção capitalista que faz essa transformação no significado do que se habituou chamar de turismo. O turismo é, antes de tudo, uma prática social que envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo (CRUZ, 2001, p. 5).

As análises deste trabalho partem do conceito de turismo como um fenômeno social, gerador de atividades econômicas e transformador de espaços. Este conceito nos permite considerar não apenas o capital movimentado por esta atividade econômica, mas também os atores sociais que dela participam: o poder público, o setor privado, as comunidades residentes nas localidades turísticas e os turistas. Em função da complexidade das mais diversas relações que se desenrolam no espaço, outras ciências, principalmente a Geografia, têm contribuído para a compreensão do turismo como fenômeno social e espacial. Assim, antes de ser uma atividade econômica, sua prática necessita do deslocamento de seu ator principal, o homem, em busca da realização de motivações diversas (MAGALHÃES, 2002). Este movimento propicia o surgimento e a utilização de uma série de setores, serviços e equipamentos que favorecem a permanência dele nos lugares e a condiciona a um período maior ou menor na região de destino.

O item 1.1 deste capítulo aborda o conceito do ciclo de vida das destinações turísticas criado por Butler em 1980. No item 1.2, busca-se compreender o turismo dando ênfase aos diferentes momentos ao longo dos quais esta atividade consumiu, produziu e (re) organizou espaços. A compreensão do modo como o turismo consome e produz espaço torna essencial a discussão acerca da relação entre turismo e território, abordada no terceiro item deste capítulo. O quarto item aborda a modalidade de turismo termal, característica da primeira região turística do estado de Minas Gerais, na qual está inserida São Lourenço – destinação turística objeto de estudo deste trabalho. São abarcados no item 1.4 o turismo termal tradicional e o turismo termal associado ao bem-estar, tendência moderna. Finalmente, o item 1.5 deste capítulo aborda o turismo de jogo, dando ênfase aos cassinos.

## 1.1 O ciclo de vidas das destinações turísticas: o conceito de Butler (1980)

A suposição de que as destinações turísticas serão sempre atraentes aos olhos dos turistas parece estar implícita no planejamento turístico, pois o turismo tem sido visto como um potencial de crescimento ilimitado (BUTLER, 1980, tradução nossa). Entretanto as recessões econômicas podem contradizer os modelos de planejamento que pressupõem que o número de visitantes continuará a crescer nestas localidades turísticas. Por outro lado, esta suposição pode ser real e antigas destinações turísticas podem comprovar este fato.

Este capítulo apresenta o conceito do ciclo de vida das destinações turísticas de Butler (1980). A relevância deste conceito se dá uma vez que este trabalho visa à aplicação dos estágios do ciclo de vida das destinações turísticas para o estudo de caso de São Lourenço com base na identificação destes, apoiada numa reconstituição histórica dos eventos ligados ao turismo, desde a origem desta atividade no município. O conceito de Ciclo de Vida das Destinações Turísticas de Butler (1980) favorece a identificação dos estágios de evolução da atividade turística em uma localidade desde o seu surgimento até suas tendências para o futuro. Este modelo, ao ser aplicado a uma determinada destinação turística, possibilita a identificação do estágio no qual ela se encontra e permite uma melhor compreensão da realidade, bem como contribui para a elaboração de um plano de desenvolvimento turístico que inclua ajustes e direcionamentos, tendo em vista uma perspectiva de sucesso para o futuro.

De acordo com Butler (1980), apesar de se poder traçar um consistente ciclo de vida para as destinações turísticas, destaca-se o fato de que, para algumas delas, é possível identificar mais claramente os estágios do que outras. Os

argumentos e análises deste modelo só podem ser considerados substanciais a partir de dados quantitativos. Um grande problema ao aplicar esse conceito e desenhar a curva que dele resulta é a obtenção de dados numéricos a respeito dos visitantes durante um longo período. Estes dados, de acordo com Butler (1980), são raros e não é provável poder consegui-los desde o início das primeiras visitas.

O conceito de ciclo de vida das destinações turísticas foi criado em 1980 por R.W. Butler com base na proposição desenvolvida pelo *marketing* de produtos. Butler (1980) o aplicou ao estudar o crescimento e o declínio dos equipamentos turísticos e das regiões nas quais estes se localizavam. Vários estudos realizados por outros pesquisadores que se basearam no modelo de Butler demonstraram a sua aplicabilidade na análise da evolução de destinações turísticas.

O conceito do ciclo de vida das destinações turísticas é apresentado por Butler (1980) usando uma curva em “s” para ilustrar a ascensão e o declínio da frequência de turistas nestas áreas. O autor afirma que não há dúvida de que as áreas turísticas são dinâmicas e que, conseqüentemente, elas se transformam com o tempo. O ciclo de vida das destinações turísticas resulta de uma série de fatores, como mudanças nas preferências e necessidades dos visitantes, a deterioração gradual e possível falta de substituição de infra-estrutura e a mudança (ou até mesmo o desaparecimento) das atrações naturais e culturais originais que foram responsáveis pela popularidade da área no início. Os estágios do ciclo de vida das destinações turísticas estão ilustrados no Gráfico 1.



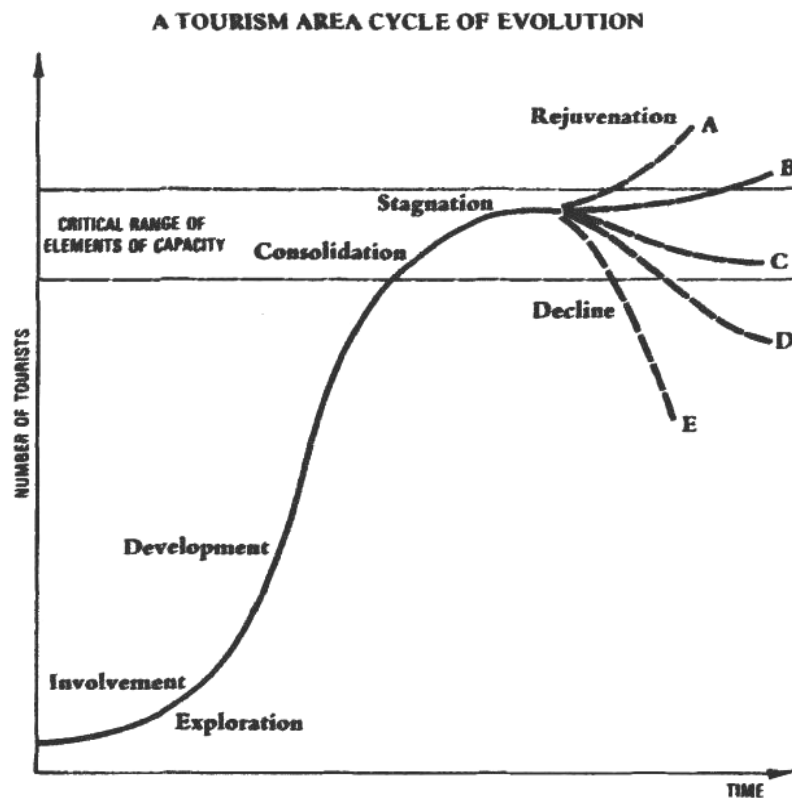


Gráfico 1 – O Ciclo de Vida das Destinações Turísticas  
 Fonte: Butler, 1980, p.7.

O ciclo de vida das destinações turísticas é descrito por Butler (1980) da seguinte forma: no início, os visitantes chegarão a uma destinação turística em pequeno número, restrito pela falta ou precariedade de acesso, equipamentos e conhecimento do local. A partir do momento em que são criados equipamentos e a divulgação do local aumenta, o número de visitantes amplia também. Através do *marketing*, da disseminação de informação e de novos investimentos em infraestrutura, a popularidade do local tende a crescer rapidamente. Eventualmente, entretanto, a taxa de crescimento do número de visitantes diminuirá em função da

capacidade de carga do local. Esse limite poderá ser identificado a partir de fatores ambientais (escassez de terra, qualidade da água, qualidade do ar), da infraestrutura (transportes, acomodações, outros serviços) ou de fatores sociais (multidões, descontentamento da população local). À medida que a atratividade da destinação diminui em relação a outras áreas, por causa da super exploração e impacto dos visitantes, o número de visitantes irá, eventualmente, diminuir também.

De acordo com Ruschmann (1997), quanto ao tipo de turista que visita as destinações nos diversos estágios do seu ciclo de vida, constatou-se que eles diferem de acordo com os serviços oferecidos aos visitantes em cada fase, no que diz respeito ao custo e a qualidade. Nas fases iniciais do desenvolvimento, as destinações turísticas são visitadas pelos “exploradores” ou pelos aloccêntricos – pessoas que buscam novidades e aventuras. Os turistas psicocêntricos, caracterizados pelas exigências de conforto e segurança nas localidades turísticas, tendem a ser sua clientela no período do apogeu. O turista de massa (mesocêntrico) que viaja em grupos e deseja conhecer o maior número de atrações pelo menor preço será aquele que frequenta as destinações na fase de declínio.

O primeiro estágio do conceito de Butler é o *estágio de exploração* (exploration) caracterizado por um número pequeno de visitantes exploradores, em busca de aventuras. A partir do modelo de Christaller, Butler (1980, p. 8) afirma que estes visitantes “de fora” podem ter sido atraídos para este local por suas características naturais e culturais únicas e peculiares. Naquele momento, não haveria infraestrutura específica voltada para atender os visitantes. Desta forma, o uso de equipamentos públicos e o contato com a comunidade local provavelmente tenha sido mais freqüente, o que pode ter constituído em um fator de atratividade para esta destinação turística. Naquele contexto, a chegada e partida dos turistas

para a localidade teria tido relativamente pouco significado para a economia e vida social da população local.

Quando o número de visitantes aumenta e se torna de certa forma freqüente alguns residentes entrarão no segundo estágio, o *estágio de envolvimento* (involvement), e passarão a fornecer infra-estrutura primária ou até mesmo exclusiva para os visitantes. O contato entre os turistas e a comunidade local deve continuar freqüente e até aumentar, uma vez que alguns residentes estarão trabalhando em atividades ligadas ao turismo. Ao longo deste estágio, a propaganda voltada para atrair turistas pode ser feita a partir da ênfase em um determinado ramo do mercado turístico. Uma temporada turística pode surgir e ajustes serão necessários no padrão social, pelo menos dos residentes locais envolvidos no turismo. Pode-se esperar algum nível de organização nas providências para viagens turísticas e surgirão as primeiras pressões sobre o governo e órgãos públicos para fornecer e melhorar o transporte e outros equipamentos para os visitantes. Exemplificando, Butler afirma que “algumas das menores e menos desenvolvidas ilhas do Pacífico e do Caribe apresentam este padrão, assim como as áreas menos acessíveis da Europa Ocidental e da América do Norte” (BUTLER, 1980, p. 8, tradução nossa).

O terceiro estágio é o *estágio de desenvolvimento* (development) que corresponde a um setor de mercado turístico bem definido, moldado, em parte, por um forte marketing nas destinações turísticas. Ao longo desse estágio, o envolvimento local e o controle do crescimento reduzirão rapidamente. Alguns equipamentos locais terão desaparecido, sendo substituídos por equipamentos maiores e mais modernos e atualizados, provenientes de investidores externos, principalmente no que diz respeito às acomodações turísticas. Serão desenvolvidas atrações naturais e culturais e essas atrações serão complementadas com

equipamentos artificiais importados. Haverá mudanças na aparência física da destinação turística que não necessariamente serão aprovadas pela população local. De acordo com Butler, “esta fase pode ser vista em partes do México, nas ilhas mais desenvolvidas do Pacífico e no litoral norte e oeste da África” (BUTLER, 1980, p. 8, tradução nossa) O envolvimento regional e nacional no planejamento e investimento em infra-estrutura será certamente imprescindível e, novamente, poderá desagradar à população local uma vez que estes investimentos representam uma mudança no cotidiano e nos hábitos tradicionais dos moradores locais. O número de turistas nas altas temporadas será igual ou superior ao número de habitantes da destinação turística. À medida que esse estágio se entende, será utilizada mão-de-obra “de fora”, bem como equipamentos auxiliares para a indústria do turismo (tal como lavanderias). O perfil do turista também mudará, a localidade passará a atrair turistas de classes mais altas, exigentes em relação à qualidade e ao conforto dos equipamentos.

À medida que se inicia o quarto estágio, o *estágio de consolidação* (consolidation), a taxa de crescimento no número de turistas sofrerá uma redução, apesar do montante total de visitantes exceder o de residentes permanentes. Uma grande parte da economia da destinação turística estará relacionada a esta atividade. Estratégias de marketing e propaganda serão adotadas com o intuito de estender a permanência do turista no local. Grandes cadeias e “franchises” da indústria do turismo surgirão. O grande número de visitantes e os investimentos em infra-estrutura e equipamentos para os turistas poderão causar descontentamento e resistência da população local, principalmente daquela parcela de pessoas excluídas da atividade ou que por ela são incomodadas (por exemplo, as que moram às margens dos atrativos). “Tais tendências estão presentes em áreas do Caribe e ao

norte na costa do Mediterrâneo.” (BUTLER, 1980, p. 8, tradução nossa). As cidades onde se localizam os *resorts* terão áreas de entretenimento bem definidas e, dependendo do período de tempo considerado, antigos equipamentos serão, agora, considerados como de “segunda categoria” e aquém do desejável ao gosto dos clientes.

A partir do momento em que as destinações turísticas entram no quinto estágio, o *estágio de estagnação* (stagnation), o número máximo de visitantes já terá sido atingido. Os limites de capacidade de carga terão sido alcançados ou excedidos, implicando em problemas ambientais, sociais e econômicos. A destinação terá uma imagem bem estabelecida no mercado, mas não estará mais “na moda”. A destinação turística dependerá do retorno dos turistas e de convenções e outros tipos de eventos para atrair fluxos de visitantes. As atrações naturais e culturais originais provavelmente terão sido modernizadas com equipamentos artificiais importados. A imagem dos *resorts* se separa de seu ambiente geográfico. O autor constata que “Os resorts Costa Brava da Espanha e muitos resorts de montanha em Ontário apresentam estas características” (BUTLER, 1980, p. 9, tradução nossa). O perfil dos turistas também mudará, podendo-se esperar o turista de massa organizado em grupos.

No sexto estágio, o *estágio de declínio* (decline), a destinação turística não será capaz de competir com novas atrações e, desta forma, tenderá a perder sua posição no mercado turístico, ambos espacialmente e numericamente. Essa destinação não atrairá mais os turistas que viajam de férias por longos períodos, mas a quantidade de turistas nos finais de semana crescerá se for acessível a um grande número de pessoas. Butler afirma que “tais tendências podem ser facilmente percebidas em antigas áreas de resort na Europa, como por exemplo Firth of Clyde

na Escócia Ocidental. Miami beach está no início desta fase” (BUTLER, 1890, p. 9, tradução nossa). As propriedades terão novos donos e os equipamentos de turismo serão constantemente substituídos por estruturas não relacionadas ao turismo, na medida em que a destinação deixa a atividade turística. Quanto a esse processo, o autor acredita que “Cada vez mais as instalações turísticas desaparecem na medida em que as destinações turísticas se tornam menos atraentes aos olhos dos turistas” (BUTLER, 1980, p. 9, tradução nossa).

O envolvimento da comunidade local com o turismo provavelmente aumentará neste estágio, uma vez que os empregados e outros residentes poderão comprar imóveis a preços significativamente baixos, já que o mercado está “em baixa”. Hotéis poderão ser transformados em condomínios, abrigos ou asilos, ou até mesmo em apartamentos residenciais, uma vez que as destinações turísticas atraem visitantes tanto para passear como para ali residirem, especialmente no caso da terceira idade. Finalmente, o autor afirma que o que foi antes uma destinação turística pode perder sua função turística completamente. A ocorrência de eventos catastróficos como enchentes, terremotos, dentre outros, pode resultar num declínio imediato do número de visitantes, sendo, a partir daí, extremamente difícil reverter esta situação. Se o declínio continuar por um longo tempo, a destinação turística e seus equipamentos poderão não mais ser atraentes à maioria dos turistas após a solução do problema.

Por outro lado, o ciclo apresenta possibilidades. O *rejuvenescimento* (rejuvenation) pode ocorrer, apesar de que esse estágio não poderá ser alcançado a não ser que haja uma completa mudança nos atrativos nos quais o turismo está baseado. Butler (1980) prevê duas formas de se atingir esse objetivo: uma é a criação de uma atração pelo homem como, por exemplo, os cassinos, citando o

caso de Atlantic City. Outra forma para o rejuvenescimento, de acordo com o autor, é o melhor aproveitamento dos recursos naturais locais. Ele menciona que as cidades onde se localizam os Spas, na Europa, e Aviemore, na Escócia, uma vila de férias de verão, alcançaram o rejuvenescimento através de um investimento no mercado de esportes de inverno, permitindo, desta forma, diminuir o efeito da sazonalidade. A criação de novos equipamentos serve para revitalizar o antigo *trade* de férias de verão. Em ambos os casos, são necessários esforços combinados entre o governo e o setor privado. Butler (1980, p. 9) acrescenta um dado importante à sua análise:

Pode-se esperar que até mesmo as atrações de uma destinação turística rejuvenescida perderão sua competitividade. Somente em casos de áreas verdadeiramente únicas seria possível manter uma atratividade atemporal capaz de suportar a pressão das visitas. Mesmo neste caso, as preferências e os gostos humanos teriam que ser constantes ao longo do tempo para que os visitantes se sentissem atraídos pelo mesmo local.

Como exemplos de destinações turísticas que permanecem atraentes aos olhos dos turistas por um longo período o autor menciona o caso de Niagara Falls, uma pequena cidade no Canadá localizada na província de Ontário, conhecida mundialmente como a “capital da lua-de-mel” e atrações artificiais como as cidades do espetáculo conhecidas como Disneyland e Disneyworld, nos Estados Unidos.

As destinações turísticas que continuamente atraem turistas são aquelas que renovam com frequência sua infra-estrutura turística e os seus atrativos. Toda destinação turística corre o risco de caminhar em direção ao declínio. A efemeridade e a volatilidade das modas, características da sociedade contemporânea, fazem com que os visitantes busquem sempre experiências inéditas. Sendo assim, para serem competitivas no mercado do turismo, as destinações turísticas devem sempre

renovar sua oferta, seus atrativos, oferecendo novas experiências aos turistas, suscitando o desejo da descoberta.

O item a seguir intitulado “o fenômeno turístico e sua evolução temporal” abarcará conceitos importantes para a compreensão da evolução do turismo nas destinações turísticas, de modo geral, e favorecerá a compreensão dos estágios do turismo em São Lourenço a partir da aplicação do modelo de Butler neste caso concreto.

## 1.2 O fenômeno turístico e sua evolução temporal

Somente a partir do século XVIII, na Inglaterra, devido à Revolução Industrial e ao surgimento da chamada burguesia, com outras necessidades e tempo livre, o turismo começou a se desenvolver como atividade econômica e a se fazer conhecido como uma forma de viagem em que as pessoas buscavam o prazer, a satisfação da curiosidade, o tratamento médico, o enriquecimento cultural ou um modo complementar de formação educacional.

A partir da Revolução Industrial, surgiram as metrópoles que concentravam grande parte da produção material. O cotidiano nas metrópoles apresentava características diferentes daquelas presentes no campo. Isto porque o crescimento das cidades acarretou transformações como, por exemplo, o redimensionamento das ruas que ganharam outro conteúdo, favorecendo a eliminação do lúdico, transformando-as em lugar de passagem. A concorrência por mais espaço conduz “o processo de reprodução do espaço urbano se constituindo por meio da eliminação das antigas formas que traziam a marca da sociabilidade –



pontos de encontro, o lugar da festa –, reprimindo os rituais e seus mistérios” (CARLOS, 2001, p. 53).

O cotidiano marcado pelo acelerado ritmo imposto pela produção industrial nas metrópoles era visto pelos seus habitantes como estressante. Diante da necessidade física e psíquica de retorno à natureza e à tranquilidade do campo, surge a “indústria” do lazer e do turismo que erige a viagem como a única forma de livrar-se das neuroses urbanas, do cotidiano constrangedor das cidades, como se o trabalho fosse sempre massacrante e a viagem funcionasse sempre como garantia do bem-estar.

Até o século XVIII, as cidades possibilitavam o encontro. O tempo não era somente o tempo do trabalho, permitia a criação, a espontaneidade, o convívio. Entretanto, a partir da Revolução Industrial, a rotina de trabalho nas fábricas, caracterizada entre outros fatores pelas longas jornadas, reprimiu a possibilidade do convívio e do encontro. Cada vez mais,

A fábrica, caracterizada pelos muros que a circundam e que interditam o ingresso de estranhos, destila seus princípios no interior do seu próprio universo tecnológico. Uma vez que entra na fábrica, o trabalhador não tem mais, durante o dia todo, contato algum com o exterior: não dispõe de telefone e seu corpo e sua alma ficam segregados. (DE MASI, 2000, p. 54).

Os princípios instaurados no interior da fábrica eram completamente novos se comparados ao trabalho agrícola ou artesanal (DE MASI, 2000). E eram tão fortes que foram, também, aplicados aos escritórios e, aos poucos, em todos os setores da sociedade. Inúmeras pessoas que antes realizavam seu trabalho no próprio lar passaram a trabalhar fora. Tal alteração gerou uma nova série de relações afetivas com os outros, com o bairro e com a própria casa.

A necessidade de produzir mais em um período menor de tempo resultou na estandardização produtiva que, por sua vez, demandou a especialização profissional dos cargos. Da especialização profissional dos cargos derivou-se a especialização funcional dos espaços. Em seqüência, a cidade também se especializa,

Desenvolve-se a zona industrial, local onde se produz; os bairros residenciais, onde se descansa; os bairros comerciais, onde se fazem as compras; as zonas de lazer, lugar de diversão e etc. (...) Significa que trabalho, vida, oração, diversão e embriaguez não se encontram mais concentrados numa só casa, nem num só bairro. (DE MASI, 2000, p. 57).

Considerando a especialização das cidades, De Masi (2000) afirma que agora é o ser humano quem se desloca rapidamente de um lugar para o outro e, assim, nascem também os sistemas de transporte da cidade moderna: metrô, avenidas, auto-estradas. Juntamente com os sistemas de transporte, surgem os congestionamentos, bairro após bairro, devido ao deslocamento de grande parte dos habitantes da cidade num só horário, o horário de ir e voltar do trabalho.

Nesse contexto em que a cidade é alardeada como o monstro causador do estresse, surge a oportunidade de se constituir uma nova forma de lazer em massa, concentrado nos grandes centros turísticos que se desenvolveram a beira-mar, no Mediterrâneo. Várias condições propiciaram esse grande deslocamento de pessoas em direção ao litoral europeu (URRY, 1996), podendo-se citar: o aumento do bem-estar econômico de parcelas substanciais da população industrial, motivado pelo fato de a renda *per capita*, ao longo do século XIX, ter quadruplicado; a rápida urbanização de muitas cidades de pequeno e de médio porte sem o planejamento de áreas de lazer e recreação; o surgimento de um padrão mais organizado e rotineiro de trabalho seguido da tentativa de desenvolver uma correspondente

racionalização do lazer; o movimento “romântico” que sugeria a contemplação em relação à natureza e à paisagem, como bem de contemplação e deleite, beneficiaram os moradores das novas cidades industriais, por lhes possibilitar passar breves períodos de tempo longe dos centros urbanos, contemplando e convivendo com a natureza; a melhoria dos meios de transporte, encurtando a distância entre os lugares. Este último é fundamental em face da compressão do espaço pelo tempo e da penetração do trabalho na vida cotidiana.

O período entre os séculos XIX e XX foi marcado pelo imenso progresso das nações capitalistas, fundado nas grandes fábricas, navegação e exploração. Surgiram o automóvel e o avião, o telégrafo, o telefone, o rádio, a TV, o petróleo e a eletricidade, o crédito ao consumidor e a publicidade, o indivíduo burguês, sujeito livre, empreendedor e o operário revolucionário. Santos (2000) acrescenta que, completando o cenário moderno, expandiram-se também as metrópoles industriais, as classes médias consumidoras de moda e de lazer; surgiu a família nuclear – marido-mulher-filhos isolados no apartamento – e a cultura de massa – revistas, filmes, romances policiais, novelas de televisão. Dentre os muitos desenvolvimentos da arena do consumo, dois têm particular importância, segundo Harvey:

A mobilização da moda em mercados de massa (em oposição a mercados de elite) forneceu um meio de acelerar o ritmo do consumo não somente em termos de roupas, ornamentos e decoração, mas também numa ampla gama de estilos de vida e atividades de recreação (hábitos de lazer e de esporte, estilos de música pop, videocassetes e jogos infantis etc.). Uma segunda tendência foi a passagem do consumo de bens para o consumo de serviços – não apenas serviços pessoais, comerciais, educacionais e de saúde, como também de diversão, de espetáculos, eventos e distrações. (HARVEY, 2002, p. 258).

As possibilidades advindas dos séculos XIX e XX, desde a evolução dos meios de transporte até a criação de uma classe assalariada capaz de financiar suas

formas de lazer, permitiram o deslocamento de um número cada vez maior de pessoas para áreas do mundo até então inacessíveis, contribuindo, assim, significativamente, para a expansão do turismo de massa. Para atender a essa demanda emergente, investiu-se na construção de inúmeros empreendimentos turísticos nas regiões litorâneas e de montanha. A transformação de diversas localidades resultou na produção de impactos negativos ao meio ambiente e ao modo de vida dos moradores locais.

A partir da segunda metade do século XX, na Europa, principalmente na década de 50, com apogeu em 70 e 80, inicia-se a fase do crescimento turístico de forte domínio sobre os recursos e os moradores locais. A demanda turística dos países cresceu em ritmo muito rápido e as localidades turísticas viveram uma expansão sem precedentes. Preencheram-se os vazios que ainda existiam nas zonas litorâneas mais acessíveis, saturando-os.

Trata-se de uma fase de excessos, acentuada pela qualidade medíocre da arquitetura nas localidades turísticas. Predominam o concreto, o crescimento desordenado, a arquitetura urbana, a falta de controle de efluentes de esgotos, a criação de marinas, de portos artificiais e de estações de esportes de inverno, onde várias construções ruíram por causa da falta de estudos geológicos. Em resumo, um período catastrófico para a proteção do meio ambiente. (RUSCHMANN, 1997, p. 21).

Apesar destas constatações e do custo de tais degradações ambientais, no turismo massivo os clientes parecem não se preocupar com a essência – bastam-lhes as aparências. Apesar de buscarem o desconhecido, o inusitado, a aventura, são fundamentais dois elementos: segurança e conforto, além do *status* que a viagem empresta ao indivíduo. No dizer de Milton Santos, “Em lugar de cidadão forma-se um *consumidor*, que aceita ser chamado de *usuário*” (RODRIGUES, 1996,

p. 19). O turismo de massa, neste primeiro momento, ao invés de propiciar o encontro e a troca de experiência, se volta a uma relação monetária, de negócio.

Entretanto, o agravamento das carências e da desordem, como a falta de infra-estrutura turística e os variados efeitos negativos produzidos pela ausência de planejamento ou estudo de impacto sócio-ambiental nos grandes centros turísticos, desagradaram parcela considerável de turistas. Eles passaram, então, a buscar ambientes menos saturados.

A década de 80 foi marcada pela “fuga das cidades” e a “busca do verde”, favorecendo o surgimento de novas práticas de turismo ligadas à natureza, pressupondo a sua valorização e conservação. Atividades como caminhadas, ciclismo, *rafting*, *mountain bike*, *motocross* e toda uma série de esportes alternativos compõem esses novos segmentos do turismo, nos quais a natureza e todos os seus elementos estimulam a descoberta, a iniciação, a educação e o espírito de aventura.

O ecoturismo destaca-se dentre essas novas modalidades de turismo e, segundo Seabra (2003), intensifica-se nos anos 80. Os movimentos de contracultura da década de 60 e os ecológicos da década de 70, descontentes com os caminhos travados pelas sociedades de consumo e desejosos por mudanças político-ideológicas e culturais, impulsionaram o ecoturismo. Neste período, surgiram comunidades alternativas que passaram a buscar um modo de vida baseado nos princípios da sustentabilidade.

Na década de 80, no Brasil, outro fator relevante que emerge são as instalações dos *resorts*. De acordo com publicação encontrada no portal de turismo BRASILVIAGEM, a Associação Brasileira de Resorts – ABR concebe o *resort* como um empreendimento hoteleiro de alto padrão em termos de instalações e serviços, que é fortemente voltado para o lazer em área de amplo convívio com a natureza, na

qual o hóspede não precise se afastar para atender suas demandas de conforto, alimentação, lazer e entretenimento. A palavra *resort* passou a ser adotada para designar os locais que oferecem tudo aquilo que o turista que se hospeda nele procura: lojas, serviços de beleza, área verde exuberante, praias e espaços privados, atividades esportivas, ecológicas e de entretenimento, ótima alimentação e bebidas, atendimento exclusivo e diferenciado e diversão para toda a família e para todas as idades.

De acordo com dados da ABR encontrados no portal de turismo BRASILVIAGEM, os primeiros resorts surgiram na década de 40, na Europa e nos Estados Unidos, e provocaram uma revolução nas colônias de férias. Já no Brasil, o primeiro resort foi construído na Ilha de Itaparica, na Bahia, em 1979, conhecido como Club Méditerranée que hoje pertence ao grupo ClubMed. Em 2008, o Brasil contava com cento e dois resorts instalados nos litorais norte, nordeste, sudeste e sul do País.

O sistema fechado oferecido pelos resorts restringe aos turistas a possibilidade de encontro e trocas de experiências na cidade onde se localizam. Os turistas que neles se hospedam, quando desejosos de conhecer algum atrativo turístico na cidade onde está localizado o complexo hoteleiro, o fazem através de transporte privado exclusivo, oferecido pelo próprio resort. Ao passeio é imposta uma série de regras. Como o sistema “all inclusive” é a mais nova tendência de mercado, a visita aos atrativos turísticos é feita com hora marcada e tem curta duração, pois os horários das refeições são fixos. Além disso, existe uma extensa e variada agenda de atividades programadas para os hóspedes no hotel. Os hóspedes partem do resort em direção ao atrativo onde as vans por eles esperam, sem lhes

dar a chance de conhecer outros lugares ou ter contato com os moradores locais e/ou transeuntes.

Na década seguinte ao surgimento dos resorts no Brasil, nos anos 90, o rápido avanço da tecnologia de informação favoreceu o estreitamento das fronteiras e o barateamento dos serviços turísticos, ligando localidades em diferentes posições do mundo. Esse fenômeno, conhecido como globalização, interfere no cotidiano das pessoas e produz novas formas de enriquecimento cultural sem que as pessoas precisem ao menos sair de casa. Desenvolve-se uma nova modalidade de lazer, o turismo virtual. Este, no entanto, não é passivo. Ele incita a novas motivações para as pessoas se deslocarem. De acordo com Rodrigues:

Graças aos elaborados recursos tecnológicos, hoje é possível ao turista fazer reservas nas redes hoteleiras globais por meio do computador conectado à internet. E mais, pode desfrutar antecipadamente dos prazeres da viagem mediante os recursos da cibernética cujo máximo é a aparelhagem multimídia capaz de promover experiências virtuais. Tudo isto sem sair de casa!... (RODRIGUES, 1996, p. 19).

Os movimentos do capital nas últimas décadas se caracterizam por uma intensa fase de “compressão de tempo-espaço” conforme colocado por Harvey (2002) e Massey (2000). Este processo corresponde a uma fase cujo impacto desorientado e disruptivo sobre as práticas político-econômicas afeta o equilíbrio do poder de classe, bem como a vida social e cultural (HARVEY, 2002, p.257). Acerca dos movimentos no/do espaço:

Vivemos em uma época – costuma-se dizer – em que as coisas estão se acelerando e se disseminando. O capital está passando por nova fase de internacionalização, especialmente em termos financeiros. Mais pessoas viajam com mais frequência e para lugares mais distantes. Suas roupas são provavelmente feitas numa variedade de países que vão da América Latina ao sudeste asiático. Seus jantares consistem em comida importada do

mundo inteiro. E, se têm um computador em seu escritório, em vez de abrir uma carta que, sob os cuidados do correio de Sua majestade, leva alguns dias para atravessar o país, agora são interrompidos pelo *e-mail*. (MASSEY, 2000, p. 177)

A autora afirma que “a compressão de tempo-espaço refere-se ao movimento e à comunicação através do espaço, à extensão geográfica das relações sociais e a nossa experiência de tudo isso” (MASSEY, 2000, p. 178). Enquanto agilizamos certos processos colocamos na obsolescência outras porções do espaço ou serviços, por exemplo, a utilização do avião favorece o decréscimo das atividades navais, visto que o primeiro economiza tempo nos deslocamentos.

Algumas conseqüências dessa aceleração dos tempos de giro do capital foram indicadas por Harvey (2002, p. 258), principalmente aquelas que têm influência particular nas maneiras pós-modernas de pensar, agir e sentir. Uma conseqüência importante constitui-se, então, em acentuar a volatilidade e efemeridade das modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, idéias e ideologias, valores e práticas estabelecidas, ou seja, “a sensação de que “tudo que é sólido desmancha no ar” raramente foi mais pervasiva.” Tudo se torna obsoleto e precisa ser substituído, ficando ultrapassado com a novidade.

A volatilidade e efemeridade das modas no que diz respeito às destinações turísticas, por exemplo, resulta, dentre outros fatores, do forte papel exercido pela mídia, como formador de opinião:

Para começar, a publicidade e as imagens da mídia passaram a ter um papel muito mais integrador nas práticas culturais, tendo assumido agora uma importância muito maior na dinâmica de crescimento do capitalismo. Além disso, a publicidade já não parte da idéia de informar ou promover no sentido comum, voltando-se cada vez mais para a manipulação dos desejos e gostos mediante imagens que podem ou não ter relação com o produto a ser vendido. (HARVEY, 2002, p. 259).



A competição no mercado da construção de imagens passa a ser um aspecto vital da concorrência entre as empresas:

O sucesso é tão claramente lucrativo que o investimento na construção da imagem (patrocínio das artes, exposições, produções televisivas e novos prédios, bem como marketing direto) se torna tão importante quanto o investimento em novas fábricas e maquinário. A imagem serve também para estabelecer uma identidade de mercado, o que se aplica também aos mercados de trabalho. (HARVEY, 2002, p. 260).

A “venda” de uma cidade como local para determinada atividade depende muito da criação de uma imagem urbana atraente, pois as lideranças das cidades podem considerar o desenvolvimento espetaculoso como um “chamariz” para atrair outras formas de investimentos, capitais que serão responsáveis pelo progresso (HARVEY, 2005, p. 185). Nessas últimas décadas, parte do que se vê é a tentativa de criar uma imagem física e social das cidades adaptada para essa finalidade competitiva e, nesta perspectiva, como já foi colocado, a “colonização” tem buscado além das cidades, regiões, províncias, países como a Euro Disney, as costas litorâneas, Dubai e Las Vegas, por exemplo.

A efemeridade de economias urbanas tem exigido atividades que as relance economicamente, assim, a:

ênfase no turismo, na produção e no consumo de espetáculos, na produção de eventos efêmeros num determinado palco, mostra todos os sinais de ser o remédio predileto para economias urbanas efêmeras. Os investimentos urbanos desse tipo talvez produzam ajustes acelerados, ainda que passageiros, em relação aos problemas urbanos. No entanto, esses investimentos são, freqüentemente, muito especulativos. (HARVEY, 2005, p. 183).

O caráter especulativo dos investimentos urbanos deriva da incapacidade de prever de forma exata “qual pacote terá ou não sucesso, num mundo de muita instabilidade e volatilidade econômica” (HARVEY, 2005, p. 180). Por outro lado, “quanto maior a efemeridade, tanto maior a necessidade de descobrir ou produzir algum tipo de verdade eterna que nela possa existir” (HARVEY, 2002, p. 263). O retorno do interesse por instituições básicas, como a família e a comunidade, e a busca de raízes históricas são indícios da procura de hábitos mais seguros e valores mais duradouros num mundo cambiante.

Outra característica relevante da globalização é o destaque do local em relação ao global, uma vez que “as qualidades dos lugares passam a ser enfatizadas em meio às crescentes abstrações do espaço. A produção ativa dos lugares dotados de qualidades especiais se torna um importante trunfo na competição espacial entre localidades, cidades, regiões e nações” (HARVEY, 2002, p. 266). As qualidades especiais de uma destinação turística referem-se aos recursos dotados de potencial para a exploração do turismo. Estes recursos podem se transformar em atrativos e motivar o deslocamento dos turistas. Os estudos de mercado são responsáveis pela identificação do público-alvo para cada tipo de atrativo turístico. A forma como se dá o aproveitamento das qualidades especiais de uma destinação para o turismo depende de quem detém o poder para a exploração dos recursos. Isso pode ser feito através do poder público, do setor privado, ou de uma parceria entre ambos.

No intuito de atrair fluxos de produção, financeiros e de consumo de alta mobilidade e flexibilidade para cidades ou regiões, surge, nas últimas décadas, o empreendedorismo urbano acoplado à noção de “parceria público-privada”, em que a iniciativa tradicional local se integra com o uso dos poderes governamentais locais,

buscando e atraindo fontes externas de financiamento, e novos investimentos diretos ou novas fontes de emprego (HARVEY, 2005, p. 172).

Para expressar essa nova forma urbana derivada da conexão entre desenvolvimento de atividades turísticas e a emergência de novas paisagens urbanas no fim do século XX, destaca-se o conceito de urbanização turística nos últimos anos:

a sua importância como expressão de uma forma de urbanização que, ao contrário da urbanização industrial, tem a sua produção de significados e identidades sociais deslocada da produção para o consumo. E não qualquer consumo, mas o consumo individual cujo alvo é o corpo. Daí a centralidade, na vida econômica das cidades no fim do século XX, de espaços como balneários e parques temáticos e de eventos tais como feiras, festivais de cidade, carnavais fora de época e assim por diante. (LOPES JÚNIOR, 2000, p. 213).

O consumo individual cujo alvo é o corpo insere-se na prática de um tipo de turismo diferente do turismo de massa. Neste caso, busca-se o relaxamento, a contemplação da natureza, o alívio do estresse e o bem-estar. O turismo de saúde cuja ênfase está no bem-estar incita o consumo de uma série de produtos ligados ao culto ao corpo e promove a criação de novos hábitos ligados à saúde que tendem a compor o dia-a-dia dos turistas quando retornam ao seu local de origem.

A próxima discussão se ocupa das relações estabelecidas entre as atividades turísticas e o território dando ênfase à produção e apropriação dos espaços pelo e para o turista. Para tal, foram utilizados autores com formação em geografia que se utilizam desta disciplina para analisar o fenômeno turístico.

### 1.3 A apropriação do espaço pelo fenômeno turístico: a construção de um território

A relevância de se estudar o turismo à luz da geografia é enfatizada por Nicolás (1996, p. 40) ao afirmar que a prática do turismo implica um deslocamento que a torna uma das práticas sociais mais genuinamente territoriais, se comparada a outras. “É, pois, um terreno fértil para a análise sóciogeográfica”, pois mobiliza, movimenta e dá dinamicidade ao capital, trabalho e conforma/deforma o cotidiano e a vida.

De acordo com Rodrigues (1996), o turismo reveste-se de tríplice aspecto com incidências territoriais específicas em cada um deles. São eles: as áreas de dispersão, os fluxos e os núcleos receptores. As áreas de dispersão, ou emissoras, respondem pela formação da demanda na sua grande maioria recrutada nas metrópoles e nas cidades grandes e médias, conforme aponta Rodrigues (1996, p. 22) ao mencionar o estudo pioneiro de Geografia do Turismo de W. Christaller, fundamentado na sua clássica teoria dos lugares centrais. A demanda se desloca através dos fluxos – aéreos, terrestres, fluviais, marinhos e oceânicos – que também incidem de forma concreta no território.

Os núcleos receptores correspondem aos locais onde se produz o espaço turístico, “ou se reformula o espaço pretérito, em novas bases” (RODRIGUES, 1996, p. 23). É nos núcleos receptores que se dá o consumo e a apropriação do espaço. Ou seja, é também nos núcleos receptores que surgem os conflitos em consequência deste consumo e desta apropriação. Um dos conflitos é a segregação funcional do espaço que pode resultar em exclusão e segregação socioespacial. Podem também ocorrer conflitos ambientais, quando o consumo e apropriação do

espaço não respeitam os limites de utilização dos recursos naturais, com base na sustentabilidade.

Conforme afirma Cruz (2000, p. 17), da fixidez do produto turístico decorre a necessidade de seu consumo *in situ* e, conseqüentemente, dos deslocamentos-espaciais dos consumidores-turistas. Estes deslocamentos implicam, entre outros fatores, que a prática do turismo tenha repercussões sobre distintas porções do espaço, sobre os espaços emissores de turistas e os espaços de deslocamento e sobre os pólos receptores.

Pela sua própria essência, que pressupõe mobilidade, o espaço turístico não pode ser definido por fronteiras euclidianas, ainda que pelo menos um de seus elementos básicos lhe seja exterior – a demanda. Dois tipos de territorialidade nos espaços turísticos são destacados por Knafou (1996, p. 64):

há diferentes tipos de territorialidade que se confrontam nos lugares turísticos: a territorialidade sedentária dos que aí vivem freqüentemente, e a territorialidade nômade dos que só passam, mas que não têm menos necessidade de se apropriar, mesmo fugidamente, dos territórios que freqüentam. Um bom número de conflitos nos lugares turísticos é oriundo das diferenças de territorialidade.

Desta forma, a melhor análise privilegia a satisfação das necessidades dos turistas sem deixar de considerar os custos e benefícios que o turismo pode trazer à população residente. Os impactos econômicos, sociais, políticos e culturais, a preservação cultural e ambiental, patrimônios sem os quais o turismo corre o risco de autodestruir-se.

Ao analisar o conceito de território, Milton Santos citado por Cruz (2000, p. 18) afirma que o território corresponde a frações funcionais do espaço. E acrescenta, ainda, que ele corresponde ao espaço funcionalizado, apropriado por

determinados atores sociais (que lhe atribuem determinadas funções), em um dado momento histórico. No caso do turismo, a apropriação do espaço por determinados atores sociais permite a eles a tomada de decisões quanto ao modo de apropriação, constituindo um território marcado por relações de poder. Acerca do território e das relações de poder, Haesbaert (2004) afirma:

Enquanto “continuum” dentro de um processo de dominação e/ou apropriação, o território e a territorialização devem ser trabalhados na multiplicidade de suas manifestações – que é também e, sobretudo, multiplicidade de poder, neles incorporados através dos múltiplos agentes/ sujeitos envolvidos. Assim, devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com os sujeitos que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja etc. (HAESBAERT, 2004, p. 3).

A valorização de determinados atributos socioespaciais dos territórios, num dado momento histórico, por parte dos turistas, do mercado e dos planejadores e promotores territoriais depende do contexto cultural em que se dá essa valorização. Sobre essa valorização, Cruz (2000, p. 19) afirma:

Como a cultura é mutável no tempo e no espaço, os territórios eleitos pelo turismo na atualidade não são, em todos os casos, os mesmos de ontem e não, necessariamente, serão os mesmos de amanhã. E como não há uma cultura mundial, lugares turísticos valorizados por algum grupo social podem não ter qualquer significado para outros grupos.

Para Sánchez, citada por Cruz (2000, p. 19), a apropriação de uma determinada porção do espaço pelo turismo resulta da convergência de diferentes fatores (sociais, econômicos, culturais) e não, simplesmente, de seus atributos naturais. “A valorização dos litorais quentes pelo turismo, por exemplo, se dá após a

segunda Guerra Mundial, acompanhada da desvalorização dos litorais frios, que foram característicos do veraneio de elite do passado” (CRUZ, 2000, p. 19).

A apropriação do espaço pelo e para o turismo constitui o território turístico, como aponta Knafou (1996). Os territórios turísticos são territórios inventados e produzidos pelos turistas, mais ou menos retomados pelos operadores turísticos e pelos planejadores. “Isto traz problemas delicados de planejamento, já que não são apenas os espaços que “planeja”, mas toda a sociedade” (KNAFOU, 1996, p. 73).

De forma espontânea ou planejada o turismo está subordinado às políticas públicas, à iniciativa privada ou à parceria de ambas. Segundo Ruschmann (1997), por meio de um planejamento bem elaborado, consegue-se solucionar com mais eficiência os problemas futuros, e muitas vezes, evitá-los. No Brasil, é muito comum o planejamento imediatista para solucionar imprevistos ocasionados por circunstâncias fortuitas ou externas. No entanto, o planejamento deveria existir a partir do momento em que é necessário definir e alcançar objetivos, assim, as transformações ocorreriam como resultado de decisões e propósitos e não apenas como resultado imediatista, de caráter corretivo. Acerca do planejamento, Ruschmann coloca que:

O profissionalismo deve ser a base da atividade e é o ponto que distingue o planejamento atual e futuro daquele realizado no passado, quando o amadorismo conduzia as atividades para o desenvolvimento, nem sempre adequado – baseando-se em experiências que deram certo anteriormente. (RUSCHMANN, 1997, p. 87).

As primeiras formas de turismo surgiram no Brasil de forma espontânea, como foi o caso das localidades que ganharam notoriedade em consequência da possibilidade da prática do termalismo. Em razão da inexistência de um

planejamento que contribuísse para a melhor organização da atividade turística face às mudanças por que passava a sociedade e o fenômeno turístico no País, ao longo do tempo, as primeiras localidades termais sofreram tanto impactos positivos quanto efeitos negativos. Os itens a seguir apresentarão uma discussão mais aprofundada acerca do surgimento do termalismo na Europa e no Brasil, bem como suas perspectivas de aproveitamento turístico no século XXI.

#### 1.4 O termalismo como modalidade de turismo

O termalismo pode ser entendido como um conjunto de atividades que têm como agente terapêutico a água termal e que ocorre no espaço de um estabelecimento balnear. Com a descoberta da química por Lavoisier, na segunda metade do século XVIII, as propriedades químicas das águas minerais ganharam conhecimento, sendo, a partir de então, designadas como águas termais ou curativas.

As práticas termais foram transformadas no final do século XIX, particularmente na França, em objeto de estudo de uma nova ciência – a hidrologia médica (QUINTELA, 2004, p. 244). E foram os médicos hidrologistas que conceituaram o termalismo como um “conjunto de atividades que envolvem a terapêutica pelas águas minero-medicinais aplicadas a um doente durante a sua estada em uma Estância Termal”. Mourão (1992) refere-se à hidrologia médica como o tratamento feito por meio das águas em geral, apresentando três divisões: hidroterapia, crenoterapia e talossoterapia. A hidroterapia consiste no emprego da água potável, das águas minero-medicinais e da água do mar, aproveitando a



termalidade (banhos quentes gerais e parciais, banhos de vapor) e a ação hidromecânica. A crenologia abrange o conhecimento e o estudo das águas minero-medicinais em suas aplicações práticas, na prevenção e tratamento de várias entidades mórbidas. Finalmente, a talossoterapia refere-se ao tratamento pela água do mar.

No Brasil, a cadeira de hidrologia e climatologia foi introduzida, no século XX, na Universidade de Medicina de Minas Gerais. Na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, os conteúdos de crenotrapia eram ministrados no curso de terapêutica geral conforme afirma Lopes, citado por Quintela (2004, p. 243).

O termo utilizado por médicos e literatos brasileiros e europeus, nos séculos XIX e XX, quando se referiam ao uso das águas termais com uma finalidade terapêutica, durante um período de tempo, era “cura termal”. Segundo Quintela (2004), este termo foi usado a partir da segunda metade do século XIX, principalmente na França, por influência alemã, como derivação da palavra *Kure*. No entanto, o uso das águas termais é conhecido desde os romanos e os vestígios das construções por eles deixados, bem como os nomes ainda utilizados para designar estes locais onde a prática terapêutica era exercida, comprovam este fato. A prática da cura termal consistia na imersão e ingestão de água mineral com o objetivo terapêutico de curar ou tratar uma doença. “Curistas” era o nome dado às pessoas que procuravam a cura – ou o tratamento – de doenças habitualmente crônicas, “sendo as mais freqüentes os “nervos”, as doenças de pele, as bronquites e o reumatismo” (QUINTELA, 2004, p. 245).

Até o século XIX, a ênfase desta prática terapêutica era dada, sobretudo, à imersão através dos banhos. Narciso, citado por Quintela (2004, p. 240), afirma que os banhos e as termas sempre estiveram associados às práticas que oscilavam

ambiguamente entre o cuidado da saúde e o prazer e é em vista disso que emerge o primeiro movimento turístico da viagem “da cura e do prazer”. Este tipo de viagem estava, usualmente, associada à “mudança de ares” que consistia, sobretudo para aqueles que viviam nas cidades, em um deslocamento até o campo, o qual ficou conhecido como vilegiatura. Na Europa:

A vilegiatura tinha como objetivo a viagem até um local previamente determinado e único, durante uma temporada. Ela diferia dos primeiros movimentos turísticos do século XIX, ao basear-se mais no repouso do que no movimento impresso pela viagem. Esta era, no entanto, uma prática social distintiva, de que só uma classe abastada podia dispor. A vilegiatura era, assim, no século XIX, uma forma de sociabilidade característica de uma burguesia emergente, retomando e recompondo uma prática aristocrática – a ida aos banhos. (QUINTELA, 2004, p.247).

No século XVIII, as termas europeias eram utilizadas pela aristocracia, principalmente a francesa, com as idas da corte aos “banhos” e por uma nova burguesia emergente, como aconteceu na Inglaterra, em Bath. A procura pelas destinações termais deu origem ao desenvolvimento de novas cidades. De acordo com Quintela (2004), as águas termais eram procuradas na expectativa de se obter uma cura, um “milagre”, o que favoreceu a construção de “estâncias de cura e repouso” nos lugares circundantes das nascentes destas águas.

O cotidiano nas termas, no século XIX e XX, enfatizava a vertente lúdica das estações de águas, bem como a procura pelo ócio e pelos divertimentos nestas localidades por parte dos que a visitavam. O papel preponderante do jogo e dos cassinos para o desenvolvimento destas destinações turísticas é destacado por Mourão (1992). Ferreira, citado por Quintela (2004, p. 249), ao descrever as termas, afirma que elas eram apresentadas como estâncias climáticas, lugares da natureza, por excelência. A natureza figurava como um elemento de continuidade na construção social das termas quer se falasse da cura, da manutenção da saúde ou

da recreação e do repouso. As termas – ou estâncias termais – eram recomendadas como um epítome da natureza salutar e foram assim difundidas, com maior ênfase na saúde ou na doença, de acordo com o discurso médico, os interesses turísticos ou os grupos a quem se dirigiam.

A partir dos primeiros anos do século XX, na Europa, a viagem termal continuou a ser um privilégio da aristocracia e da burguesia. Durante “La belle époque”, as cidades termais passaram por um período de esplendor. No início do século XX foram construídos, em grande escala, estabelecimentos balneários espetaculares e luxuosos, de grande valor artístico.

Utilizavam em particular o estilo *Liberty*, que propunha uma forma de decoração com temas relacionados à água, através de elementos simbólicos e da mitologia. As estações termais se enriqueceram de estruturas imponentes e vistosas, parques, jardins, lugares de encontro e hotéis luxuosos. Os clientes representavam uma elite, a qual exigia uma oferta de grande luxo e comodidade. (INSTITUTO ESTRADA REAL / MERCURY, 2007, p. 3).

Com o fim do período de ditadura militar, tem-se a crise do termalismo europeu e a decadência dos destinos mais clássicos em função de uma mudança de costumes. Sem uma renovação do produto, estes destinos viram a tradicional clientela diminuir por razões etárias. A oferta termal mantinha intacta sua característica de produto clássico terapêutico nos Parques e Estabelecimentos Termais. Por outro lado, a tendência de adquirir os valores do termalismo ligados ao bem-estar e à estética começou a ganhar força nos hotéis e *resorts* em localidades não termais. Destaca-se o surgimento de centros de bem-estar, de estética e de Spa também nos centros urbanos. O declínio das localidades termais foi condicionado pelo fato de uma rejeição à renovação e à diversificação da oferta:

Os empresários do setor não queriam diversificar seus estabelecimentos às novidades, isto é, preferiam manter o aspecto ligado exclusivamente à questão da saúde. Tal comportamento conduziu as localidades a uma perda de competitividade, que não era equiparada ao “congestionamento clássico”, mas ligada ao redimensionamento da demanda, causado pela distorção do setor sanitário nacional, que não era mais propenso a fornecer o pagamento integrado ao tratamento. (INSTITUTO ESTRADA REAL / MERCURY, 2007, p. 5).

Até o início dos anos 90, o comportamento do sistema termal era fechado, não crescendo externamente. Em raros casos se via uma situação de comunicabilidade entre os balneários e a componente “bem-estar” dentro das estruturas receptoras. Somente nos últimos anos, depois de uma crise quase que irreversível, as estâncias hidrominerais começaram a buscar novas propostas em relação a uma demanda potencial que ressurgia: uma proposta de saúde, no seu sentido mais amplo, ligada ao bem-estar. Novamente, cresce o interesse das pessoas por esses lugares. De acordo com o diagnóstico elaborado pelo Instituto Estrada real e o grupo de consultoria italiana Mercury (2007), neste momento, o conceito de termalismo passa a ser associado ao bem-estar e não mais a uma proposta exclusivamente de tratamento e cura. O termalismo associado ao conceito de bem-estar será discutido posteriormente, ainda neste capítulo.

#### 1.4.1 O termalismo no Brasil como indutor do fenômeno turístico

No Brasil, a legitimação do uso das águas termais aconteceu a partir de 1818, data associada à criação da primeira estância termal brasileira. Segundo Rocha, citado por Quintela (2004, p. 251), em 1812 foram enviadas à corte amostras da água termal de Caldas do Cubatão (SC), hoje conhecida como Caldas da Imperatriz, para análise. Seis anos mais tarde, Dom João VI emitiu um decreto

reconhecendo as propriedades terapêuticas das águas e ordenando a construção de um hospital termal nesta localidade.

Foi durante o século XIX que nasceram e se desenvolveram as práticas termais em espaços institucionalizados pela medicina brasileira. Tudo começou com a descoberta das análises químicas, ainda na primeira metade do século XIX, e com a edificação de alguns estabelecimentos termais como Caldas do Cubatão (SC), Caxambu (MG) e Poços de Caldas (MG), na segunda metade do mesmo século. (QUINTELA, 2004, p. 252).

Uma das regiões termais mais conhecidas no Brasil está localizada no sul de Minas Gerais. Dentre as diversas estâncias hidrominerais criadas a partir do potencial terapêutico e, conseqüentemente, atrativo das águas minerais, estão Poços de Caldas, Araxá, São Lourenço, Caxambu, Cambuquira e Lambari. No tempo do Império, as estâncias foram visitadas pela Princesa Isabel e seu marido, Conde D'Eu, com a intenção de curar o problema de infertilidade da princesa. De volta à corte, a dificuldade para engravidar foi considerada resolvida. O casal acabou tendo três filhos:

Esta história, real ou não, transformou-se em uma lenda que se perpetua no tempo graças aos moradores locais. Esse acontecimento permitiu que uma maior divulgação das fontes minerais milagrosas fosse ampliada e, a partir de então, garantiu a essas localidades um maior número de visitantes de todos os gêneros, das pessoas públicas aos cidadãos comuns. (INSTITUTO ESTRADA REAL / MERCURY, 2007, p. 10).

Os municípios de Poços de Caldas, Araxá, São Lourenço, Caxambu, Cambuquira e Lambari representam, em muitos aspectos, a história e a tradição do termalismo brasileiro sendo o seu território relacionado aos percursos de exploração e de desenvolvimento do Brasil. As fontes de água mineral foram o principal motivo,

senão o único, pelo qual esses municípios surgiram e se desenvolveram ao longo do tempo. Araxá, que teve o primeiro núcleo de habitantes entre 1770 e 1780, intensificou notavelmente o número de seus residentes depois da descoberta dos sais minerais presentes nas águas do Barreiro. Assim como Cambuquira que surgiu cem anos mais tarde, em 1861, pela desapropriação da fazenda Boa Vista, onde foram descobertas fontes de elevado valor mineral. Em 1872, foi fundada a cidade de Poços de Caldas nos terrenos doados pelo Capitão José Bernardes Junqueira onde foram descobertas fontes de água mineral. A construção de Caxambu começou a ter êxito nos anos de 1901, logo após o tratamento de fertilidade feito pela Princesa Isabel no ano de 1868, atraída pela fama das suas águas. A água de São Lourenço foi descoberta por Antônio Francisco Viana, dentro da terra que lhe foi herdada. Por causa disso, inicialmente nomearam aquelas terras de “Águas do Viana”. A concessão para a utilização da água foi em 1890, porém, mais tarde, em 1905, com a Companhia das Águas Minerais de São Lourenço administrada por Afonso França, o termalismo tomou maior impulso com o crescimento da cidade. (INSTITUTO ESTRADA REAL / MERCURY, 2007, p. 11).

A diferença entre o termalismo europeu e o brasileiro é que este último era praticado em maior parte pela burguesia do que pela nobreza, devido a uma menor presença desta classe no panorama social do País, se comparado ao do Velho Continente. A falta de um contraste e da necessidade de afirmação entre as duas classes, em parte, foi responsável pela manutenção dos destinos termais como locais de passatempo, relaxamento e encontro, por um tempo maior do que na Europa. De acordo com o diagnóstico intitulado “Desenvolvimento turístico das estações termais do Estado de Minas Gerais”, de 2007, elaborado por uma empresa italiana de consultoria, Mercury, através de uma iniciativa do Instituto Estrada Real

em parceria com o Governo do Estado e com o apoio do SEBRAE, as localidades termais se destacavam mais como destinações para o passatempo, o relaxamento e o encontro do que como estação de tratamento de cura, propriamente dita, através das águas minerais.

O diagnóstico aponta, ainda, que o declínio das termas brasileiras tradicionais aconteceu com 15-20 anos de atraso, e foi causado em maior parte pela perda (forçada) de valores de lazer do que pelo nascimento de ofertas alternativas. Até a metade dos anos 50, todas as localidades mencionadas anteriormente representaram um destino de referência das personalidades políticas e do espetáculo. A memorável estada de alguns presidentes ainda é forte na história local. A decadência dos destinos termais, então, foi causada mais pelo fechamento dos cassinos do que pelo surgimento de destinos alternativos. “Confirma-se então que a presença da água representava mais um valor complementar forte, do que um elemento central de atração” (INSTITUTO ESTRADA REAL / MERCURY, 2007, p. 11).

A institucionalização do termalismo brasileiro se deu em duas fases, conforme afirma Quintela (2004). A primeira, no século XIX, caracterizou-se pela descoberta das águas minerais utilizadas como medicamento, na perspectiva da química, da geologia e das suas propriedades terapêuticas. Este período se destacou pela necessidade de legitimação científica das propriedades medicinais das águas através de análises químicas, de modo a evitar que o seu uso se baseasse na crença popular e pudesse ter alguma correspondência com as práticas denominadas como charlatanismo. A água tida como medicamento e sua possibilidade de utilização nas estâncias termais motivaram o aprofundamento dos

conhecimentos acerca de suas propriedades terapêuticas, o que resultou na criação de disciplinas ligadas à hidrologia médica nas universidades:

Foram os médicos que reivindicaram, na prática, a legitimidade do saber científico sobre as práticas termais e defenderam a necessidade de se criar uma disciplina de hidrologia médica nas faculdades de medicina como forma de afirmar o novo território médico, principalmente nas primeiras décadas do século XX. (QUINTELA, 2004, p. 254).

A segunda fase teve início no século XX e foi marcada pelo estabelecimento das estações hidrominerais como lugares de cura e de turismo. As estações brasileiras desenvolveram-se, igualmente, com a edificação de equipamentos voltados para as práticas lúdicas onde se destacavam os cassinos contíguos aos balneários. O período áureo do termalismo brasileiro aconteceu entre as décadas de 1930 e 1940, associado às dimensões terapêutica e lúdica, conforme afirma Mourão (1992, p. 84).

No ano de 1950 teve início a fase do declínio do termalismo científico, ou seja, de sua vertente médica. De acordo com Mourão (1992, 84), o declínio do termalismo científico nas estâncias hidrominerais ocorreu em função da passagem do conceito de “estação de cura e repouso” para “estação termal voltada para o turismo”. Silva Junior (2004), por outro lado, atribui a queda da procura pelo turismo de saúde nas estâncias hidrominerais à ascensão do modelo norte-americano de medicina científica, que não considera o valor dos processos naturais como instrumentos terapêuticos. A afirmação de Silva Júnior (2004) é pertinente, uma vez que se verificou o desinteresse pelas cadeiras de crenologia que foram extintas há mais de quarenta anos nas Universidades Federais de Medicina do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte. Por outro lado, a afirmação de Mourão (1992) carece de argumentos que comprovem a sua constatação.



O diagnóstico do Instituto Estrada real / Mercury (2007) apresenta estatísticas relevantes que contribuem para a melhor compreensão acerca do cenário atual do turismo termal no Brasil. Minas Gerais se destaca com um total de 56 fontes de água mineral sendo oito delas localizadas em municípios que possuem balneários e outras dez em cidades onde o aproveitamento das águas minerais se dá tanto através do turismo nos balneários quanto do seu engarrafamento para comercialização.

Acerca das modalidades de turismo que mais atraem os visitantes, a Tabela 1 mostra que o termalismo ocupa a 11ª posição na tabela para a classe alta enquanto para a classe média ocupa a 10ª posição. De acordo com o Instituto Estrada real / Mercury (2007), o termalismo é um produto destinado ao tratamento de saúde para as classes mais baixas enquanto para a classe média e alta o bem-estar é a motivação mais prevalente e, até, sinônimo de status.

TABELA 1

Motivação da viagem com o crescimento da renda média mensal familiar (R\$). Percentual.

MOTIVAÇÃO	de 350,00 a 1.400,00	de 1.400,01 a 5.250,00	de 5.250,01 a 10.500,00	acima de 0.500,00	total
Visitar amigos e parentes	5,0	2,7	2,3	4,5	3,1
Sol e praia	9,2	2,4	0,5	3,7	0,8
Turismo cultural	,3	2,2	7,0	9,9	2,5
Eventos culturais / esportivos/sociais	0,1	0,4	0,7	4,3	0,7
Saúde	0,6	0,3	0,3	,1	0,2
Negócios	,6	,5	,1	1,4	,3
Compras pessoais	,5	,0	,0	,8	,8
Ecoturismo	,8	,8	,9	,4	,7
Eventos profissionais	,1	,8	,6	0,2	,2

Turismo rural	,0	,3	,5	,3	,6
Estâncias climáticas / hidrominerais	,2	,6	,5	,4	,1
Religião	,7	,0	,6	,3	,2
Parques temáticos	,9	,4	,5	,6	,2
Resorts / hotéis fazenda	,7	,9	,3	,2	,2
Cursos / estudo	,1	,7	,0	,6	,8
Praticar esportes	,2	,9	,2	,7	,7
Outro	,9	,5	,9	,9	,5
Total (*)	62,0	79,4	89,1	98,3	77,5

Fonte: INSTITUTO ESTRADA REAL / MERCURY, 2007, p. 28.

A partir de uma pesquisa com trinta e oito grandes agências de viagens de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, verificou-se que as potencialidades de um produto exclusivamente termal no mercado brasileiro são ainda muito baixas. Porém, acredita-se que o termalismo, associado a outros atrativos, é capaz de revalorizar as localidades turísticas e inseri-las no ciclo do capital. Foi verificado, também, que o termalismo pode se aliar à prática de esportes, elementos ligados à estética e a eventos culturais. A possibilidade de unir a prática do termalismo à retomada dos cassinos também não deve ser descartada (INSTITUTO ESTRADA REAL / MERCURY, 2007).

Uma alternativa apontada, recentemente, como possibilidade de relance das estâncias hidrominerais enquanto destinações turísticas é o turismo termal associado ao conceito de *wellness*, traduzido para o idioma português como “bem-estar”.

#### 1.4.2 O termalismo moderno associado ao bem-estar

A possibilidade de associar o termalismo ao conceito de bem-estar cresce juntamente com o retorno do culto ao corpo, em que a beleza e a estética são vistos como essenciais no mundo contemporâneo. Esse fato pode ser comprovado através de uma análise dos dados da indústria de cosméticos, tanto no Brasil quanto a nível mundial.

De acordo com dados da Associação Brasileira da Indústria da Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos – ABIHPEC, este setor apresentou um grande crescimento nos últimos doze anos. Em 1996, o setor teve um faturamento, livre de impostos sobre vendas, de R\$4,9 bilhões, enquanto em 2006, o seu faturamento cresceu para R\$17,5 bilhões. A ABIHPEC atribui o crescimento do setor a diversos fatores, destacando-se os mais relevantes: a participação crescente da mulher brasileira no mercado de trabalho e o aumento da expectativa de vida, o que traz a necessidade de conservar uma impressão de juventude. A Tabela 2 mostra os principais mercados nacionais de produtos de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos no ano de 2000. O Brasil ocupava, em 2000, o sexto lugar no ranking dos principais mercados desta indústria. Naquele ano, os primeiros mercados eram os Estados Unidos, o Japão, a Alemanha, a França e o Reino Unido. É relevante destacar que o Brasil apresentava números mais altos do que países europeus como a Itália e a Espanha no setor. Em 2006, com o crescimento do setor no País, o Brasil esteve bem próximo de ocupar a terceira posição no ranking.

TABELA 2

**Principais mercados nacionais de produtos de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos em 2000 (em US\$ bilhões)**

<b>País</b>	<b>Mercado</b>	<b>Participação (%)</b>
1. Estados Unidos	47,6	24,4
2. Japão	23,0	11,8
3. Alemanha	9,8	5,0
4. França	9,3	4,8
5. Reino Unido	9,0	4,6
<b>6. Brasil</b>	<b>8,5</b>	<b>4,4</b>
7. Itália	7,1	3,7
8. China	5,6	2,9
9. México	4,4	2,2
10. Espanha	4,3	2,2
TOTAL	195,0	100,0

Fonte: ABIHPEC.

Os dados da indústria de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos demonstram que existe um forte apelo pela beleza e pela estética tanto no mundo quanto no Brasil. Em vista disso, acredita-se que esta tendência do culto ao corpo pode contribuir para o relance do termalismo sob a base do bem-estar e da saúde física e psíquica. Com base neste conceito, o ambiente termal moderno se difere daquele do passado, tradicional, uma vez que não é mais visto apenas como local de terapia, mas, sobretudo, como lugar de férias, de bem-estar psicofísico, onde é possível associar novos tratamentos estéticos às terapias clínicas. O termalismo moderno é marcado pela passagem da visão científico-cartesiana na qual a cura é considerada terapia para uma visão holística:

“Tratar-se” passa a significar não apenas curar uma doença, mas sim ajudar a crescer, curar a própria saúde e a si mesmo. O comportamento holístico tem como meta o alcance de um bem-estar global psicofísico, e até espiritual, com a integração entre o corpo e a alma. O paradigma do meio termal passa do termalismo medicinal ao bem-estar termal, segundo uma dimensão holística que engloba e valoriza a parte propriamente medicinal da oferta. O bem-estar termal não trata apenas de uma tipologia de doenças, porém, sem perder a sua cientificidade terapêutica – preventiva, trata da saúde do homem no sentido geral e completo (INSTITUTO ESTRADA REAL / MERCURY, 2007, p. 10).

Além da estrutura e da tecnologia desenvolvidas para as piscinas termais, um vasto domínio vem sendo destinado à fisioterapia, equipamentos para sauna, *fitness* e *solarium*.

A hidroterapia, os banhos, a argila, a massagem, a hidromassagem, a máscara de argila, os tratamentos dietéticos e desintoxicantes são serviços que fazem crescer o fluxo da demanda de visitantes que sentem a necessidade de acalmar as tensões causadas pelo ritmo de vida da sociedade contemporânea, e que aspiram um local de passeio baseado no relaxamento. A demanda é sempre mais projetada no “termalismo do bem-estar” do que no termalismo de tratamento, sendo um verdadeiro negócio para a programação turística. (INSTITUTO ESTRADA REAL / MERCURY, 2007, p. 6).

A busca pelo bem-estar psíquico e pela perfeita forma física cresce a cada dia. O culto ao corpo tornou-se uma expressão de uma nova concepção de saúde, holística e dinâmica. Os serviços de bem-estar termal podem utilizar medicamentos, massagens orientais, plantas aromáticas e medicinais, acupuntura, medicina ayurveda, artes típicas do movimento new age e outras práticas ligadas ao bem-estar.

O turismo termal moderno não considera mais as termas como proposta única e central, mas como valor agregado a outras possíveis atividades sobre o território, que são definidas e desenvolvidas com os recursos ali presentes. Como exemplo dessas atividades, os especialistas apontam a enogastronomia (a arte da

adequação dos vinhos aos alimentos), a prática de esportes, os eventos culturais de alto nível.

Os cassinos foram essenciais para o desenvolvimento das estâncias hidrominerais de Minas Gerais entre 1930 e 1946. Em 1946, com a sua proibição, muitas destas destinações turísticas tiveram uma queda relevante no fluxo de turistas, o que torna essencial a análise da importância dos cassinos para estas destinações, bem como a possibilidade de reabri-los legalmente no País.

### 1.5 As destinações turísticas e os cassinos

Os cassinos estão se tornando uma grande atração do entretenimento globalizado (TEIXEIRA, 2007). De acordo com o autor, dois setores da economia global cresceram a taxas idênticas entre 2002 e 2007: o de turismo internacional e o de cassinos. “O aumento no volume de faturamento no mundo da roleta foi de 53% neste período” (TEIXEIRA, 2007). A expansão prevista para o setor com a inauguração de dezenas de cassinos nos próximos cinco anos, segundo a empresa de consultoria americana PricewaterHouseCoopers, não se dará apenas nos locais tradicionais do jogo como Las Vegas ou Mônaco, mas em novos centros de jogatina: Macau, Coréia do Sul, Cingapura, Rússia, países da Europa Ocidental e da África.

De acordo com Teixeira (2007), há várias explicações para o crescimento do número de cassinos no mundo. Uma foi a entrada de novos países no jogo como forma de atrair turistas. Nos últimos oito anos, três dezenas deles legalizaram os cassinos. Outra foi o ingresso dos grandes investidores no negócio. Os cassinos de Las Vegas, por exemplo, que até os anos 70 eram controlados pela máfia, hoje

estão nas mãos de fundos de investimento ou de pensão. Ou seja, o dono real de um cassino pode ser uma pequena associação de investidores do interior dos Estados Unidos que frequenta a igreja e que jamais arriscaria pessoalmente um dólar num jogo de azar. Em escala global, três grandes bancos de investimento, o Bank of America, o Goldman Sachs e o Deutsche Bank, disputam o financiamento da expansão dos cassinos. No comando dos empreendimentos estão empresários do ramo, companhias da área de entretenimento como os estúdios Universal, e empreendedores ousados como Richard Branson, dono do grupo Virgin.

Muitos cassinos erguidos em países em desenvolvimento levam o nome de suas matrizes americanas. Após a construção dos complexos, freqüentemente, eles passam a ser administrados por grandes cadeias de hotéis como os grupos Holiday Inn, Sheraton e Four Seasons. Os cassinos aproveitam a chegada de uma nova geração de jogadores que aprenderam a apostar na internet. “Até a moralista Cingapura, cidade-estado que multa quem cospe no chão, aderiu ao jogo” (TEIXEIRA, 2007). Em Cingapura, estão em construção dois imponentes cassinos, resultado de um investimento de sete bilhões de dólares. O autor descreve o projeto:

Um deles, o Genting, incluirá um parque temático da Universal Studios e um aquário gigante. A inspiração veio de Macau, colônia portuguesa entregue à China em 1999. Sem outros atrativos exceto um modesto conjunto de prédios coloniais, o enclave descobriu que dispunha de um tesouro: é o único trecho do território chinês no qual o jogo de azar é liberado. Sete cassinos foram abertos no ano passado em Macau. O maior cassino do mundo, o Venetian, será inaugurado na semana que vem. Terá canais com gôndolas, shopping center e um centro de convenções. (TEIXEIRA, 2007).

Em 2007, existiam cerca de 7.400 cassinos em todo o planeta. Entre os dez países que mais faturam com os cassinos estão, respectivamente, Estados Unidos, Macau, Rússia, França, Canadá, Austrália, Alemanha, África do Sul, Coreia

do Sul e Inglaterra. Em 2006, os Estados Unidos faturaram US\$57,5 bilhões, enquanto Macau faturou US\$7 bilhões e a França faturou US\$3,5 bilhões. Entre os países onde mais crescem os cassinos, estão, respectivamente, México, Filipinas, Macau, Venezuela, Espanha, África do Sul, Portugal, Chile e Coréia do Sul. A previsão de aumento do faturamento desses países, até o ano de 2011, é de 110% para o México, 24% para as Filipinas e 15% para Macau (TEIXEIRA, 2007).

No entanto, a expansão mundial do jogo não ocorre sem resistência. Em Cingapura, grupos cristãos e muçulmanos reclamam que o jogo produz viciados e aumenta a criminalidade. Analisando estes dois efeitos nocivos da prática do jogo, Teixeira (2007) afirma que:

A veracidade do primeiro efeito está fora de discussão. Já a relação direta com a criminalidade é discutível. Um estudo realizado por duas universidades americanas mostrou que não mais de 30% dos crimes em cidades com cassinos nos Estados Unidos estão relacionados à jogatina. Um em cada dois membros dos Jogadores Anônimos do país declara ter roubado para financiar o vício. Também ocorrem crimes simplesmente porque a presença de turistas atrai assaltantes e outros criminosos. O crime maior – a lavagem de dinheiro – pode ser controlado com um sistema eficiente de fiscalização.

Segundo Teixeira (2007), curiosamente, em alguns países o cassino é visto não como um estímulo à sonegação fiscal, mas, sim, como uma medida para compensar a inabilidade do estado em coletar outros impostos. O México e a Rússia são os exemplos mais notórios. Descobriram que é mais fácil e eficaz coletar impostos sobre o jogo do que tentar coibir a sonegação fiscal generalizada que existe nesses países. A fórmula para tirar apenas os benefícios da jogatina consiste em manter um controle rígido sobre as atividades e movimentação de dinheiro nos cassinos.



No Brasil, os cassinos foram proibidos em 1946 e, desde então, as destinações onde eles se localizavam sentem o peso do seu fechamento. O item a seguir discutirá a possibilidade de legalização dos cassinos no Brasil.

### 1.5.1 A legalização dos cassinos no Brasil

A discussão acerca dos jogos de azar no Brasil, principalmente dos cassinos, ganhou força em 2008 em virtude das recentes conversas entre instituições ligadas ao jogo e o Governo Federal acerca da possibilidade de legalizar e regulamentar os cassinos, o jogo do bicho e o bingo no País. O Governo Federal considera a possibilidade de reabertura dos cassinos em locais de interesse turístico e, em outros, se esta for a única alternativa ao desenvolvimento econômico.

De acordo com Sousa (2007), o projeto de lei que visa à legalização e à regulamentação dos jogos de azar no Brasil teve origem na Câmara dos Deputados, em 1996, ao substituir outras propostas, e chegou ao Senado, onde foi aprovado nas Comissões de Constituição e Justiça e de Assuntos Econômicos, mas acabou arquivado em 2006 porque o prazo para a sua aprovação espirou. A versão original do projeto, de acordo com o autor, traz de volta o tradicional modelo de hotel-cassino, como funcionava o Quitandinha, em Petrópolis. O ex-deputado Dércio Knop, autor do Projeto de Lei 91/96 que visa à legalização e regulamentação dos cassinos no País, citado por Paixão e Gândara (1999, p.13), afirma que antes da proibição, existiam no Brasil 71 cassinos que empregavam 60 mil trabalhadores direta e indiretamente.

O município mineiro de São Lourenço, segundo o ex-parlamentar, foi criado em 1927 e era o menor de todos os municípios do estado. Ainda assim,

possuía oito cassinos no total, seguindo o exemplo de muitas estações termais e de férias da Europa. Naquela época, surgiram 40 hotéis ao redor dos cassinos por iniciativa da empresa privada que atraía visitantes da classe média-alta de São Paulo e Rio de Janeiro, além de argentinos, uruguaios e paraguaios que chegavam em linhas aéreas regulares e diárias. Acerca dos cassinos de Minas Gerais, Paixão e Gândara (1999, p. 22) afirmam que no Estado de Minas Gerais, os cassinos de Lambari; o Grande Hotel do Barreiro de Araxá; o Hotel Brasil de São Lourenço; e os de Poços de Caldas eram os mais requisitados. Uma linha aérea diária regular unindo Belo Horizonte e São Paulo ao Rio de Janeiro emprestava charme e comunicação eficaz aos empreendimentos. As bebidas eram muito baratas e a entrada proibida para menores de 21 anos, a exemplo do marketing que se faz atualmente na maioria dos cassinos do mundo. O luxuoso cassino do Hotel Brasil promovia bailes inesquecíveis e shows arrebatadores.

De acordo com Paixão e Gândara, o início dos cassinos no Brasil aconteceu na década de 1920:

Eis o início da era dos cassinos no Brasil. A sugestão partiu do então presidente da República Epitácio Pessoa, acanhado com a falta de instalações adequadas para receber o Rei Alberto I, da Bélgica, quando de sua visita oficial ao Brasil em setembro de 1920. A concepção de um hotel de luxo à beira-mar sensibilizou o empresário Octávio Guinle. A exigência em anexar um cassino ao empreendimento, foi aceita pelo presidente. Em seguida, o empreendedor escolheu uma área distante da população pobre da cidade, à beira-mar. Vencida a crítica da época que desconfiava do êxito de um hotel-cassino construído *“tão longe do centro do Rio de Janeiro”* segundo os jornais da época. (PAIXÃO E GÂNDARA, 1999, P. 11).

O Decreto nº 3.987, assinado pelo presidente Epitácio Pessoa em 2 de janeiro de 1920, visava reorganizar os serviços de Saúde Pública. E ao conceder autorização para a realização de jogos de azar, impulsionou os cassinos e as estações balneárias, termais e climáticas. Paixão e Gândara (1999) afirmam que

uma vez licenciados e sujeitos à taxa de cobrança de 15%, estes complexos passaram a funcionar sem que incidissem nas disposições penais relativas ao jogo. O dinheiro arrecadado – previa o decreto – visava formar um fundo especial para o custeio da profilaxia rural e das obras de saneamento básico no interior do Brasil. Esta *“taxa de quinze por cento sobre o produto líquido dos jogos de azar licenciados”*, consubstanciou a forma de arrecadação (Decreto-Lei nº 3.987, 1920). Assim o governo federal encontrou meios para fazer caixa e enfrentar as graves questões de saúde pública daquela difícil fase da vida brasileira.

A regularização para uma estância hidromineral que abrigava cassinos, conforme atestam Paixão e Gândara (1999), sempre coube aos governos nacionais ou locais. Os altos impostos eram aplicados a todos os estabelecimentos, fossem eles da iniciativa privada, do poder público ou mesmo mistos. O complexo deveria abrigar hotel, restaurante, bar, piscina, salões, salas para conferências e festas beneficentes. As mulheres podiam jogar nos cassinos, sem representarem mais do que 25% dos freqüentadores e deveriam sempre estar acompanhadas de seus maridos, mesmo nos shows e espetáculos.

Conforme Paixão e Gândara (1999), os cassinos brasileiros funcionaram normalmente até que o marechal Eurico Gaspar Dutra, em 30 de abril de 1946, com base no art. 180 da Constituição Federal outorgada em 1937, restabeleceu através do Decreto Lei 9.215 a vigência do art. 50 e seus parágrafos da lei das contravenções penais (DL 3.688 de 2 de outubro de 1941). Os autores ressaltam a justificativa dada pelo presidente da República:

a repressão aos jogos de azar é um imperativo da consciência universal; a legislação penal de todos os povos cultos contém preceitos tendentes a esse fim; a tradição moral jurídica e religiosa do povo brasileiro é contrária à prática e à exploração de jogos de azar e das exceções abertas à lei geral,

decorreram abusos nocivos à moral e aos bons costumes. (PAIXÃO e GÂNDARA, 1999, p. 15).

Desta forma, as licenças e concessões para a prática e exploração de jogos de azar na Capital Federal e nas estâncias hidroterápicas, balneárias ou climáticas foram definitivamente canceladas. Acerca da proibição dos cassinos, Paixão e Gândara (1999) afirmam que ao assinar o decreto, Dutra estava no poder a apenas 120 dias e tinha sido eleito graças ao apoio de Getúlio Vargas que havia liberado os cassinos doze anos antes. Portanto, não deixava de ser temerária, politicamente, a decisão de fechar os cassinos:

Apesar de carente de provas documentais, afirmavam as “más línguas” que o antigo tropeiro Joaquim Rolla, dono dos cassinos da Urca, Atlântico, Icaraí (Niterói) e Quitandinha (Petrópolis), era uma espécie de “testa-de-ferro” de Benjamin, irmão de Vargas. Adversários “juravam” que os cassinos funcionavam como espécie de “caixa dois” de Getúlio. O certo é que ocasionou mais de 53.200 desempregos diretos e indiretos, e enorme frustração no meio artístico. (PAIXÃO e GÂNDARA, 1999, p. 15)

No ato da proibição do jogo, os cassinos do Brasil ofereciam um amplo ambiente de descontração – restaurante; salão de baile, bar e música; e jogos de cartas, roleta e baccarat –, em ambiente de glamour, onde as pessoas acabavam por conhecer a riqueza ou a pobreza. “Historicamente, a manutenção e recuperação da saúde, associada ao divertimento e entretenimento por meio do jogo, sempre foi estratégia de hotéis-cassinos e *resorts* em diversos países, enquanto no Brasil durou apenas um quarto de século” (PAIXÃO e GÂNDARA, 1999, p. 22).

Do decreto de Dutra – em 1946 – aos dias atuais, tramitaram no Congresso mais de 100 projetos visando à legalização de cassinos no Brasil, todos sem êxito. O juiz aposentado Walter Maierovitch, presidente do Instituto Brasileiro

Giovanni Falcone, estudioso da criminalidade transnacional, é da opinião que os antigos jogadores dos cassinos não foram atraídos em 1993 pelos bingos, permitidos à época, pela Lei Zico (PAIXÃO e GÂNDARA, 1999, p. 9).

As tentativas de legalização dos cassinos no Brasil, apresentadas a seguir, foram enumeradas por Paixão e Gândara (1999), ao estudar este tema. Os autores afirmam que em 1994, o ex-deputado José Fortunati (PT-RS) quase conseguiu que a matéria fosse ao plenário no Senado, mas acabou estagnada na Comissão de Assuntos Sociais por duas legislaturas e foi arquivada. O gaúcho de Sarandi Leonel Arcângelo Pavan, ex-prefeito do Balneário Camboriú, eleito para três mandatos (1988-1996-2000) e atual senador da República por Santa Catarina (1º/02/2003 a 31/01/2011), apresentou propostas de regulamentação de cassinos e de bingos, mas as retirou posteriormente.

O senador Édison Lobão (PFL-MA) foi relator, à época, da Comissão de Constituição e Justiça que analisou o projeto de Lei que já veio da Câmara aprovado terminativamente (quando não há votação em plenário), numa compilação das propostas anteriores. O senador Lobão rebateu os senadores contrários à regulamentação, afirmando que a prostituição é inimiga do cassino, argumentado que o interesse da garota de programa é tirar o jogador da roleta e levá-lo para sua casa, completamente contrário ao do cassino, que quer manter o cliente na mesa de jogo.

Quando o senador Pavan apresentou em 2003 o Projeto de Lei propondo a legalização de cassinos e hotéis-cassino, argumentou que o funcionamento de cassinos dependeria de autorização dos estados e do Distrito Federal e somente seria permitida em municípios onde o turismo fosse atividade econômica preponderante. O número máximo de cassinos por estado ficaria limitado a cinco e

para evitar o monopólio, o projeto previa que nenhuma pessoa física ou jurídica poderia deter o controle, ser cotista, acionário ou ter relação contratual com mais de duas empresas autorizadas no país e nenhuma empresa poderia obter mais de uma autorização no mesmo estado, nem mais de duas no país. Mesmo assim, não prosperou.

Outra proposta, protocolada em 25 de novembro de 2004 no Congresso pelo senador Mozarildo Cavalcanti (PTB-RR) previa o funcionamento dos cassinos apenas em regiões como o Pantanal e a Amazônia. Pelo projeto, somente Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins poderiam abrigar os cassinos, e foi encaminhado para receber emendas à CCJ - Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, e em 31/03/2005 foi distribuído ao Senador João Batista Motta para emitir relatório. Até o ano de 2008, nenhuma proposta foi bem sucedida.

Segundo o presidente da LOTERJ, em entrevista para a Associação Brasileira das Loterias Estaduais – ABLE, a falta de uma legislação clara em relação ao jogo no Brasil tem ocasionado uma série de problemas como a exploração ilegal de jogos, a corrupção e o constrangimento de apostadores. Ele afirma que se a legislação permitisse que os estados, através de suas loterias estaduais controlassem as atividades lotéricas, “certamente bingos, jogo do bicho e cassinos não seriam caso de polícia”. De acordo com ele, a indústria dos jogos gera no país em torno de 320 mil empregos diretos e indiretos, em grande parte ocupados por jovens e mulheres. Só a atividade do bingo gerava cerca de 150 mil empregos diretos. Complementando, ele afirma que é preciso retirar a indústria do jogo do cenário policial e colocá-la no lugar “correto”, o da indústria de entretenimento, fonte geradora de inserção social e de empregos, o que acontece nos sete países mais

ricos do mundo - Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, Grã-Bretanha, Itália e Canadá - onde o jogo é liberado e regulamentado pelo Estado. Finalmente, ele aponta que dos 108 países membros da Organização Mundial de Turismo, apenas o Brasil e Cuba não têm os jogos regulamentados.

Enfim, enquanto prossegue o debate acerca da legalização dos jogos de azar no Brasil, a população brasileira continua na condição de grande apostadora, seja nas loterias oficiais; nas casas de jogos ilegais; nos cruzeiros marítimos que aqui aportam; ou ainda, nos vários cassinos de fronteira que contribuem para a fuga de divisas do país. Este fato tem sido utilizado como um dos argumentos a favor da legalização dos jogos de azar no Brasil, principalmente dos cassinos, uma vez que os empresários do setor turístico das localidades onde existiam cassinos vêm, através da sua legalização e regulamentação, uma grande possibilidade de retomada destes destinos que deixaram de receber, a partir da segunda metade da década de 40, grande parcela de turistas cuja maior motivação era a prática dos jogos de azar.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A necessidade de conhecimentos sobre turismo que apóiem as decisões, em seus diferentes setores de atuação, é de fundamental importância para os profissionais e pesquisadores da área. As decisões que vierem a ser tomadas no campo do turismo deverão estar embasadas no conhecimento desse fenômeno e na capacidade de observação da realidade, a fim de que sejam adequadas e eficientes em relação ao contexto social.

A busca dessa aproximação, entre modelo e realidade, deve ser realizada de forma sistemática e controlada, no intuito de diminuir as chances de erro nas avaliações efetuadas. Todos os pesquisadores procuram proceder conforme regras genéricas, aceitas por quase todas as ciências, e é nesse sentido, segundo Dencker (2003), que existe um método científico. Nogueira, citada por Dencker (2003, p.19), conceitua o método científico como “[...] a sucessão de passos pelos quais se descobrem novas relações entre fenômenos que interessam a um determinado ramo científico ou aspectos ainda não revelados de um determinado fenômeno.” Basicamente, o método científico consiste em formular questões ou propor problemas, efetuar observações, registrar cuidadosamente as observações feitas, procurando responder às perguntas formuladas ou resolver problemas propostos, rever conclusões, idéias e opiniões anteriores que estejam em desacordo com as observações e respostas resultantes.

No caso das ciências sociais e do turismo, a busca do conhecimento encontra-se inserida na realidade histórica, de modo que, ao mesmo tempo em que busca adquirir o saber, o pesquisador está aperfeiçoando uma metodologia e elaborando a norma. Os dados históricos são específicos e únicos, isto porque as



características de qualquer questão social são: provisoriedade, dinamismo e especificidade, pois o objeto das ciências sociais é histórico (DENCKER, 2003).

Diante da confrontação entre a teoria adotada pelo pesquisador e a realidade que ele busca compreender, é necessário que ele faça uma opção metodológica que irá nortear os caminhos da pesquisa. Tendo em vista os objetivos a serem alcançados neste trabalho, optou-se pela pesquisa qualitativa. As características principais dos estudos qualitativos são a visão holística, a abordagem indutiva e a investigação naturalística:

A visão holística parte do princípio de que a compreensão do significado de um comportamento ou evento só é possível em função da compreensão das inter-relações que emergem de um dado contexto. A abordagem indutiva pode ser definida como aquela em que o pesquisador parte de observações mais livres, deixando que dimensões e categorias de interesse emergam progressivamente durante os processos de coleta e análise de dados. Finalmente, investigação naturalística é aquela em que a intervenção do pesquisador no contexto observado é reduzida ao mínimo. (DENCKER, 2003, p.36).

Em geral, na maioria das pesquisas qualitativas se propõe a preencher lacunas do conhecimento, tendo caráter descritivo ou exploratório, e poucas se originam no campo teórico. De acordo com Dencker (2003), as pesquisas qualitativas caracterizam-se pela utilização de metodologias múltiplas, sendo as mais utilizadas a observação, a entrevista em profundidade e a análise de documentos.

Segundo Barbosa (2002), quando se pensa em pesquisa qualitativa pensa-se um conceito muito abrangente que abriga em si correntes de pesquisa muito variadas, como, por exemplo, a Pesquisa-Participante, a Pesquisa-ação, o Estudo de Caso, a Etnografia, a História da Vida. Este trabalho optou pelo Estudo de

Caso, uma vez que ele permite buscar o conhecimento em profundidade do que se pretende estudar.

O estudo de caso pode envolver exame de registros, observação de ocorrência de fatos, entrevistas estruturadas e não-estruturadas ou qualquer outra técnica de pesquisa. O objeto do estudo de caso, por sua vez, pode ser um indivíduo, um grupo, uma organização, um conjunto de organizações ou até mesmo uma situação.

Como o estudo de caso é uma das formas de se fazer pesquisa qualitativa, ele não apresenta uma estrutura tão rígida no desenvolvimento da pesquisa como acontece com as pesquisas quantitativas. Ao invés de uma série de fases estanques e rigidamente ordenadas, nota-se a presença de tarefas que se intercambiam e que, muitas vezes, podem acontecer ao mesmo tempo. Sendo assim, o termo “fases” da pesquisa é substituído por tarefas a serem executadas.

Essas tarefas, que serão apresentadas a seguir, constituem o que comumente se chama nas pesquisas sociais de delineamento. Esse delineamento, de acordo com Gil, citado por Barbosa (2002, p.23), “refere-se ao planejamento da pesquisa em sua dimensão mais ampla, envolvendo tanto a diagramação quanto a previsão de análise e interpretação de coleta de dados.” No delineamento, tem-se expresso, em linhas gerais, como a pesquisa foi desenvolvida, a descrição do processo de delimitação da unidade-caso, os procedimentos técnicos que foram utilizados na coleta, interpretação e análise de dados e a forma que foi elaborado o relatório final.

## 2.1 A delimitação do caso a ser estudado

Este foi o ponto de partida da pesquisa e possui um caráter mais exploratório. Consistiu na definição do campo da pesquisa e na formulação de um primeiro esboço do plano de trabalho, plano este que foi sendo mais bem delineado na medida em que a pesquisa avançou. Aqui foram sistematizadas as primeiras idéias que levaram à investigação, a formulação do problema e das questões iniciais, a delimitação mais clara e precisa do objeto de estudo e uma pré-escolha dos instrumentos que seriam utilizados para a coleta e análise dos dados.

O declínio das primeiras destinações turísticas do estado de Minas Gerais apontado pela literatura – as estâncias hidrominerais – chamou a atenção desta pesquisadora, em especial o caso de São Lourenço (MG). Apesar de ser um dos menores municípios mineiros, São Lourenço possui uma ampla infra-estrutura turística e de apoio ao turismo, bem como o maior parque hoteleiro do estado, com cerca de aproximadamente sete mil leitos. Entre os seus atrativos turísticos, está um conjunto de fontes de águas minerais com propriedades terapêuticas e capacidade curativa de diversas enfermidades. A composição química e a qualidade de suas águas as tornam únicas e especiais e foram, desde o início do século XX, responsáveis pela consolidação da cidade como destinação turística para o turismo termal. A literatura encontrada acerca do termalismo no Brasil aborda, de forma geral, o período que se estendeu até o ano de 1946, marcado pela proibição dos jogos de azar no País, que culminou com o fechamento dos cassinos nas estâncias hidrominerais. Desde o início do século XX, muitas mudanças ocorreram no que diz respeito ao fenômeno turístico. Surgiram novas modalidades de turismo, outras demandas em função dos modismos e do caráter efêmero que caracteriza a

sociedade moderna. A lacuna acerca do turismo termal deixada pela literatura a partir da segunda metade da década de 40 instigou esta pesquisadora a buscar meios de compreender o turismo no município de São Lourenço em sua perspectiva histórica, desde a descoberta das águas minerais até a primeira década do século XXI, com vistas a reconhecer os eventos que se seguiram após o fechamento dos cassinos e o declínio do termalismo científico.

Para atingir tal objetivo, optou-se por aplicar o conceito do ciclo de vida das destinações turísticas de Butler (1980) para o estudo do turismo em São Lourenço, visando a responder aos seguintes questionamentos, ao final da pesquisa: a) Como nasceu a atividade turística em São Lourenço? b) Qual a relação do município com o turismo na atualidade? c) Quais as (im) possibilidades do turismo em São Lourenço na atualidade? d) Quais as perspectivas dos atores sociais envolvidos no turismo para esta atividade? e) Qual a participação de São Lourenço no Circuito das Águas?

Uma vez delimitada com maior clareza a área de pesquisa para o estudo de caso, passou-se então para a tarefa de coleta de dados necessários ao desenvolvimento desta pesquisa.

## 2.2 Coleta de Dados

A coleta de dados é a fase do método de pesquisa que tem por objetivo obter informações sobre a realidade. Segundo Dencker (2003), conforme as informações necessárias existem diversos instrumentos e formas de operá-los. Nas ciências humanas o questionário e a entrevista são os mais frequentes e possuem

em comum o fato de serem constituídos de uma lista de indagações que, se respondidas, dão ao pesquisador a informação necessária.

Para coletar os dados necessários ao desenvolvimento deste estudo de caso foram buscadas informações em variadas fontes. Além das diversas fontes de informações, neste estudo de caso, foram utilizadas técnicas variadas, que variaram em conformidade com os objetivos da pesquisa e as possibilidades oferecidas no próprio campo. Assim, nesta pesquisa utilizou-se entrevistas semi-estruturadas e a análise de documentos. Estes procedimentos serão detalhados mais adiante.

A coleta de dados teve início capital do estado, Belo Horizonte. Foram realizados estudos na Secretaria de Turismo de Minas Gerais – SETUR, no Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR, no Instituto de Geociências Aplicadas – IGA, bem como em outros locais onde foi necessário pesquisar. Visando a compreender melhor a participação do governo estadual no planejamento turístico regional, o primeiro local a ser estudado foi a SETUR, onde foram feitas duas entrevistas semi-estruturadas com dois funcionários, turismólogos, responsáveis pelo processo de certificação dos circuitos turísticos do estado de Minas Gerais – processo pelo qual todos os circuitos devem passar para receber investimentos do Governo. Durante as entrevistas foram feitas perguntas acerca de: o tipo de investimento direcionado aos circuitos, o tipo de apoio do governo aos circuitos, as exigências feitas pelo governo para a formação de um circuito, os objetivos do Programa Circuitos Turísticos de Minas Gerais, o papel da SETUR no planejamento turístico, as dificuldades encontradas pelos municípios para a formação e manutenção dos circuitos, dentre outras. Os roteiros de entrevistas utilizados nesta pesquisa encontram-se ao final desta, no anexo I.

Na busca por mapas e documentos, foi encontrado, no IGA, o Mapeamento Geoambiental da Região do Circuito das Águas, diagnóstico feito pelo órgão para servir de apoio ao planejamento e a tomada de decisões na área de abrangência do estudo. De modo a aprofundar o conhecimento acerca da elaboração deste documento e, também, da região onde se localiza o município objeto de estudo deste trabalho, foram realizadas quatro entrevistas semi-estruturadas com funcionários e ex-funcionários do IGA que participaram do diagnóstico. Foram entrevistados três geógrafos e uma turismóloga. Durante as entrevistas, foram destacados aspectos de fundamental importância a serem verificados em campo, previamente identificados por estes técnicos do IGA. São eles: a falta de registro de dados sobre o turismo na região, o despreparo do poder público para a gestão do turismo, a desarticulação dos atores envolvidos na atividade turística, bem como a insatisfação com a gestão do turismo na região.

Após a etapa de coleta de dados em Belo Horizonte, foi necessário preparar para a entrada no campo. Então, foram verificadas as condições de acesso ao campo, de permanência, e a disponibilidade dos atores para as entrevistas, visando a prevenir as possíveis dificuldades que poderiam ser encontradas, removendo algumas barreiras que eventualmente pudessem ser colocadas pelas pessoas e instituições relacionadas ao objeto de estudo. De modo a garantir o acesso aos atores fundamentais para a pesquisa, foi usado o critério indicação, em que um ator sugeria a participação de outro ator e ele mesmo viabilizava o contato, criando-se um elo entre a pesquisadora e os diversos atores a serem entrevistados. Sendo assim, tanto os atores previamente definidos pela pesquisadora quanto aqueles sugeridos, de acordo com a relevância de sua participação, foram inseridos na pesquisa.

Alguns passos a serem dados pelo pesquisador ao selecionar os informantes da pesquisa foram elencados por Lincoln e Guba, citados por Barbosa (2002, p.29): identificar os participantes iniciais, emergência ordenada da amostra, focalização contínua da amostra, encerramento da coleta.

No caso desta pesquisa, após a realização das entrevistas previamente programadas, foram entrevistados outros atores na medida em que surgiu a necessidade de se buscar maiores informações a partir de diferentes pontos de vista. Levando em conta o fato de que grande parte dos conhecimentos existentes não pode ser encontrada de forma escrita, pois faz parte das experiências das pessoas, a pesquisadora tentou localizar os atores que, em função do cargo que ocupam, de sua experiência de vida e de sua situação em relação ao objeto de estudo, acumularam informações preciosas sobre o problema que se pretendia investigar.

Sabe-se que são vários os atores inseridos na atividade turística – poder público, setor privado e comunidades. Considerando o tempo e os recursos de que se dispunha para a realização do trabalho de campo, foram entrevistados os seguintes atores: Poder Público – Secretaria de Turismo de São Lourenço, Secretaria de Meio Ambiente e Serviços Urbanos de São Lourenço, Secretaria de Cultura de São Lourenço, SEBRAE de São Lourenço, Associação dos Municípios pertencentes ao Circuito das Águas –; Setor Privado – hoteleiros, comerciantes, proprietários de restaurantes, artesãos, garçons, condutores de charretes, funcionários responsáveis pela gestão dos atrativos turísticos da cidade, Presidente da Associação Comercial de São Lourenço, Presidente da ONG Viva São Lourenço Viva, Presidente do Sindicato de Hotéis, Bares e Restaurantes, dentre outros –; Comunidades – moradores antigos, historiadores. Considerando as entrevistas

realizadas em Belo Horizonte e em campo, foram entrevistados 29 atores ligados ao segmento do turismo.

### 2.2.1 Entrevista

De acordo com Dencker (2003), a entrevista é uma comunicação verbal entre duas ou mais pessoas, com um grau de estruturação previamente definido, cuja finalidade é a obtenção de informações de pesquisa. A entrevista tem uma relação assimétrica, uma vez que as relações pessoais do pesquisador e do entrevistado são um processo bidirecional ou de influência mútua entre as pessoas. As perguntas são feitas oralmente e as respostas registradas pelo pesquisador. Ainda segundo a autora, a entrevista pode ser a principal técnica empregada ou estar inclusa no processo de observação. Em geral, nas pesquisas qualitativas, as entrevistas são pouco estruturadas, assemelhando-se a uma conversa. A entrevista é a técnica indicada sempre que se tem necessidade de dados que não podem ser encontrados em registros ou fontes documentárias, sendo, também, especialmente indicada para o levantamento de experiências.

As entrevistas podem ser estruturadas ou semi-estruturadas. Selltiz et.al., citado por Barbosa (2002, p.39), define a entrevista semi-estruturada como aquela onde o entrevistador se utiliza apenas de um guia de tópicos e as respostas são completamente livres.

No caso desta pesquisa, foram utilizadas as entrevistas semi-estruturadas. Em vista dos diversos atores ligados ao turismo a serem entrevistados e, conseqüentemente, das diferentes abordagens a serem feitas, o roteiro das entrevistas foi cuidadosamente elaborado de modo a alcançar os resultados



esperados, ou seja, adquirir um volume de informações suficientes para a resposta aos questionamentos previamente propostos nesta pesquisa.

Durante a realização das entrevistas, buscou-se motivar o entrevistado e criar confiança entre ele e o pesquisador. Foi preciso que o pesquisador estivesse sempre atento para a compreensão das perguntas por parte dos entrevistados. Quanto houve necessidade, o pesquisador repetiu a pergunta de outra forma, para que o entrevistado pudesse compreendê-la. O registro das entrevistas foi feito através de gravação, utilizando-se um gravador de voz digital de alta resolução. Antes do início de cada entrevista, a pesquisadora esclarecia a importância da utilização deste recurso e, desta forma, nenhum entrevistado se opôs. A utilização deste recurso foi fundamental para o bom andamento da pesquisa, principalmente porque as entrevistas eram semi-estruturadas e novas questões surgiam durante a conversa.

Foram feitas duas pesquisas de campo em São Lourenço, uma com duração de cinco dias em Janeiro de 2007 e outra em Abril de 2008, com duração de sete dias. Durante o primeiro campo, optou-se pela participação de um Geógrafo cuja função foi auxiliar a pesquisadora durante as entrevistas buscando uma abordagem mais geográfica. O Geógrafo escolhido é Mestre em Geografia pela UFMG. O segundo campo foi marcado pela presença de um especialista em fotografia.

### 2.2.2 Pesquisa Documental

Para enriquecer este estudo de caso e, ainda, contribuir para o maior conhecimento do objeto de estudo a ser pesquisado, utilizou-se, além das entrevistas, a pesquisa documental como instrumento de coleta de dados. Para efeito desta pesquisa foram utilizados como documentos de análise: o Programa Circuitos Turísticos de Minas Gerais elaborado pela SETUR, o Mapeamento Geoambiental do Circuito das Águas elaborado pelo IGA (2000), o diagnóstico elaborado por um grupo de consultoria italiana para o Instituto Estrada Real intitulado Desenvolvimento Turístico das Estações Termais de Minas Gerais (2007), o Diagnóstico do Circuito das Águas elaborado pelo SEBRAE em 2006, e o Plano Diretor Municipal de São Lourenço (2007).

Alguns documentos foram adquiridos antes da ida a campo, enquanto outros foram entregues à pesquisadora em São Lourenço. Sendo assim, a análise da maior parte dos documentos foi feita posteriormente a ida a campo, juntamente com as informações coletadas durante as entrevistas. As dúvidas que surgiram puderam ser mais bem esclarecidas durante a segunda ida a campo.

### 2.3 Análise dos dados

Após a coleta de dados a pesquisadora concentrou sua atenção na análise e na interpretação das informações coletadas. O objetivo da análise foi reunir as observações de maneira coerente e organizada, de forma que fosse possível responder ao problema da pesquisa. A interpretação dos dados coletados e das

informações adquiridas durante as entrevistas resultou na reconstituição histórica do fenômeno turístico em São Lourenço, no preenchimento da lacuna deixada pela literatura acerca dos fatos que ocorreram no município após 1946 e, finalmente, na identificação da relação de São Lourenço com a atividade turística na primeira década do século XXI. Visando a garantir a precisão da análise do fenômeno turístico em São Lourenço, optou-se pela utilização do conceito de ciclo de vida das destinações turísticas proposto por Butler, em 1980, que consiste em um modelo composto de estágios por que passa uma localidade onde o turismo é desenvolvido. A aplicação do conceito de Butler bem como a sistematização dos dados coletados proporcionaram uma visão bem ampla da realidade em questão, possibilitando a resposta aos questionamentos que nortearam esta pesquisa. Os resultados desta pesquisa serão apresentados nos capítulos 3 e 4, a seguir.

### 3 O FENÔMENO TURÍSTICO EM SÃO LOURENÇO (MG): DO TERMALISMO E CASSINOS À BUSCA PELO LAZER

O turismo termal foi o responsável pelo surgimento de estâncias hidrominerais no Brasil e, principalmente, em Minas Gerais onde se destaca o município de São Lourenço, por diversas razões, dentre elas a qualidade de suas águas minerais comparadas às famosas águas francesas e, também, por ter abrigado os mais bem freqüentados cassinos do estado.

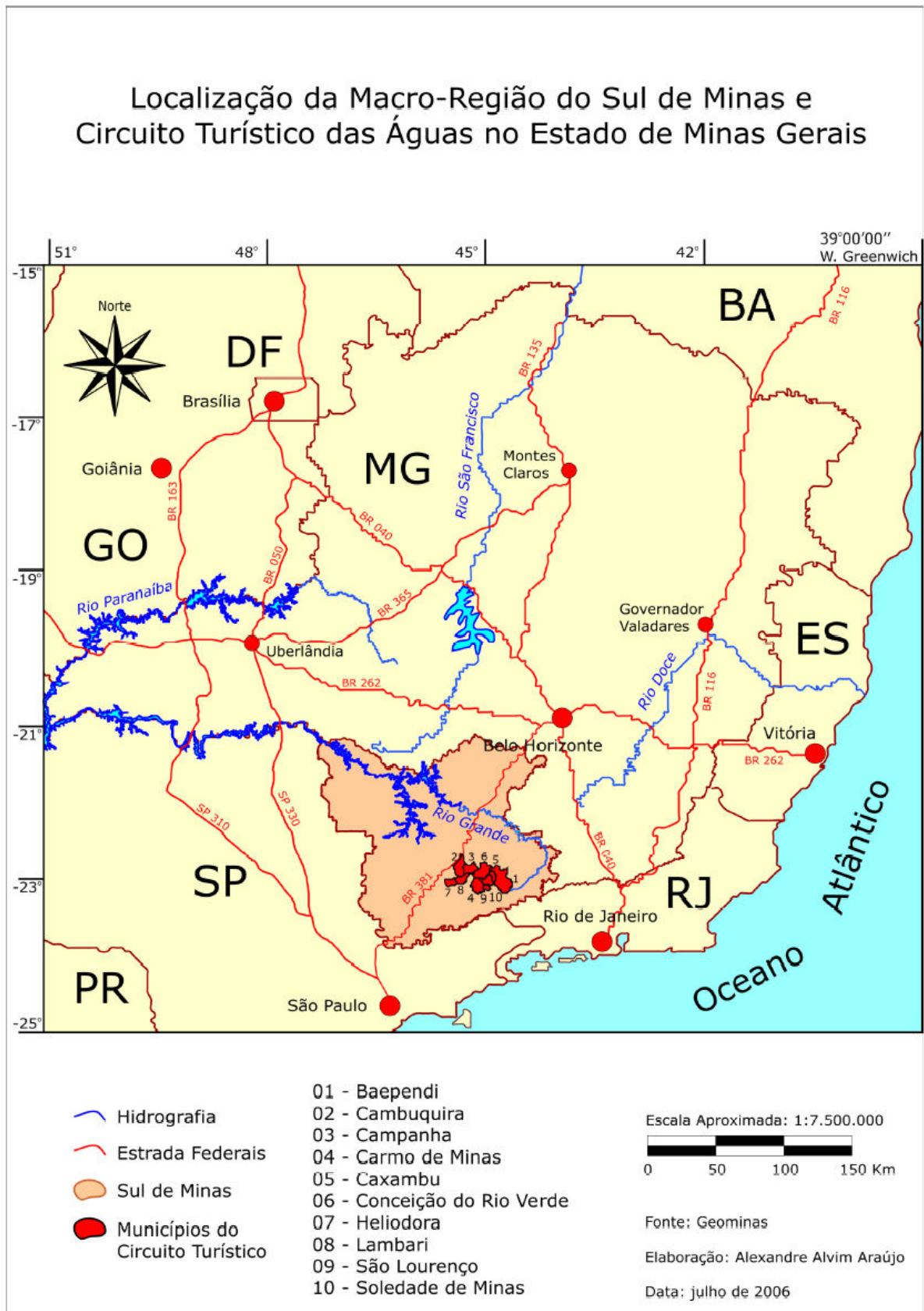
De acordo com informações contidas no Plano Diretor Municipal de São Lourenço (2007), município objeto de estudo deste trabalho, o turismo tem contribuído fortemente para economia local e, ainda nos dias atuais, exerce um papel de grande importância para a geração de emprego e renda em São Lourenço. No entanto, a população, os comerciantes e demais atores sociais ligados à atividade turística apontam a situação de declínio por que passa esta estância hidromineral. Apesar da suposta dependência econômica e social do município em relação à atividade turística local, sabe-se que a contribuição do turismo, no passado, para São Lourenço, era muito maior.

Este capítulo, em seu primeiro item, apresenta um histórico da origem de São Lourenço e sua relação com o turismo ao longo dos séculos XIX-XXI, visando à identificação dos períodos em que ocorreram as quedas no fluxo turístico, bem como a compreensão das possíveis razões que levaram o turismo no município de São Lourenço ao “declínio”, como apontam os hoteleiros e comerciantes que lá residem. A palavra “declínio” é utilizada no senso comum sem o devido critério e por vezes pode ser confundida com a situação de “estagnação”. Buscar-se-á compreender melhor o turismo em São Lourenço para, no capítulo seguinte, traçar um paralelo

entre a reconstituição histórica do turismo no município e os estágios do ciclo de vida das destinações turísticas descritos e analisados por Butler (1980).

O segundo item deste capítulo apresenta os atrativos turísticos mais relevantes e de maior potencial no município de São Lourenço representados pelo Parque das Águas, o Trem das Águas, o artesanato e as charretes. Finalmente, o terceiro item deste capítulo analisa a inserção do município de São Lourenço no contexto da regionalização do turismo no estado de Minas, através do Programa Circuitos Turísticos de Minas Gerais, a partir de São Lourenço, que compõe o Circuito das Águas constituído por dez municípios conforme mostra a Figura 2.

FIGURA 2



### 3.1 A origem de São Lourenço e sua relação com o turismo

A primeira referência às águas de São Lourenço, de acordo com Oliveira (1987), remonta a 1817, na obra do padre Manoel Ayers do Casal intitulada “Corografia Brasílica”. Neste trabalho, o autor menciona que junto a um ribeirão que desemboca no Rio Verde existe “água vitrólica, gasosa”. O local onde se localizavam estas fontes era conhecido como Fazenda Bomba e pertencia a João Francisco Viana, português que ali residia com sua família. A Fazenda Bomba pode ser vista na Figura 3. Sobre João Francisco Viana, Fagundes afirma:

Um português de nome Viana, residente na metrópole, transferiu sua residência para esta região. Espírito penetrante e, por certo, aventureiro, estabeleceu-se aqui, na ancia de obter maiores recursos financeiros, explorando o desconhecido. Com a saúde abalada, experimenta o uso dessas águas, conseguindo uma cura radical que considerou milagrosa. Assim, o valor terapêutico, ainda desconhecido, destas águas, foi propalado pela boca popular, como sendo extraordinário e de milagroso efeito, na cura de certas doenças. (FAGUNDES, 1935).

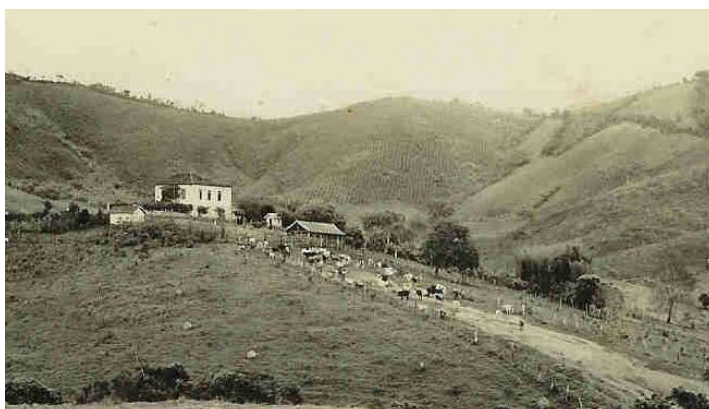


Figura 3 – Fazenda Bomba no final do século XIX  
Fonte: Acervo da Casa da Cultura de São Lourenço

A experiência de Viana com as águas atraiu os moradores da fazenda e das regiões vizinhas. De acordo com Oliveira (1987), os colonos da fazenda e moradores da redondeza, por simples curiosidade ou certos das virtudes curadoras das águas e por “ouvir dizer” que as mesmas eram tão boas quanto as “Virtuosas de Campanha e Baependi”, se dispuseram a usá-las e, com surpresa, passados alguns dias, os que eram enfermos alcançavam curas definitivas. A autora coloca que:

A água tornou-se famosa e desejada. Agora não eram apenas curiosos que vinham certificar-se das curas “milagrosas”, beber na própria nascente, mas doentes, que em maior ou menor escala, foram colhendo resultados benéficos (OLIVEIRA, 1987, p. 15).

Com a morte de João Francisco Viana, em 1874, seus filhos desmembraram a fazenda, “iniciando assim o retalhamento sucessivo da imensa propriedade” (OLIVEIRA, 1987, p. 19). Ainda segundo a autora, em maio de 1887 Manoel Dias Ferraz e Adolpho Schmidt adquiriram as terras onde estavam localizadas as fontes. Mais tarde, em 1889, as estórias dos “milagres” de “Águas do Viana”, nome pelo qual o município de São Lourenço era conhecido naquela época, despertaram o interesse do Comendador Bernardo Saturino da Veiga, natural de Campanha, pela possibilidade de exploração de suas águas.

Em 1890, o Comendador adquiriu as terras onde se encontravam as fontes e conseguiu, junto ao Governador do Estado de Minas, José Cezário de Faria Alvim, o privilégio de exploração das águas, criando a Empresa de Águas Minerais de São Lourenço. A partir de então, segundo Fagundes (1935), iniciam-se obras de captação das fontes minerais. Para trabalhar nas obras, foram trazidos de São Paulo um engenheiro, um assistente de engenheiro e duzentos operários, dentre eles



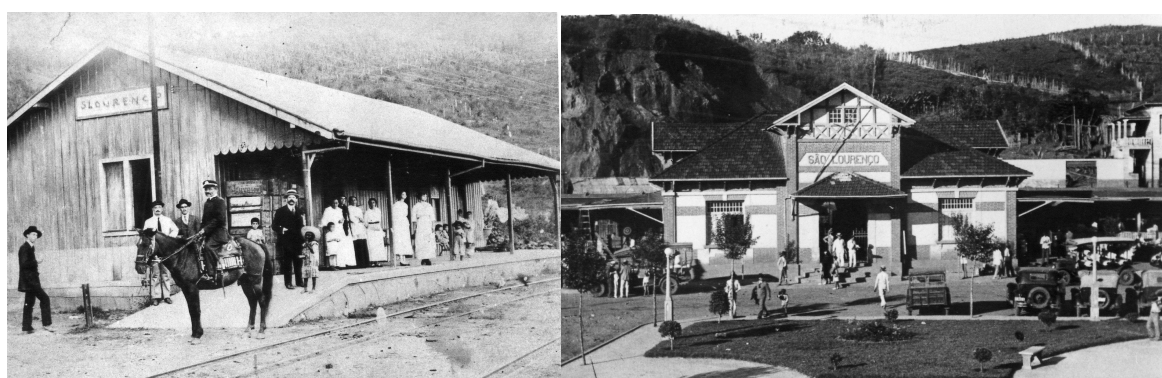
famílias de imigrantes italianos que se estabeleceram definitivamente na cidade (JUNQUEIRA 2008, p. 35).

Nas duas décadas que se seguiram, de acordo com registros da época, 541 lotes foram vendidos para 130 famílias vindas dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Os registros das primeiras escrituras de imóveis encontrados por Junqueira (2008) mostram que a vocação turística de São Lourenço teve início antes mesmo de se tornar município, em 1927, com a emergente demanda de hotéis que surgiam para hospedar o crescente número de visitantes no início do século XX:

Entre a relação de proprietários de lotes de terrenos em São Lourenço, anotamos os nomes de algumas pessoas que desempenharam papel importante na nossa história: Maria Angélica de Sousa Queiroz e Barros (Baronesa Queiroz e Barros), proprietária de 5 lotes na quadra 42, onde construiu sua bela Vivenda, que a partir de 1918 se transformou no majestoso Hotel Brasil; Capitão José Pedro da Costa, pioneiro da hotelaria, construtor do Hotel “Beau Séjour”; (...) Sr. Luiz Deotti, construtor da antiga “Pensão Stela”, localizada na esquina do atual calçadão com a Av. D. Pedro II. (JUNQUEIRA, 2008, p. 41).

No final do século XIX, até o surgimento do aeroporto de São Lourenço em 1935, o meio de transporte utilizado para se chegar à estância era o trem da ferrovia “Minas and Rio Railway”, criada em 1884, cuja sede estava na Inglaterra. Segundo o diretor da Estação Ferroviária de São Lourenço, em entrevista realizada em campo por esta pesquisadora, esta ferrovia de 170 km tem início na estação de Cruzeiro, São Paulo, na linha Central do Brasil, e passa por seis municípios incluindo Passa Quatro, Itanhandú, Pouso Alto, São Lourenço, Soledade, Conceição do Rio Verde, até chegar a Três Corações. Na viagem inaugural do trecho de Passa Quatro a Três Corações, em 1884, estava presente a Corte Imperial, incluindo Sua Majestade D. Pedro II, de acordo com Pimenta, Eleutério e Caramuru (2003). Conforme afirmam esses autores, a primeira estação ferroviária de São Lourenço foi

construída em madeira, em 1894. Posteriormente, em 1925, foi construída uma nova estação, após a conclusão da obra da ponte ligando o Bairro da Estação ao centro da cidade. A melhoria do acesso à estação ferroviária fez com que ela ganhasse importância e tivesse o seu movimento incrementado. As figuras 4 e 5 mostram a Estação Ferroviária de São Lourenço no início do século XX e após a sua ampliação.



Figuras 4 e 5 – Estação Ferroviária de São Lourenço em 1900 e em 1930  
Fonte: Acervo da Casa da Cultura de São Lourenço

O período que se seguiu, entre 1890 e 1905, foi marcado pelo estabelecimento de algumas casas residenciais e comerciais. No entanto, a urbanização da cidade não acompanhava o seu crescimento. Apesar dos diretores da Empresa de Águas terem idealizado um plano de urbanização para São Lourenço, as obras para a capitação das fontes consumiram todo o capital disponível, não sendo possível investir na urbanização: “Com os primeiros empreendimentos realizados logo se esgotou o capital destinado ao prosseguimento de outras iniciativas” (FAGUNDES, 1935). O autor ainda destaca, naquela época, o desinteresse do poder público em relação a São Lourenço, por este pertencer ao município de Cristina.

Em 1891, São Lourenço recebeu sua primeira visita ilustre, o Presidente do Estado, José Cezário Alvim, que excursionava pelo sul de Minas. Suas impressões foram registradas por Fagundes (1935): “Vou encantado pelo que observei de coragem e enérgico empreendimento por parte dos que vão levantar nas Águas de São Lourenço novo estabelecimento balneário e nova e bela cidade”.

O ano de 1892 foi marcado pela inauguração da fonte gasosa e, quatro meses depois, da ermida de Bom Jesus do Monte. Na figura 9 é possível ver a fachada da ermida e o seu interior. Segundo Fagundes (1935), quatro meses após a inauguração da Fonte Gasosa, foi projetada a construção de uma igrejinha que foi edificada numa colina ao norte da fonte magnesiana. A projetada ermida de “Bom Jesus do Monte” invocava São Lourenço, em homenagem à memória do cel. Lourenço Xavier da Veiga, membro da família proprietária da Empresa de Águas. A partir de então, “Águas do Viana” passou a se chamar “São Lourenço”.

Em 1905, São Lourenço inicia um novo período de crescimento, com a chegada de Affonso França. Este empreendedor adquiriu a concessão das águas, com todas as benfeitorias e tudo quanto pertencia à primitiva companhia, e logo introduziu maquinários modernos e necessários à exploração das águas. Ele construiu os edifícios para o engarrafamento, depósitos e oficinas e desenvolveu uma intensa propaganda de São Lourenço, segundo Junqueira (2008).

O falecimento de Affonso França, em 1908, resultou na transferência da Empresa de Águas Minerais de São Lourenço para a Companhia Vieira Mattos, do Rio de Janeiro, onde o registro da atual empresa de águas de São Lourenço permanece até hoje. Ainda no início do século XIX, o Sr. Antônio Junqueira de Souza, grande proprietário de terras, doou e vendeu a preços baixos muitos lotes de seu terreno, favorecendo a melhoria da urbanização da estância.

Até os primeiros anos do século XX, o acesso a São Lourenço era precário e quase inexistiam hotéis na cidade. Entretanto, o engarrafamento das águas minerais e a propaganda feita pela Empresa de Águas de São Lourenço, aliada à sua fama curativa, contribuiu para o crescimento do número de veranistas na estância, fazendo surgir, a partir de 1912, os primeiros hotéis. Através das informações coletadas em entrevistas realizadas em campo por esta pesquisadora com moradores antigos do município, nesta fase, verifica-se, em São Lourenço, o aumento do número de visitantes e, conseqüentemente, o fornecimento de infraestrutura primária – serviços de saúde, bancos, transporte – ou até mesmo exclusiva para os visitantes – hospedagem, alimentação, lazer. Apesar de não haver registros dos números de visitantes em São Lourenço no início do século XX, a crescente construção de estabelecimentos de hospedagem e as fotografias de seus hóspedes nas primeiras décadas daquele século podem comprovar este fato. O município de São Lourenço passou a buscar, junto ao Governo Federal, a melhoria dos transportes, do saneamento urbano, e dos sistemas de comunicação. Junqueira (2008) descreve o surgimento dos primeiros hotéis:

Por volta de 1912, crescia o número de veranistas. O lugarejo passou a ser conhecido. O valor terapêutico das águas despertava atenção. Em 1917 já existiam três hotéis e duas pensões. Em fins daquele ano abriu-se mais: Pensão São José, de Antonio Luiz Goulart; Pensão Antonieta, que depois, teve o nome mudado para “Pensão Miranda”. Adquirida depois por Manoel G. da Costa, este mudou-lhe o nome para “Parc Hotel”. (...) Em 1918 surgiram mais três. Outros quatro vieram depois com pequenos intervalos. (JUNQUEIRA, 2008, p. 81).

As décadas de 1910 e 1920, em São Lourenço, se destacaram em virtude de uma série de acontecimentos. Em 1919, foi inaugurada a luz elétrica. Três anos depois, o município já dispunha de água encanada, de um posto de meteorologia e de uma estação do telégrafo nacional. Na década de 20 também foram construídos

os primeiros edifícios do município e os passeios de charrete se tornaram um atrativo para os turistas. O primeiro edifício construído na cidade foi o do Hotel Brasil que funciona até hoje no mesmo local. Acerca desta construção, Fagundes (1935), jornalista de São Lourenço, afirma em seu álbum ilustrado cujo objetivo era a divulgação da estância:

Num golpe de audacioso empreendimento, depois de ter provado a sua capacidade construtiva, o Sr. João Lage nos surpreende, edificando um imponente arranha-céu de sete andares. E a cidade, se orgulhando de ostentar tão majestoso edifício, símbolo da tenacidade e operoso dinamismo de João Lage, lhe perpetuará o nome à posteridade. (FAGUNDES, 1935).

Em 1927, São Lourenço alcança sua almejada independência, tornando-se município. Naquela época, o comércio varejista era precário, afirma Junqueira (2008). Havia um armazém de “secos e molhados”, uma casa especializada em ferragens e louças e uma fábrica de cerâmicas. Mais tarde, surgiu a primeira indústria de laticínios, que gerou empregos na cidade, os primeiros bares e barbearias, e a casa de doces de São Lourenço. De acordo com um hoteleiro, em entrevista realizada em campo por esta pesquisadora, até a década de vinte, a frequência das estâncias hidrominerais, principalmente falando de São Lourenço, era feita de maneira ocasional para turistas que iam beber água mineral, se recuperar. Era uma estação de cura, dentro do conceito tradicional.

O período necessário para o tratamento de enfermidades era de 21 dias, durante os quais o paciente deveria consumir a água mineral em horários pré-estabelecidos pelos médicos de acordo com o resultado que se pretendia atingir. Segundo o técnico do Parque das Águas, em entrevista realizada em campo por esta pesquisadora, depois de retirada da fonte, a água mineral deve ser consumida

em menos de 24 horas, caso contrário ela perde suas propriedades terapêuticas. Tais especificidades auxiliavam a garantir a permanência dos turistas/pacientes na estância durante todo o período do tratamento. Os turistas/pacientes vinham para São Lourenço se tratar, acompanhados de suas famílias e, de fato, tinham hábitos semelhantes aos dos turistas de lazer quando suas condições de saúde lhes permitiam. Os costumes dos turistas que visitavam São Lourenço nas primeiras décadas do século XX são descritos por Junqueira:

Os veranistas gostavam de fazer passeios a pé pelas cercanias, ou então a cavalo, por montes e vales. Havia os que preferiam ir à estação no horário dos trens ou passear de charrete. Era comum ouvir-se o chiar monótono dos carros de bois... Na falta de cassinos, os hóspedes se distraíam jogando pôquer na sala de jantar, enquanto outros na sala de visitas brincavam de prendas, dançavam ou namoravam. O espírito criador do turista não tinha limites. Preparavam novidades e surpresas de sucesso, como bailes, serenatas, e outras brincadeiras para matar o tempo. (JUNQUEIRA, 2008, p. 89)

Na década de 1930 foram criados os primeiros cassinos. A partir de então, não eram apenas os enfermos que iam a São Lourenço a fim de recuperar a saúde. Com a exploração do jogo de azar (roleta, baccará, víspera, etc.), iam também os aventureiros para arriscar a sorte no jogo, tentando a fortuna fácil:

Alguns ganhavam, e ficavam eufóricos com a “sorte”; outros perdiam tudo. Penhoravam jóias de valor, e, muitas vezes, ficavam devendo aos próprios proprietários de hotéis onde se achavam hospedados” (JUNQUEIRA, 2008, p. 134).

A Figura 6 mostra um dos mais conhecidos cassinos de São Lourenço, o Cassino Brasil. Este cassino se localizava próximo ao Parque das Águas e sofreu um incêndio na década de 1950. Hoje não existe mais. Junqueira (2008) aponta os primeiros cassinos da estância:

Os Ballarini lançaram a “primeira semente”. A firma Lísicio & Cia. construiu o Cassino Palácio, defronte ao Palácio Hotel (...). Depois, João Lage, o dinâmico proprietário do Hotel Brasil, construiu o Cassino Brasil. A seguir, surgiram os Cassinos Excelsior, Ideal e Monte Carlo. (JUNQUEIRA, 2008, p. 134).



Figura 6 – Cassino Brasil, 1929.  
Fonte: Acervo da Casa da Cultura de São Lourenço

Não apenas os donos dos cassinos se beneficiavam com o lucro deles provenientes, mas também as camadas sociais da sociedade eram favorecidas com a existência dos cassinos. Lucravam os hoteleiros e comerciantes, os músicos, que tinham seu emprego garantido nos cassinos, os taxistas, que rodavam dia e noite, transportando hóspedes dos hotéis para os cassinos e vice-versa. Lucravam, ainda, os garçons, que recebiam “polpudas” gorjetas, os condutores de charretes, as pessoas que alugavam cavalos e até os engraxates que ficavam aguardando clientes na porta dos hotéis, conforme afirma Junqueira (2008).

Durante o tempo em que funcionaram os cassinos eles contribuíram muito para o crescimento e o desenvolvimento de São Lourenço. O capital que circulava através do jogo movimentava os outros segmentos da cidade e as ofertas de empregos eram muitas. O turismo de jogo atraía as classes mais altas da sociedade

originadas dos estados de Rio de Janeiro e São Paulo, através do transporte aéreo. Naquela época, funcionava o aeroporto de São Lourenço. Junqueira (2008, p. 209) afirma que a sua inauguração se deu no ano de 1935. O aeroporto funcionou até a década de 50 com vôos regulares. Devido ao restrito tamanho de suas pistas, não pôde receber os grandes aviões utilizados pela maior parte das companhias aéreas em seus vôos domésticos o que resultou no seu fechamento. Em 1935, a Empresa de Águas Minerais de São Lourenço inaugurou o balneário, até hoje existente no Parque das Águas, onde se localizam todas as fontes de água mineral.

Na figura 7, o Parque das Águas na década de 1930 e o prédio do balneário, ao fundo, nas margens da lagoa, se destacam em uma São Lourenço com aparência mais rural apesar dos arruamentos. O edifício mais alto, à esquerda do balneário, é o Hotel Brasil, com seus sete andares, um grande marco de modernidade naquela época.

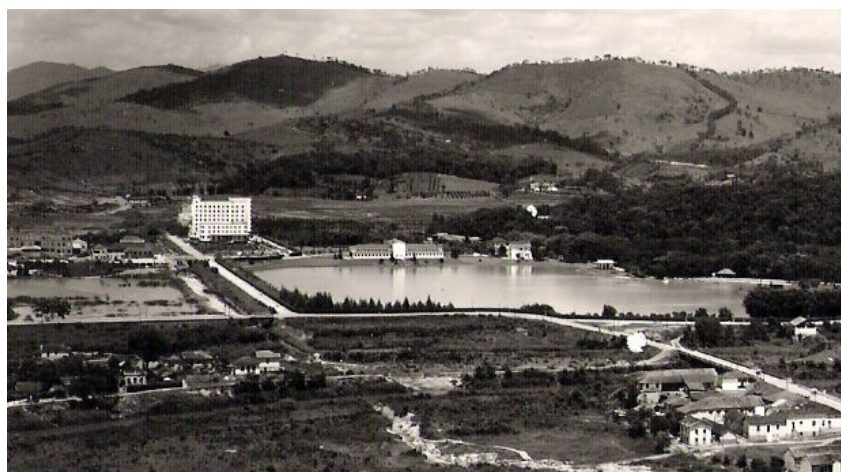


Figura 7 – Parque das Águas na década de 1930  
Fonte: Acervo da Casa da Cultura de São Lourenço

O balneário visava a atender a demanda dos enfermos, oferecendo o banho carbo-gasoso, eficaz para a cura das doenças de circulação, bem como para



o tratamento de stress, segundo Fagundes (1935). Em sua inauguração, a estrutura do balneário contava com 24 banheiras para os banhos carbo-gasosos, permitindo mais de 30 banhos por hora; duas salas para duchas escocesas; duas salas para inalações individuais; duas salas para massagens; um gabinete para consultas médicas e a sala de espera correspondente, além de outras divisões e instalações necessárias aos estabelecimentos balneários. A Figura 8 retrata uma das antigas salas de banho do balneário.



Figura 8 – Sala de Banho do balneário do Parque das Águas, 1935.  
Fonte: Acervo do Parque das Águas de São Lourenço.

No ano de 1931, São Lourenço recebeu a visita de mais uma pessoa ilustre, o Presidente Getúlio Vargas. A ele, foram atribuídas algumas melhorias da cidade: “Quando São Lourenço iniciava sua trajetória para o desenvolvimento, foi através dele, que os nossos líderes políticos conseguiram obter algumas melhorias para a cidade” (JUNQUEIRA, 2008, p. 57). Getúlio Vargas, de acordo com o autor, visitava São Lourenço acompanhado da família e de alguns assessores, ficando sempre hospedado no Hotel Brasil, na suíte presidencial. As horas de lazer do Presidente, que vivia cercado de políticos, eram aproveitadas para caçar, montar a cavalo ou participar de algum evento no Parque das Águas, afirma Junqueira (2008).

O autor aponta uma interessante curiosidade sobre a visita do Presidente, conforme apresentada na figura 9:

Uma particularidade da época é que, durante a estada do Presidente, São Lourenço passava a ser Capital Federal, pelo fato de quase todos os Ministros e alguns Governadores virem com freqüência a São Lourenço para despacharem com o Presidente. (JUNQUEIRA, 2008, p. 57).



Figura 9 – Presidente Getúlio Vargas no Parque das Águas -1930  
Fonte: Acervo da Casa da Cultura de São Lourenço

São Lourenço recebeu, também, a visita de outros famosos Presidentes do Brasil, como Jânio Quadros, Tancredo Neves e Juscelino Kubitschek e, ainda, a visita da Miss Brasil Martha Rocha, em 1954. A Figura 10 mostra a Miss Brasil Marta Rocha entre os atletas do Esporte Clube de São Lourenço, em 1954.



*Miss Brasil Martha Rocha com os jogadores do E.C.S.L. - 1954*

Figura 10 – Miss Brasil Martha Rocha em São Lourenço, 1954.  
Fonte: Acervo da Casa da Cultura de São Lourenço

Durante as décadas de 30 e 40, São Lourenço se desenvolveu, tanto com as melhorias obtidas através do Presidente Vargas, quanto em razão do aumento considerável do fluxo de turistas que visitavam o município não apenas para tratamento de saúde, mas também em função dos cassinos que ofereciam diversão para toda a família. Os cassinos dispunham de restaurantes, salões de baile, bares com música ao vivo e jogos de cartas, roleta e bazará. De acordo com um importante hoteleiro de São Lourenço, em entrevista realizada em campo por esta pesquisadora, a partir da década de 30, a possibilidade de entretenimento nos cassinos aconteceu concomitantemente à mudança de conceito por parte da hotelaria de São Lourenço. Os hotéis da estância deixaram de apresentar o modelo tradicional da hotelaria doméstica – hospedagem e alimentação – e passaram a ser, também, um local de entretenimento a partir da oferta de bailes, festas, bingos, reuniões e instalação de cassinos. Segundo este hoteleiro, o sucesso do turismo em São Lourenço nas décadas de 30 e 40 pode ser atribuído à freqüente presença do

Presidente Getúlio Vargas na estância, juntamente com todo o *staff* do Governo Federal daquela época, vindos da Capital Federal, Rio de Janeiro. A cada visita do Presidente Vargas à estância, São Lourenço ganhava maior notoriedade na Capital Federal e nos estados vizinhos. Na Figura 11 os hóspedes de um dos hotéis da cidade, em 1935, faziam questão de registrar suas passagens pelos estabelecimentos com todos neles envolvidos.



Figura 11 – Hóspedes do Hotel Silva, 1935.  
Fonte: Acervo da Casa da Cultura de São Lourenço

A ascensão do turismo nesta estância hidromineral permaneceu até a segunda metade da década de 1940. Em 1946, com a proibição dos cassinos pelo marechal Eurico Gaspar Dutra, São Lourenço viveu sua primeira crise, com a diminuição considerável do fluxo de turistas que visitavam a cidade em busca de entretenimento através do jogo. Como o principal atrativo desta estância hidromineral foi suspenso, a economia do município foi fortemente abalada uma vez que a maior parte do capital proveniente do turismo era resultante da atividade dos cassinos. Conseqüentemente, São Lourenço teve sua primeira grande crise econômica na segunda metade da década de 40. O hoteleiro, ex-presidente da Associação Comercial e do Sindicato de Hotéis, Bares e Restaurantes de São Lourenço, herdeiro de um grande e luxuoso hotel da cidade, cuja família está no

ramo de hotelaria há oitenta anos, descreve, sucintamente, as décadas seguintes a esta grande crise:

Foi necessário se criar ao longo dos anos 50 e 60, e foi muito difícil, novas opções além de apenas a estação de tratamento de cura. Então se criou atrativos nos hotéis, as primeiras piscinas de hotéis, as primeiras quadras de esportes de hotéis, a valorização do comércio como uma maneira de atrair e prender o turista, para ele voltar a São Lourenço. Tudo isso teve que nascer na década de 50 e 60 justamente em função do bloqueio da atividade do jogo em 46. (hoteleiro).

A infra-estrutura criada pela hotelaria nas décadas de 50 e 60 não foi suficiente para mitigar a crise econômica por que passava o setor hoteleiro e o segmento turístico em São Lourenço. De acordo com o diagnóstico Instituto Estrada Real / Mercury (2007), a frequência nas estâncias hidrominerais se dava muito mais em função dos cassinos do que em razão da busca pelo tratamento de saúde. A partir do fechamento dos cassinos, não se criou nenhum atrativo com potencial turístico semelhante, o que resultou na diminuição dos turistas no município e na conseqüente crise desta estância hidromineral.

Diante da situação de crise do turismo nas estâncias hidrominerais como um todo, a partir de 1977, a EMBRATUR, em parceria com as operadoras de turismo Urbi et Orbi e Soletur, criou o Programa Pró-estâncias que visava ao rejuvenescimento das estâncias hidrominerais. No caso de São Lourenço, o Programa Pró-estâncias tinha o objetivo de trazer turismo de grupos de excursão para o município durante a baixa temporada e alimentar o sistema, o contraponto de alta e baixa temporada. De acordo com os hoteleiros de São Lourenço, esse programa saiu-se muito bem e ajudou muito a melhorar o turismo no município nas décadas de 70 e 80. Outra tentativa de rejuvenescimento que se destacou neste período foi a melhoria da infra-estrutura dos grandes hotéis, que a incrementaram de forma semelhante ao modelo resort, passando a oferecer piscinas térmicas, piscinas

tradicionais, salão de baile com shows e festas regulares, lojas de comércio, salões de jogos, salões de leitura, cinemas e etc. Por outro lado, a completa e moderna infra-estrutura oferecida pelos grandes hotéis contribuiu para a desvalorização dos pequenos hotéis e pousadas que não dispunham de capital para investimentos em melhorias. A técnica do SEBRAE, em entrevista realizada em campo por esta pesquisadora, afirmou que os grandes hotéis passaram, então, a receber as famílias de classe média-alta enquanto os pequenos hotéis e pousadas passaram a receber os grupos de excursão da terceira idade de classe social mais baixa.

Em 1980, período em que houve a explosão das megalópoles Rio de Janeiro, Belo Horizonte, cidades do Vale do Paraíba, São Paulo, explodiu em São Lourenço a construção civil de apartamentos para turistas. Houve então, na década de 1980, uma expressiva expansão urbana da cidade, em função da construção de um grande número de edifícios para turistas veranistas e, também, para pessoas de outros estados que decidiram se instalar definitivamente em São Lourenço. O dono de uma imobiliária em São Lourenço, em entrevista realizada em campo por esta pesquisadora, afirmou que a procura de apartamentos pelos turistas se deu na década de 1980. A estimativa fornecida pelo dono da imobiliária é de que em média 40% dos imóveis da cidade pertencem a forâneos que neles se hospedam durante finais de semana, feriados e férias escolares. Existem prédios em que mais de 70% dos apartamentos pertencem a pessoas de fora que residem ali ou que ficam fechados durante os dias da semana. De acordo com ele, os turistas veranistas compraram apartamentos para neles se hospedarem durante os feriados, finais de semana e férias escolares com o intuito de ao se aposentarem, poder residir em São Lourenço definitivamente. A maior parte dos apartamentos adquiridos por forâneos está localizada próximo ao Parque das Águas, na área turística do município.

Entre os edifícios construídos na década de 1980, destacam-se os “espigões”, assim chamados pela população local insatisfeita com a presença destes prédios com mais de dez andares localizados em frente ao Parque das Águas. Naquela época, ainda não havia restrições quanto ao tamanho e a altura permitida para edifícios na região turística da cidade. A partir de então, a área próxima ao Parque das Águas se modernizou, perdendo a aparência de pacata e pequena estância hidromineral do início do século XX. Em 2005 o código de posturas foi criado e determinou que os edifícios construídos na área turística da cidade deverão ter no máximo sete andares. Na figura 12 é possível ver os “espigões” localizados no chamado calçadão, em frente ao Parque das Águas.



Figura 12 – Edifícios construídos na década de 1980  
Fonte: Acervo da Casa da Cultura de São Lourenço

A expressiva expansão urbana de São Lourenço, na década de 1980, que ocorreu em função do “boom” imobiliário já mencionado, resultou na ocupação de áreas de risco, de recarga hídrica e de matas ciliares. O número de áreas verdes no

município de São Lourenço foi reduzido e, além disso, o risco de enchentes nessas áreas aumentou.

Na década de 1990, de acordo com o hoteleiro e ex-presidente da Associação Comercial e do Sindicato de Hotéis, Bares e Restaurantes, São Lourenço sofreu outro grande impacto:

Em 1990, surge uma nova crise endêmica. Que é a crise oriunda dos múltiplos destinos turísticos que o Brasil criou a partir da década de 90. E, também, a questão da estabilização da economia que permitiu ao brasileiro viajar muito mais para o exterior. Então, nós passamos a enfrentar, a partir da década de 90, cinco grandes problemas: os múltiplos destinos e as fontes de financiamento que permitiam a acessibilidade da viagem para qualquer lugar do Brasil ou exterior; a queda da procura pelo turismo de saúde, estação de águas; a queda dos atrativos naturais da cidade, ou seja, passaram a surgir cidades com mais atrativos, mais beleza, com coisas mais rústicas; a rede hoteleira, já pressionada pelo “boom” da construção civil, não investiu e acabou ficando defasada; falta de gestão pública e de políticas públicas para acudir essas emergências, que há mais de vinte, vinte e cinco anos nós não temos. (hoteleiro).

A compreensão dos cinco grandes problemas que ocorreram a partir da década de 90, mencionados tanto pelo hoteleiro citado anteriormente quanto pelos representantes dos demais segmentos econômicos da cidade, serão discutidos um a um, respectivamente. O primeiro problema é o surgimento dos múltiplos destinos turísticos criados a partir da década de 90, apontado pelos representantes do setor hoteleiro, pelo gestor do Circuito das Águas e pelo Secretário de Turismo. Isto foi possível através do rápido avanço da tecnologia de informação, que permitiu o estreitamento das fronteiras e o barateamento dos serviços turísticos, ligando



localidades em todos os cantos do mundo. São Lourenço passou, então, a concorrer com diversas localidades turísticas tanto no Brasil quanto no mundo. Acerca do barateamento dos serviços turísticos, pode-se citar o financiamento das passagens aéreas e dos pacotes turísticos facilitados pelas operadoras de viagem em até dez parcelas sem juros. Outro fator importante que merece ser destacado é a melhoria da infra-estrutura das cidades do litoral nordestino na década de 90, que através de programas de desenvolvimento elaborados pelo Governo Federal, como o Prodetur-NE, se lançaram como destinos turísticos, oferecendo novas tendências de mercado, como os *resorts* e os parques temáticos. Entre os novos destinos que surgiram na década de 90, além do litoral nordestino, destacam-se as destinações no exterior em função da baixa do dólar, na gestão do Presidente Fernando Henrique Cardoso (1994-1998), com o plano de estabilização econômica intitulado “Plano Real”.

O segundo problema é a queda na procura das estâncias hidrominerais para o tratamento de saúde. Este fato é apontado pela literatura ligada ao tema: Silva Júnior (2004), Quintela (2004), Instituto Estrada Real / Mercury (2007). A queda da procura pelo turismo de saúde nas estâncias hidrominerais é atribuída por Silva Junior (2004) à ascensão do modelo norte-americano de medicina científica na década de 50, que não considera o valor dos processos naturais como instrumentos terapêuticos. A diminuição do fluxo de turistas que buscavam o tratamento de saúde nas estâncias hidrominerais resultou na crise da hotelaria de São Lourenço, pois o período do tratamento de 21 dias praticamente solucionava a questão da sazonalidade da ocupação dos hotéis no passado. Quintela (2004) associa a queda da procura pelas estâncias hidrominerais para o tratamento de saúde ao declínio do termalismo científico e ao encerramento das cadeiras de hidrologia médica nas

Universidades de Medicina de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro. Sem o embasamento científico e o aprofundamento do conhecimento médico acerca das propriedades terapêuticas das águas termais, o termalismo deixou de ser incentivado e recomendado aos doentes. O diagnóstico Instituto Estrada Real / Mercury (2007) coloca que a frequência nas estâncias hidrominerais até o final da década de 40 era motivada em maior parte pelos cassinos do que pelo tratamento de saúde, o que justifica a diminuição dos turistas em São Lourenço após a proibição dos jogos de azar no Brasil. Como o número de turistas/pacientes em São Lourenço era menor do que os que buscavam os cassinos, diante da ascensão do modelo norte-americano de medicina científica e o declínio do termalismo científico no Brasil, houve a queda do turismo em São Lourenço tanto para tratamento de saúde quanto para a prática dos jogos de azar que foram proibidos no mesmo período.

O terceiro problema é a concorrência que São Lourenço sofreu em virtude da redução de sua área verde e do aparecimento de destinações turísticas mais atraentes, do ponto de vista da beleza natural e da diversificação de atrativos na natureza. A expansão urbana de São Lourenço, na década de 1980, resultou na diminuição da área verde da cidade. A mesma década, contraditoriamente, foi marcada pela “fuga das cidades” e a “busca do verde”, favorecendo o surgimento de novas práticas de turismo ligadas à natureza, pressupondo sua valorização e conservação. Surgiu, então, uma nova tendência, o ecoturismo e o turismo de aventuras, que oferecem atividades como caminhadas, ciclismo, *rafting*, *mountain bike*, *motocross* e toda uma série de esportes alternativos na natureza onde todos os seus elementos estimulam a descoberta, a iniciação, a educação e o espírito de aventura. No cenário nacional e estadual, destacaram-se cidades que possuíam

grandes áreas de preservação incluindo matas, florestas, cachoeiras, rios e lagos, como Bonito, no Mato Grosso do Sul, por exemplo. São Lourenço, por seu um dos menores municípios do País, e não possuir área rural, não oferece a possibilidade da prática do turismo de aventura. O Parque das Águas oferece apenas a possibilidade de caminhadas e passeios de pedalinho.

A falta de espaço físico do município de São Lourenço, em função de seu reduzido limite territorial, juntamente com a rápida expansão urbana ocorrida a partir da década de 80, acarretou em graves problemas urbanos: a disposição dos resíduos sólidos da cidade, conforme apontam o Secretário de Meio Ambiente e o Promotor de São Lourenço. O local de disposição dos resíduos sólidos de São Lourenço encontra-se saturado e, de acordo com a Fundação estadual do Meio Ambiente – FEAM, deve ser imediatamente desativado. Segundo o Secretário de Serviços Urbanos e Meio Ambiente de São Lourenço, a disposição dos resíduos sólidos da cidade é uma questão complicada, uma vez que São Lourenço é um município de apenas 57,2 km<sup>2</sup> localizado numa área de recarga hídrica que apresenta uma série de impedimentos para o estabelecimento de um aterro sanitário. O Secretário esclarece o problema:

O nosso lixão precisa ser encerrado e remediado, mas, para efetivar isso, seria necessário ter uma área para dispor, mesmo que de forma controlada, para armazenar os resíduos da cidade. Sendo assim, estamos tentando criar um consórcio com outros municípios. No entanto, a comunidade das cidades vizinhas tem feito pressão para que estas cidades não recebam o lixo de São Lourenço que, em volume, apresenta a maior quantidade. As negociações estão bastante avançadas, no momento, com o município de Carmo de Minas, mas ainda não se tem nada concluído. (Secretário de Serviços Urbanos e Meio Ambiente de São Lourenço, 2008)

A Figura 13 mostra a disposição dos resíduos sólidos de São Lourenço, ainda feita a céu aberto. Esta área está localizada às margens do Rio Verde, o que resulta na contaminação deste curso d'água.



Figura 13 – Lixão de São Lourenço em 2008  
Fonte: Secretaria de Serviços Urbanos e Meio Ambiente de São Lourenço

O quarto problema é a falta de investimento da hotelaria, que ficou defasada. Este problema é apontado pelos representantes da hotelaria, pelo Secretário de Turismo do município e pelo SEBRAE. A crise da hotelaria de São Lourenço se deu a partir da década de 40 com a diminuição do fluxo de turistas na estância em função do fechamento dos cassinos e, mais tarde, em razão da diminuição da busca pelo tratamento de saúde. Em 1980, com o “boom” imobiliário, parte da hotelaria da cidade ficou ociosa, já que a estimativa é de que quarenta por cento dos imóveis de São Lourenço pertence a forâneos que, provavelmente, se hospedavam nos hotéis da cidade antes de adquirirem seus apartamentos. Com a queda de grande parcela do lucro anual, a maior parte da hotelaria de São Lourenço

não teve capital para investir em modernizações e reformas, ficando defasada e não conseguindo atender à exigente demanda emergente. Destacam-se, em 2008, cerca de cinco grandes hotéis da cidade que oferecem ampla gama de atividades de lazer, semelhante ao modelo resort, com piscinas térmicas, piscinas tradicionais, mini parque aquático com tobogãs, salão de jogos, quadras de esportes, cinemas e serviço de monitores para entreter as crianças. Esses hotéis, de acordo com pesquisa em campo para este trabalho, recebem grupos de excursão praticamente durante todo o ano, bem como famílias na época de férias escolares e feriados e, ainda, grupos para a participação em eventos realizados nos próprios hotéis. Na primeira década do século XXI, os hotéis menores têm recebido grupos de excursão da terceira idade, da classe média-baixa, nos finais de semana e nos feriados prolongados. Neste trabalho, conveniu-se categorizar os grandes hotéis como aqueles que possuem mais de 30 apartamentos e uma infra-estrutura de lazer que inclui piscinas, piscinas térmicas, tobogãs, salão de jogos, cinema, restaurante, e os pequenos hotéis como aqueles que possuem menos de 30 apartamentos e que dispõem de pequena ou nenhuma área de lazer. Em São Lourenço, existem 70 meios de hospedagem sendo aproximadamente cinco grandes hotéis semelhantes aos modelos resort, outros dez hotéis com infra-estrutura de lazer e o restante, pequenos hotéis e pousadas.

O quinto problema apontado pelo hoteleiro e confirmado pelos comerciantes, artesãos, moradores, funcionários da hotelaria, bares e restaurantes e pelo Gestor do Circuito das Águas é a falta de gestão pública voltada para o turismo que há mais de vinte e cinco anos inexistente. A Associação Comercial, os comerciantes varejistas, os hoteleiros, os garçons, os artesãos, entre outras pessoas, através de entrevistas realizadas em campo por esta pesquisadora,

afirmaram que nos últimos dezesseis anos os prefeitos adotaram uma gestão populista assistencialista, esquecendo-se da verdadeira vocação do município, e dando pouca ênfase à tomada de decisões e ao planejamento da atividade turística da qual depende o sucesso do turismo na cidade. Foi verificado em campo por esta pesquisadora que o Serviço Autônomo de Turismo – SERVTUR –, órgão responsável pelo planejamento e gestão do turismo em São Lourenço, apresenta uma série de limitações como a falta de qualificação profissional e o restrito orçamento financeiro. Até o ano de 2008, não existiam políticas públicas de turismo no município ou plano de metas que direcionassem o planejamento e a gestão da atividade. As ações do Servtur se restringiam a apoiar eventos locais de cunho musical e outros eventos culturais captados pela hotelaria e pela agência de receptivo da cidade. O apoio dado pelo Servtur aos eventos consistia em folhetaria, anúncios no site do Servtur e disponibilização de espaço físico para a realização dos eventos musicais locais. De acordo com o presidente do Servtur em entrevista realizada em campo por esta pesquisadora, o órgão tem trabalhado apenas a agenda de eventos que já acontecem na cidade para melhor organizá-los e divulgá-los. O setor hoteleiro se vê insatisfeito em relação a este fato uma vez que esses eventos acontecem em feriados prolongados ou em períodos de férias, o que não resolve o problema da sazonalidade dos finais de semana comuns e dias de semana.

Os problemas apontados pelos atores sociais ligados ao turismo em São Lourenço – gestor do Circuito das Águas, comerciantes do município, hoteleiros, agente de viagem, Secretário de Turismo – em entrevistas realizadas em campo por

esta pesquisadora vão ao encontro das afirmações citadas anteriormente. No entanto, não consistem apenas nos cinco grandes problemas mencionados. Os comerciantes e moradores da cidade atribuem a crise do turismo, também à falta de entretenimento e aos preços altos das diárias praticadas pelos hotéis.

O gestor do Circuito das Águas, a partir de sua experiência na área do turismo para terceira idade, afirmou que este perfil de turistas busca nas destinações turísticas possibilidades de entretenimento como bailes, festivais de gastronomia, bingos, e etc. Como essas opções são oferecidas apenas pelos grandes hotéis, os turistas da terceira idade que podem pagar o preço cobrado por eles visitam São Lourenço enquanto outros procuram localidades mais acessíveis. As diárias dos hotéis em São Lourenço são bem variadas, apresentando uma média entre R\$100 e R\$450 reais dependendo do tamanho, da estrutura e dos serviços por eles oferecidos. As diárias variam também em média 30% na alta temporada durante as férias escolares e os feriados. A falta de entretenimento no município também afeta o público jovem que busca boates, parques temáticos, shows de músicas da moda e outros atrativos turísticos. A frequência deste perfil de visitantes em São Lourenço, de acordo com o Servtur, é baixa apesar de não haver uma estimativa quantitativa que confirme esta colocação.

Tanto o gestor do Circuito das Águas quanto os comerciantes do município afirmam que os hoteleiros trabalham no padrão 8 por 22, ou seja, ganham nos finais de semana o suficiente para se manterem durante o restante do mês. Isto gera outro problema, o emprego temporário. Uma vez que durante os dias da semana a taxa de ocupação dos hotéis é baixa, em média 25%, grande parte dos funcionários é dispensada durante a semana e contratada como diarista durante os

finais de semana, feriados e férias escolares. Assim, uma parcela dos funcionários de hotéis trabalha de forma informal, não recebendo todos os benefícios lhes garantidos por lei.

Outra questão mencionada pelos comerciantes varejistas e pelos donos de bares e restaurantes é o serviço “all inclusive” oferecido pela maioria dos hotéis de São Lourenço. A pensão completa, como é conhecido este sistema no Brasil, restringe a mobilidade dos hóspedes que acabam ficando presos nos hotéis para não perder as refeições que estão incluídas nos valores pagos pela hospedagem. No caso dos hotéis cujo modelo se assemelha aos resorts, os turistas passam a utilizar os serviços e equipamentos por eles oferecidos como lojas, restaurantes, salões de beleza, cinemas. Sendo assim, os passeios à área turística da cidade são curtos e tem horário definido, o que dificulta a utilização dos serviços de beleza, alimentação, comércio e entretenimento fora dos hotéis. Muitos donos de restaurantes e bares foram obrigados a encerrar seus negócios em função da pouca demanda. Enquanto os comerciantes e artesãos de São Lourenço se queixam do sistema “all inclusive” adotado pelos grandes hoteleiros do município, estes últimos afirmam que não têm interesse de mudar este sistema, pois atribuem a ele o sucesso de seus estabelecimentos e a grande demanda durante todo o ano.

O hoteleiro e fundador da ONG “Viva São Lourenço Viva” – uma iniciativa da Sociedade Civil Associação Terra das Águas, Organização Não Governamental criada por cidadãos de São Lourenço com o objetivo de participar de forma organizada do desenvolvimento da cidade e região atuando em parceria com autoridades, instituições e demais entidades sociais visando à promoção e ao aprimoramento da cidadania por meio de iniciativas próprias ou em conjunto – acredita que a saída da crise do turismo no município passa por um projeto de



revitalização da estância de São Lourenço. Projeto esse que, segundo ele, tem que ser capitaneado pelo poder público através de sua Secretaria de Turismo, que faria a gestão, a elaboração, o planejamento, a execução e o controle desse programa de revitalização do turismo, buscando a parceria da Sociedade Civil como um todo. Segundo ele, “isso é um trabalho para uma década, não é trabalho para um dia, eu entendo que nós já perdemos quase vinte e cinco anos discutimos para onde vamos, chegou a hora de fazer alguma coisa para dar resultado”. Diante do apoio de todos os setores da economia do município que direta ou indiretamente estão ligados ao turismo, conforme verificado em campo por esta pesquisadora, ele decidiu se candidatar à Prefeitura de São Lourenço nas eleições de 2008. Acerca da sua candidatura, ele afirma:

A minha entrada na política se dá muito mais por ter sido pressionado e cobrado pelo *trade* do que por opção pessoal. Houve uma pressão coletiva para a mudança do modelo atual, não só por parte de hoteleiros, mas também pelos comerciantes e entidades da sociedade civil que querem uma mudança no padrão de gestão do município. (hoteleiro e político)

No verão do ano 2000, houve uma diminuição ainda maior no número de turistas na cidade em consequência de uma grande enchente que ocorreu em São Lourenço. De acordo com o Secretário de Serviços Urbanos e Meio Ambiente, bem como os hoteleiros e comerciantes do município, em entrevista realizada em campo por esta pesquisadora, a região turística, próxima ao Parque das Águas, ficou completamente alagada. Os danos foram consideráveis, fazendo com que o governo municipal decretasse “estado de calamidade pública”, contando com a verba enviada pelo Governo Federal para remediar as perdas mais emergenciais. Um hoteleiro que acabara de inaugurar seu hotel, dias antes da enchente, relembra o episódio:

Eu inaugurei meu hotel no ano da enchente, e meu hotel só não boiou porque não flutua, porque chegou a entrar mais de setenta centímetros de água. Eu tinha terminado a pintura do hotel, depois de cinco anos de obras, e aí chegou a enchente para fazer a inauguração. Desde então, houve uma queda muito grande dos turistas em São Lourenço. Até hoje, os turistas se lembram e perguntam sobre a enchente. Essa recuperação está muito difícil. No período das chuvas, sempre que a televisão mostra cidades alagadas no estado de Minas, os turistas acreditam que a mesma situação está ocorrendo em São Lourenço. (hoteleiro)

A queda no número de turistas sofrida por São Lourenço no ano 2000 pode ser verificada nos dados de visitação do Parque das Águas, que apontam uma redução considerável na quantidade de visitantes desde o ano de 1999 até 2007. Em 1999, o Parque recebia aproximadamente 370 mil pessoas por ano, enquanto no ano de 2007, este número baixou para, aproximadamente, 270 mil pessoas. De acordo com o gerente do Parque das Águas, a enchente favoreceu a redução do número de visitantes a partir do ano 2000. Em 2001, tanto o Parque das Águas, quanto a região turística onde estão localizados vários hotéis, restaurantes e grande parte do comércio varejista, já estavam completamente recuperados das perdas causadas pela enchente. Isso explica o aumento do número de turistas em 2001. Levando em conta que São Lourenço já apresentava um histórico de redução do fluxo de turistas em razão dos impactos sofridos anteriormente, não se pode atribuir a queda do número de turistas a partir de 1999 apenas à enchente. Uma análise mais aprofundada seria possível a partir dos registros de visitação do parque nas décadas anteriores, mas, infelizmente, eles se perderam na enchente, pois estavam armazenados nos computadores da secretaria do parque.

A Tabela 3 apresenta os dados de visitação do Parque das Águas entre 1999 e 2007. Deve-se levar em conta, segundo o gerente do estabelecimento, que não são apenas os turistas que visitam o parque, mas também os moradores da

cidade. O gerente do parque afirma que os moradores do município tendem a adquirir os ingressos mensais e especiais para os fins de semana. Sendo assim, pode-se estimar o número de residentes que freqüentam o parque e distingui-los dos turistas. O gerente do parque sugere, ao analisar os dados, diminuir o número anual em vinte por cento para se ter o valor aproximado da entrada de turistas.

TABELA 3

Número de visitantes do Parque das Águas 1999-2007

<b>ANO</b>	<b>VISITANTES</b>
1999	371.148
2000	245.203
2001	346.204
2002	310.650
2003	312.912
2004	286.373
2005	275.923
2006	275.522
2007	270.189

Fonte: Parque das Águas de São Lourenço

O setor privado de São Lourenço, composto pelos hoteleiros e demais empresários ligados ao turismo, no intuito de reverter, de alguma forma, mais este impacto sofrido pelo município, obtiveram conquistas importantes para a estância hidromineral de São Lourenço. No ano 2000, o município ganhou um importante atrativo turístico. A ONG “Viva São Lourenço Viva”, composta por hoteleiros, comerciantes e demais moradores do município, conseguiu, através de muita luta, revitalizar a sua Estação Ferroviária e reativar parte do antigo trajeto de trem. A linha turística foi inaugurada em 2000, utilizando locomotivas e carros de passageiros originários de diversas ferrovias antigas de bitola métrica (Leopoldina, Rede Mineira de Viação e outras) e que hoje pertencem ao acervo da Associação Brasileira de

Preservação Ferroviária – ABPF. O trem parte da estação de São Lourenço, passando pela Parada Ramon, chegando até a estação de Soledade de Minas. O trecho de linha utilizado em 2008 foi restaurado pela ABPF em 2000, depois de anos sem tráfego, conforme afirma o diretor da Estação Ferroviária de São Lourenço em entrevista realizada em campo por esta pesquisadora.

Em 2008, São Lourenço ganhou mais um atrativo. Depois de muita luta e reivindicação da população local, como medida compensatória pela exploração das águas minerais, a *Nestlé Waters*, atual proprietária da Empresa de Águas Minerais de São Lourenço, revitalizou e modernizou o balneário do Parque das Águas que hoje dispõe de variados equipamentos e especialistas na área da medicina estética. Esses atrativos serão mais bem descritos no item a seguir.

### 3.2 Os atrativos turísticos mais relevantes de São Lourenço

São Lourenço possui, em 2008, uma população de cerca de 41.400 habitantes. A parte mais antiga da cidade está situada em um vale onde o ribeirão São Lourenço, que corre em direção ao rio Verde, atravessa o município. De um lado encontra-se o Parque das Águas e de outro, o centro urbano conforme apresentado na Figura 14. Este ribeirão foi canalizado e apenas parte dele pode ser vista na área turística da cidade, como mostra a Figura 15. O município foi planejado em quarteirões retangulares, cortados por ruas e longas avenidas. Atualmente, com o aumento populacional, a cidade se estende também por áreas de encostas. O centro urbano apresenta construções de vários estilos arquitetônicos, encontrando-se ainda casario do início do século XX em meio a altos edifícios, sobretudo, na

parte localizada em frente ao Parque, que é a principal atração da cidade (SEBRAE, 2006).

14



15



Figura 14 – Vista aérea de São Lourenço – 2007  
Fonte: Parque das Águas

Figura 15 – Ribeirão São Lourenço em 2008.  
Fonte: Secretaria de Cultura de São Lourenço

A infra-estrutura turística do município inclui uma rede hoteleira composta por mais de 70 opções de hospedagem – pousadas, pequenos e grandes hotéis –, restaurantes e comércio variado. Outros setores de destaque são a indústria de engarrafamento de água mineral, a produção de doces e o artesanato. Entre os atrativos turísticos mais relevantes, destacam-se o Parque das Águas, o Trem das Águas, o artesanato e os passeios de charretes.

A economia desta estância hidromineral está principalmente ligada ao turismo, conforme verificado nos diagnósticos encomendados pelo Governo Federal para a região do Circuito das Águas: INSTITUTO ESTRADA REAL / MERCURY (2007) e SEBRAE (2006) e no Plano Diretor Municipal de São Lourenço (2007). O

fato de o turismo contribuir para a base de sustentação econômica de São Lourenço, ainda na atualidade, é um indicador importante que justifica a análise deste trabalho, uma vez que se o município depende do turismo, este último deve ser planejado e gerido de forma a contribuir para o desenvolvimento e crescimento da cidade, gerando emprego e renda para a população local. A dependência econômica de São Lourenço em relação à atividade turística foi comprovada em campo a partir de entrevistas com os representantes dos variados setores da economia. Apesar dos representantes do comércio e da hotelaria afirmarem que São Lourenço se tornou um pólo micro-regional, em razão do crescimento e desenvolvimento do setor de bens e serviços, todos atribuem ao turismo a sustentação econômica do município. Os dados estatísticos que comprovam esta afirmação serão apresentados no capítulo 4. A seguir, serão descritos mais detalhadamente os atrativos turísticos mais relevantes de São Lourenço.

### 3.2.1 O Parque das Águas

O Parque das Águas de São Lourenço, construído em 1946, está localizado em uma área de 430.000 m<sup>2</sup> e oferece várias opções de lazer voltadas para o bem-estar dos visitantes em seu belo conjunto paisagístico, dividido em duas partes. A Figura 16 apresenta o interior do Parque das Águas com seus belos jardins e um grande lago onde se encontra a Ilha dos Amores cujo acesso se dá através dos passeios de pedalinhos.



Figura 16 – Parque das Águas de São Lourenço, 2008  
Fonte: Foto de Cleber Henrique Pereira em campo

No Parque I estão localizadas oito fontes de água mineral cujas características estão listadas na Tabela 4, situadas em pontos diferentes e protegidas por pequenos pavilhões com arquitetura variada, além do balneário hidroterápico e de algumas lojas. A figura 17 apresenta algumas das fontes de água mineral de São Lourenço. A primeira é a fonte primavera com água ferruginosa, a segunda é a fonte magnesiana e a terceira é a fonte vichy com água alcalina.



Figura 17 – Fontes de água mineral do Parque das Águas, 2008  
Fonte: Foto de Cleber Henrique Pereira em campo

TABELA 4

## Características das águas das fontes de São Lourenço

Fonte	Classificação	Profundidade	Vazão L/H (1997)	Aplicação Terapêutica
<b>Oriente</b>	Água mineral fluoretada, carborosa, bicarbonatada, sódica, litinada.	16,40	10.000 (aprox.)	Diurética, digestiva e desintoxicante
<b>Vichy</b>	Água mineral alcalina-gasosa, ferro-bicarbonatada mista.	21,75	140	Arteriosclerose, hipertensão arterial, insuficiência cardíaca congestiva, inflamação dos rins, neurastenias e azias. É também diurética, recomendada para úlcera péptica, discinesias vesiculares e nefrites.
<b>Ferruginosa (Antiga Primavera)</b>	Água mineral gasosa ferruginosa.	4,00	420	Anorexia, anemia, astenia, seu uso deve ser cauteloso, pois produz cólicas.
<b>Jaime Soto Maior (Sulfurosa)</b>	Água mineral sulfurosa	40,00	693	Laxativa, colites crônicas e pós infecciosas, diabetes, doenças do colágeno e alergias.
<b>Alcalina</b>	Água mineral alcalina-gasosa, bicarbonatada mista.	45,70	197	Úlceras gastroduodenais, dá grande alívio na hipercloridria, indicada nas uricemias,
<b>Andrade Figueira</b>	Água mineral magnésiana.	dreno horizontal	sem vazão	Insuficiência e congestão hepática, discinésia vesiculares, colites inespecíficas, contra ndicado na úlcera péptica por ser ácido gasoso.
<b>José Carlos de Andrade</b>	Água mineral carbogásosa.	44,00	1.510	---
<b>Mantiqueira</b>	Água mineral fluoretada fracamente radioativa na fonte.	S/D	S/D	---
<b>Poço Primavera</b>	Alcalino bicarbonatada, alcalino-terrosas, fluoretada, litinada, carbogásosa e hipotermal na fonte.	150,00	25.000	---

Fonte: NINIS, 2006, p. 32.



As edificações do parque estão cercadas por alamedas, jardins, gramados, áreas de recreação e um grande lago, onde é possível passear de barco ou pedalinho e ver de perto sua ilha habitada por diversas espécies de aves. A maior edificação do parque é o balneário hidroterápico, localizado nas margens do lago. De acordo com SEBRAE (2006), a arquitetura do balneário foi feita em estilo colonial e compreende longos pavilhões em dois andares cobertos por telhas tipo francesa. Na parte central, que é mais alta que as demais e formada por um só corpo, o acesso principal se dá por uma porta constituída por vitrais. O interior possui revestimento de ladrilhos hidráulicos coloridos e fachas de azulejos decorativos nas paredes. Os serviços hidroterápicos incluem aparelhagem de fisioterapia, massagem e hidratação facial, limpeza de pele, massagem com esfoliação, massagem aromática, massagem com pedras quentes, massagem com bambu, massagem indiana, massagem tradicional, shiatsu, escalda pés com reflexologia, aplicação de infravermelho, ultravioleta e ultra-som, diferentes tipos de duchas, banhos de espuma, banho de sais, banho de ofurô e sauna. A Figura 18 mostra o balneário do Parque das Águas.



Figura 18 – Balneário do Parque das Águas de São Lourenço  
Fonte: SEBRAE (2006)

O balneário funciona de terça à sexta-feira das nove ao meio-dia e das quatro e trinta às vinte e trinta. Aos sábados o horário de funcionamento é das nove às treze horas e das quatorze às vinte horas. Aos domingos o balneário abre às nove e fecha às doze e trinta. Nem todos os serviços oferecidos pelo balneário são apropriados para todas as idades. Como o balneário não dispõe de atendimento médico, os pacientes devem consultar seus médicos e apresentar, se necessário, atestado. A Tabela 5 mostra os serviços oferecidos pelo balneário e seus respectivos preços, que não variam com a alta temporada.

TABELA 5

Serviços oferecidos no balneário do Parque das Águas em maio de 2008

SERVIÇOS	PREÇOS R\$ (2008)
Ducha Escocesa	10.00
Sauna	12.00
Banho de Espuma	18.00
Banho de Sais	20.00
Massagem Facial	30.00
Hidratação com Argila	35.00
Banho de Ofurô	35.00
Massagem Geral	40.00
Hidratação Facial	40.00
Massagem aromática	45.00
Massagem com esfoliação	45.00
Shiatsu	50.00
Escalda pés com reflexologia	50.00
Limpeza de Pele	55.00
Massagem Indiana	55.00
Massagem com Bambu	55.00
Rejuvenescimento com isoflavona	60.00
Massagem com pedras quentes	65.00

Fonte: Balneário do Parque das Águas

Também fazem parte do Parque I a gruta de Nossa Senhora dos Remédios, que abriga uma pequena imagem da santa, e a Ermida do Senhor Bom Jesus do Monte, um dos marcos históricos de São Lourenço, que está situada no

alto de uma pequena colina onde foi celebrada a primeira missa da localidade, em 1891. Segundo o diagnóstico elaborado pelo SEBRAE (2006), o templo atual foi concluído em 1903, então filiado à freguesia de Silvestre Ferraz – atual Carmo de Minas. Em 1927, com a instituição da Paróquia de São Lourenço, passou à condição de matriz até ser construída a nova igreja. Em 2006, foi completada a construção de sua escadaria com mais de cem degraus. A Ermida apresenta arquitetura de estilo eclético com muitos aspectos originais como sua porta principal almofadada, as portas laterais e suas janelas em estilo neogótico. Na parte interna, o coro possui escada de madeira de jacarandá ornamentada com azulejos portugueses. Nas paredes laterais, encontram-se dois oratórios em estilo barroco. A capela-mor conserva o primeiro altar da comunidade talhado em jacarandá e o teto com detalhes em alto relevo. O acesso à ermida é feito pelo Parque das Águas ou em caso de eventos religiosos, pela rua de trás do parque de forma gratuita. A Figura 19 mostra a Ermida de Bom Jesus do Monte na sua fachada e no seu interior.



Figura 19 – Ermida de Bom Jesus do Monte  
Fonte: Acervo da Casa da Cultura de São Lourenço

No Parque II, estão instalados um complexo esportivo, salões de jogos, lanchonetes, uma fonte e duchas de água mineral sulfurosa. A figura 20 mostra o Parque das Águas. Ao norte, onde se encontra o lago, está o Parque I, enquanto ao sul, com menor área verde, está o Parque II. As caminhadas e corridas podem ser feitas em torno do lago no Parque I enquanto os passeios de bicicleta e a prática de esportes como peteca e vôlei são feitas no Parque II.



Figura 20 – Complexo I e II do Parque das Águas  
Fonte: Parque das Águas de São Lourenço

Dentro do Parque das Águas encontra-se, também, uma indústria de engarrafamento de águas minerais, com fins comerciais. A unidade industrial de exploração das águas pertence à Empresa de Águas de São Lourenço, de propriedade privada, concessionária do direito de lavra, através do Manifesto de Mina DNPM 140, de 20 de setembro de 1935 (NINIS, 2006). Ninis (2006) afirma que após várias sucessões de posse, a empresa francesa Perrier comprou, na década de 1970, a Empresa de Águas de São Lourenço. Em 1992, o Grupo Nestlé comprou a firma Perrier e implantou uma unidade destinada à comercialização de águas envasadas, denominada *Nestlé Waters*. Com esta transação, a *Nestlé Waters* tomou

posse do Parque das Águas de São Lourenço, tido como um dos mais ricos e diversificados em águas minerais do mundo. Como sucessora da Empresa de Água de São Lourenço estabelecida no início do século XIX, a *Nestlé Waters* explora a água mineral como minério. Em 1935 foi criada a primeira legislação mineraria do Brasil que estabeleceu o Manifesto de Mina. O Manifesto de Mina determina que a empresa que explora um minério passa a ser proprietária do subsolo. Esse Manifesto de Mina foi reconhecido no Código de Mineração em 1967, que está em vigor em 2008 e, também, na Constituição de 1988. Então, quem tinha o Manifesto de Mina continua a ser proprietário do subsolo e, no caso de São Lourenço, das águas do subsolo.

A *Nestlé Waters*, subsidiária do Grupo Nestlé, é líder mundial no segmento de águas engarrafadas, conforme informações apresentadas pela empresa. Tem sede na França e está presente em outros 130 países nos cinco continentes. Seu portfólio inclui setenta e duas marcas de águas engarrafadas em trinta e sete países. No Brasil, a *Nestlé Waters* produz as águas São Lourenço, Petrópolis e Aquarel. No exterior, as marcas mais conhecidas em volume de vendas são: Perrier, S. Pellegrino e Acqua Panna.

No final da década de 1990, a empresa *Nestlé Waters* despertou a insatisfação na população da estância hidromineral de São Lourenço. Em 1998, ela iniciou a modernização da unidade fabril, ampliada em aproximadamente 300% do seu tamanho original, sem passar pelo processo de licenciamento ambiental. Segundo Ninis (2006), essa expansão incidiu exatamente sobre a área de maior vulnerabilidade do aquífero e ainda resultou na destruição da Fonte Oriente, monumento histórico da época de fundação do parque. No ano seguinte, a empresa passou a explorar uma nova fonte de água ricamente mineralizada, perfurada em

1996, por meio de bombeamento, para produzir a água "Pure Life", a sua marca de "grife". Para tanto, a empresa retirava os minerais contidos nas águas, adicionando outros, de forma automatizada. "Este procedimento, que infringe a legislação brasileira, foi realizado até outubro de 2004, sem a permissão do DNPM, órgão responsável pela gestão das águas minerais no país" (NINIS, 2006).

De acordo com o Curador de Meio Ambiente e Promotor de São Lourenço, durante entrevista em campo realizada por esta pesquisadora, a população local, ao perceber uma mudança na qualidade das águas das fontes do parque, reuniu 1.500 assinaturas e solicitou a instauração de um inquérito para apuração da exploração das águas pela *Nestlé Waters*, empresa engarrafadora das águas de São Lourenço. Sendo assim, houve uma ação civil pública ajuizada pela Promotoria. Depois de sete meses de tramitação durante os quais foram requisitados diversos documentos do Departamento Nacional de Produção Mineral – DNPM para averiguação, a Promotoria chegou à conclusão de que existiam dois graves problemas. O primeiro consistia na ilegalidade da extração da água pela *Nestlé Waters*. Em 1996, a empresa abriu um poço sem comunicar o DNPM. Um ano mais tarde, a empresa solicitou a autorização do DNPM para retirar o ferro das águas. O DNPM não autorizou a retirada do ferro das águas porque o Código das Águas de 1945 não permite a alteração da água mineral. A empresa não ficou satisfeita e logo em seguida passou a produzir uma água chamada "Pure Life" com a água desse poço, conhecido como Poço Primavera. Esta água sofria um processo de purificação em que eram retirados todos os seus elementos minerais e, posteriormente, acrescidos sais artificiais com base numa autorização do Ministério da Saúde. Qualquer produto alimentício ou bebidas deve ter a autorização do Ministério da Saúde para a sua comercialização. Mas no caso das águas, essa

autorização não é suficiente, pois depende da autorização do DNPM por se tratar de águas minerais.

O segundo problema estava relacionado à superexploração das águas minerais de São Lourenço. De acordo com estudos da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais – CPRM, de 1999, havia a super exploração do aquífero em São Lourenço. No entanto, os relatórios apresentavam uma conclusão preliminar e recomendavam que fossem feitas pesquisas mais aprofundadas. Apesar de não terem sido feitos novos estudos, o Ministério Público entrou com uma ação civil pública para proibir a extração da água do Poço Primavera e a comercialização da água “Pure Life”. Depois de algum tempo a empresa parou com a produção da água “Pure Life”, mas continuou explorando o Poço Primavera e extraindo uma enorme quantidade de gás desta água para complementar o gás natural da água mineral gasosa engarrafada pela empresa, que leva o nome da cidade.

Durante a tramitação da ação civil pública instaurada contra a *Nestlé Waters*, por iniciativa da população de São Lourenço, membros de organizações não-governamentais ligadas às questões ambientais do município buscaram o apoio de instituições semelhantes tanto no Brasil quanto na Europa para divulgação, na mídia, dos impactos ambientais negativos resultantes da super exploração das águas minerais de São Lourenço pela *Nestlé Waters*.

De acordo com o presidente da organização não-governamental de nome “Viva São Lourenço Viva”, o embate entre a *Nestlé Waters* e a população do município foi divulgado internacionalmente, principalmente na Suíça, país onde está localizada a sede do Grupo Nestlé. A imagem de empresa responsável e incentivadora da utilização sustentável dos recursos naturais do planeta, tal como se apresenta nas placas informativas do Parque das Águas, ficou comprometida. Após

o encerramento da ação civil pública, visando a apagar a imagem negativa que lhe foi atribuída em consequência da grande repercussão da super exploração das águas em São Lourenço, a diretoria da empresa se reuniu com os representantes do poder público e dos segmentos econômicos ligados ao turismo da cidade para discutir possíveis formas de reparar os danos por ela causados e se dispôs a contribuir para a melhoria do turismo no município.

Em 2006 houve um acordo com a *Nestlé Waters* que, segundo o Promotor, foi satisfatório para São Lourenço. No acordo ficou estabelecido que ao invés de fechar o Poço Primavera cuja localização era intramuros da fábrica seria construída uma fonte exclusivamente para que os usuários do parque pudessem utilizar essa água rica em ferro. A vazão dessa fonte é de 400 l/h, o que é irrisório se comparada aos 15.000 l/h que estavam sendo extraídos para a produção da água “Pure Life”, conforme afirma o Promotor.

Ficou estabelecida, também, a proibição da extração do gás de qualquer água das fontes dentro do perímetro do parque. Como medida compensatória, o acordo determinou que a vegetação da área de 26.000 m<sup>2</sup> de “topo do morro” do parque onde existiam pinheiros de espécie exótica – *pinnus elliottii* – deveria ser substituída por mata nativa do bioma Mata Atlântica e que o recurso proveniente da venda do material retirado deveria ser doado a entidades assistenciais do município. O projeto de substituição por mata nativa obteve aprovação do Conselho Municipal de Desenvolvimento Ambiental – CODEMA e do Instituto Estadual de Florestas – IEF – e teve início em 2007. A substituição será feita gradualmente, até 2010, para não causar um maior impacto visual. Entre as espécies de mata nativa escolhidas, pode-se citar as embaúbas, as quaresmeiras, os jacarandás, os ipês (roxo, branco, amarelo), os jequitibás e os jatobás. De acordo com a *Nestlé Waters*, a relevância



da substituição dos pinheiros por mata nativa visa à melhoria das condições do microclima, da recarga dos aquíferos e dos índices de biodiversidade locais.

Esta substituição poderia ter sido feita anteriormente pela *Nestlé Waters*, mas como durante muito tempo – desde a aquisição da Empresa de Águas na década de 70 – o foco principal desta multinacional foi apenas o engarrafamento das águas minerais para comercialização, as questões ambientais ligadas à área do Parque das Águas, de interesse do município e de sua população, foram colocadas em segundo plano. Esta situação de descaso só mudou após o conhecimento dos impactos negativos da exploração das águas pela população do município e a reivindicação por reparo aos danos junto ao Ministério Público.

De acordo com os representantes dos setores econômicos de São Lourenço, bem como o Secretário de Serviços Urbanos e Meio Ambiente do município, após o encerramento da ação civil pública, a *Nestlé Waters* tem se mostrado interessada em atender as solicitações da população local. No ano de 2008 foi contratado um funcionário cuja responsabilidade é a promoção de eventos culturais no Parque das Águas. A agenda de eventos ainda está sendo elaborada, mas já inclui pequenos shows musicais. A realização de eventos no interior do parque contribui para a oferta de entretenimento tanto para a população local quanto para os turistas. O Parque das Águas de São Lourenço funciona diariamente das oito às dezoito horas. A Tabela 6 discrimina os diversos tipos de ingresso que dão acesso ao Parque e os seus preços respectivos.

TABELA 6

Valor dos ingressos para o Parque das Águas em 2008

TIPO DO INGRESSO	PREÇO R\$ (2008)
Ingresso Comum	4.00
Ingresso Comum para aposentados e estudantes	2.00
Ingresso Especial manhã e tarde	6.00
Assinatura Extra com validade de 1 mês (10 entradas)	35.00
Assinatura Especial para finais de semana e feriados (moradores)	10.00
Assinatura Mensal de 30 dias para moradores	50.00

Fonte: Parque das Águas de São Lourenço

Mediante a solicitação da população local e, principalmente, dos representantes dos segmentos econômicos ligados ao turismo, a Nestlé Waters revitalizou e modernizou o balneário do Parque das Águas de São Lourenço no início de 2008. O balneário possui, hoje, modernos equipamentos para tratamento estético e fisioterápico, bem como capacitados profissionais nestas duas áreas. De acordo com o Presidente do Sindicato de Hotéis, Bares e Restaurantes, em entrevista realizada em campo por esta pesquisadora, desde a sua construção, em 1945, o balneário nunca tinha passado por uma reforma. A figura 21 mostra a Sala de Banho de Ofurô, construída após a revitalização do balneário.



Figura 21 – Sala de Banho de Ofurô do balneário do Parque das Águas  
Fonte: SEBRAE (2006)

### 3.2.2 O Trem das Águas

O Trem das Águas é um trem turístico que percorre um pequeno trecho da antiga linha da Rede Mineira de Viação, Cruzeiro-Juréia, em fins de semana e feriados, com máquinas a vapor da Associação Brasileira de Preservação Ferroviária – ABPF. O Trem das Águas parte da Estação Ferroviária de São Lourenço e percorre um trecho de dez quilômetros até o município de Soledade de Minas. Sua composição consiste em uma locomotiva a vapor ligada a cinco vagões, cada um com capacidade para aproximadamente 80 passageiros. Os vagões retratam as antigas locomotivas do século XIX, sendo decorados com lustres brilhantes e assentos de madeira. A figura 22 mostra o Trem das Águas e a Estação Ferroviária de São Lourenço.



Figura 22 – Trem das Águas e Estação Ferroviária de São Lourenço  
Fonte: SEBRAE (2006).

Durante a viagem os passageiros são entretidos com shows de violeiros que se distribuem pelos cinco vagões da locomotiva. Ao chegar a Soledade de Minas, o trem faz uma parada de trinta minutos para que os turistas possam visitar as barracas de artesanato e de doces localizadas ao lado da estação de trem do

município. Neste passeio é possível visitar o Museu Ferroviário localizado na Estação de Soledade de Minas, que resgata a história da antiga ferrovia e de seus funcionários.

A duração do passeio do Trem das Águas é de duas horas e meia. Nos sábados e feriados, existem dois horários para o passeio sendo o primeiro às dez horas da manhã e o segundo às duas horas da tarde. Aos domingos existe apenas um horário para o passeio, às dez horas da manhã. Estão disponíveis dois tipos de vagões: os vagões de primeira classe e os vagões tradicionais. Os ingressos para estes vagões custam R\$40,00 e R\$20,00, respectivamente. A diferença dos vagões de primeira classe para os tradicionais é o tipo de assento. Na primeira classe, os assentos são acolchoados, como os de ônibus de turismo enquanto nos vagões tradicionais os assentos são de madeira, como antigamente.

O Trem das Águas de São Lourenço faz parte de um pequeno número de locomotivas a vapor existentes no Brasil para viagens turísticas. Sua importância se dá tanto como atrativo turístico para o município quanto como fonte de renda para os artesãos e comerciantes de São Lourenço e Soledade de Minas. A viagem de trem relembra o antigo meio de transporte utilizado pelos turistas que visitavam São Lourenço no início do século XX. Em 2008, a demanda pelo passeio de trem é tão grande que a Estação de São Lourenço oferece a possibilidade de reservas antecipadas para o Trem das Águas.

Com a reativação da Estação Ferroviária de São Lourenço para a oferta do passeio de trem, não foi apenas o município que se beneficiou com mais este atrativo. A Estação possui um espaço destinado aos artesãos para que eles possam comercializar os seus produtos. As lojas de doces localizadas na Praça da Estação também se beneficiaram com o aumento do movimento e a possibilidade de divulga-

los enquanto os passageiros aguardam a partida do trem. Ao final do passeio, os condutores de charretes se reúnem na entrada da Estação para oferecer aos turistas o retorno à cidade neste tradicional meio de transporte do século XIX. Enfim, o Trem das Águas movimenta outros segmentos da economia do município através do incremento da oferta turística da cidade e, conseqüentemente, desperta a motivação das pessoas para conhecer um dos poucos passeios turísticos em locomotiva a vapor no Brasil.

### 3.2.3 O artesanato

Os produtos artesanais utilitários e decorativos são comuns em São Lourenço. Entre eles, destacam-se trabalhos em tricô, crochê, ponto cruz, bordados, fuxico, couro, madeira, palha, bijuterias, sabonetes naturais e pinturas. Na área turística do município, próxima ao Parque das Águas, está localizada a Aldeia Vila Verde, ponto de venda de artesanato compostos de chalés e bancas entremeadas por jardins. A Aldeia Vila Verde, apresentada na Figura 23, é um dos pontos turísticos de São Lourenço e já está consolidada enquanto atrativo turístico.



Figura23 – Aldeia Vila Verde de artesanato em 2008.  
Fonte: Foto de Cleber Henrique Pereira, 2008.

Considerando o artesanato e a forma de comercialização dos produtos, destaca-se a proposta de um roteiro de artesanato de grande potencial turístico conhecido como Caminho do Artesanato. O Caminho do artesanato foi criado em 1996 e integrado ao roteiro da Estrada Real em 2005. No final deste mesmo ano, o Caminho do Artesanato foi reconhecido como produto turístico pelo Ministério do Turismo que aprovou um projeto para a sua revitalização, em razão da sua importância turística para São Lourenço. O SEBRAE foi o responsável pela roteirização do Caminho do Artesanato visando à transformação do conceito em produto turístico e pela capacitação e o aperfeiçoamento dos artesãos.

O Caminho do Artesanato apresenta o artesanato de São Lourenço em sua origem, levando o visitante diretamente ao produtor possibilitando o conhecimento das matérias primas e técnicas utilizadas para a fabricação de cada peça, além de proporcionar ao visitante a possibilidade de estabelecer contato com o artesão em seu próprio local de trabalho. Doze artesãos compõem este roteiro e os produtos produzidos artesanalmente são: arte em flores secas, guirlandas e caixas recicladas; queijo, mel; tapetes em tear e roupas artesanais; artigos para sítio, cerâmicas e estandartes; arte em frutas de madeira; arte em papel machê e papel reciclado; cerâmicas e telas a óleo; arte em juta e oratórios. A adesão dos artesãos ao Caminho do Artesanato deve ser aprovada pela sua Presidente e o trabalho de seus membros deve atender os pré-requisitos por ela mencionados: processo essencialmente artesanal, originalidade e capricho. Os doze membros que compõem o Caminho do Artesanato têm nesta atividade a sua fonte de renda principal.

A Presidente do Caminho do Artesanato, em entrevista realizada em campo por esta pesquisadora, afirma que a proposta surgiu, inicialmente, como

Caminho do Artesanato Rural, uma vez que ela mora na área rural do município. Sua idéia era resgatar o conceito de artesanato em sua essência, e proporcionar ao turista uma experiência rara nos dias atuais: o contato direto com o artesão e o conhecimento de todo o processo artesanal. Em vista disso, ela reuniu os artesãos que conhecia em seu bairro e lhes propôs a sua participação neste roteiro. Naquele momento, havia apenas uma tentativa de obter sucesso através de uma idéia inicial e não um produto turístico formatado. Então, a demanda foi quase inexistente e os artesãos não conseguiram vender os seus produtos em suas casas. Em vista deste descompasso, alguns artesãos deixaram o Caminho do Artesanato, por desacreditar na sua possibilidade de sucesso, e outros vindos de outros bairros aderiram. Após a adesão de artesãos de outros bairros, o Caminho do Artesanato Rural passou a se chamar Caminho do Artesanato. De modo a melhor garantir o seu sustento, os artesãos alugaram uma loja na Aldeia Vila Verde e nela passaram a expor e comercializar seus produtos. Os artesãos membros deste roteiro revezam-se na comercialização dos produtos na loja alugada da Aldeia Vila Verde. A Figura 24 mostra os produtos vendidos pelo Caminho do Artesanato em sua loja na Aldeia Vila Verde.



Figura 24 – Produtos do Caminho do Artesanato  
Fonte: Caminho do Artesanato, 2008.

A partir da luta da Presidente para concretizar a proposta do Caminho do Artesanato, aos poucos foi conseguindo ganhar o apoio dos hoteleiros para a divulgação do roteiro e, principalmente, dos órgãos de planejamento ligados ao Estado. Nos últimos anos, com o apoio do Instituto Estrada Real e do SEBRAE, o Caminho do Artesanato vem tomando forma enquanto produto turístico e tem sido divulgado e revitalizado através da capacitação e do aperfeiçoamento dos seus artesãos. Com a verba obtida junto ao Ministério do Turismo, o Caminho do Artesanato ganhará o seu próprio espaço, que está sendo construído nos fundos do Mercado Municipal de São Lourenço, ao lado da Secretaria de Turismo do município. A Presidente do Caminho do Artesanato acredita que este apoio tem sido fundamental para o sucesso da sua iniciativa e que, através deste espaço próprio, o roteiro do artesanato poderá ser mais bem divulgado, beneficiando os artesãos que dele participam e o próprio município que ganhará um importante atrativo turístico. Ela acredita, também, que o artesanato dos membros participantes do roteiro poderá, finalmente, ser vendido conforme a proposta original, em suas casas ao longo do percurso proposto e não mais apenas na loja da Aldeia Vila Verde.

#### 3.2.4 As charretes

Um dos mais antigos atrativos turísticos de São Lourenço são os passeios de charretes que surgiram na primeira metade do século XX. Em São Lourenço, o setor está organizado através da Associação dos Charreteiros de São Lourenço composta por cinquenta e cinco condutores que percorrem os pontos turísticos da cidade. O passeio dura aproximadamente trinta minutos e leva os visitantes



principalmente ao roteiro de compras de laticínios, doces e malhas, dando um ar bucólico ao passeio. O ponto de charretes fica localizado nos arredores do estacionamento do Parque das Águas. Os preços do passeio variam entre R\$10,00 e R\$30,00 (em 2008). Levando em conta que os turistas que visitam São Lourenço são, em sua maioria, provenientes das capitais de São Paulo e Rio de Janeiro, o passeio de charretes é um importante atrativo turístico de São Lourenço uma vez que oferece aos visitantes um meio de transporte há muito tempo inexistente nas grandes cidades. A figura 25 mostra as charretes de passeio na primeira metade do século XX e atualmente, em 2008.



Figura 25 – Charretes no século XX e XXI  
Fonte: Acervo da Casa da Cultura de São Lourenço

### 3.3 São Lourenço no contexto do Circuito das Águas

A Secretaria de Estado de Turismo – SETUR, criada em 1999 com a finalidade de planejar, coordenar e fomentar as ações do negócio turismo, objetivando sua expansão, a melhoria de vida das comunidades, a geração de

emprego e renda e a divulgação do potencial turístico do Estado, definiu uma linha de atuação para o desenvolvimento de seus municípios que se convencionou chamar de Circuitos Turísticos. Os Circuitos Turísticos são definidos pela SETUR como conjuntos de municípios de uma mesma região, com afinidades culturais, sociais e econômicas que se unem para organizar e desenvolver a atividade turística regional, de forma sustentável, através da integração contínua dos municípios, consolidando uma identidade regional.

Os Circuitos Turísticos são administrados por uma entidade sem fins lucrativos, com autonomia administrativa e financeira, regida por um estatuto, formada por membros da sociedade civil e do poder público; e por um profissional (gestor) contratado para executar as ações necessárias. De acordo com a SETUR, as vantagens de se formar um Circuito são a potencialização dos esforços para promover o desenvolvimento turístico, a busca de meios para a capacitação profissional no setor, o aumento do fluxo e permanência do turista na região, a preservação e resgate dos patrimônios culturais e naturais e a melhoria da qualidade de vida do município e o atendimento ao turista.

Segundo a SETUR, o governo do Estado de Minas Gerais, preocupado com a descentralização de poder e com o fomento da participação/inserção social, vem estimulando os Circuitos Turísticos a organizarem o desenvolvimento turístico local a fim de conseguirem a Certificação de seus circuitos para que possam se inserir nos planos prioritários da Secretaria de Estado de Turismo de Minas Gerais, conforme o Decreto – 43321/2003 e a resolução – 06/2004. Desta forma, o governo de Minas Gerais espera resgatar o papel do cidadão na concepção do desenvolvimento turístico local de forma a mitigar os possíveis impactos negativos da atividade turística, promovendo, portanto, a melhoria da qualidade de vida local.

A SETUR define como missão dos Circuitos Turísticos: identificar os municípios que tenham afinidade turística, ou que se complementem turisticamente, desde que estejam em um raio aproximado de 100 km, mobilizar representantes do poder público, da iniciativa privada e da comunidade de cada município interessado, realizar reunião de integração com a participação dos técnicos da SETUR, definir, através da identidade comum regional dos municípios participantes, o nome do Circuito Turístico, definir o tipo de entidade gestora: Associação, Agência de Desenvolvimento, ONG e elaborar Estatuto/Regimento Interno (registrado).

A manutenção do Circuito Turístico é feita através de taxas de adesão e contribuições mensais por seus membros – iniciativa privada/cadeia produtiva (hoteleiro, pousadas, restaurantes, postos de gasolina). O gestor é um executivo subordinado à diretoria do Circuito Turístico, constituindo o elo de ligação entre o Circuito e a Secretaria de Estado de Minas Gerais, os municípios, as comunidades e os parceiros. A SETUR coloca que o gestor do circuito deve ser um profissional de turismo ou empreendedor versátil, dinâmico, comunicativo, carismático, com espírito de liderança, que resida na região que abrange o Circuito.

Dentre as funções do gestor definidas pela SETUR, estão incluídas as seguintes: viabilizar capacitação de mão-de-obra, detectar possíveis projetos turísticos sustentáveis com o objetivo de aumentar o fluxo e permanência do turista, visitar periodicamente todos os municípios do Circuito Turístico, executar atividades determinadas pela diretoria, assessorar a diretoria no planejamento de ações, captar recursos, parcerias e associados, levantamento da cadeia produtiva, captar eventos para o Circuito Turístico, estabelecer a sustentabilidade econômica da instituição, conhecer bem a instituição da área trabalhada, detectar comunidades profissionais dos diversos setores para apoiar o trabalho, sensibilizar as comunidades em

conjunto com parceiros, através de reuniões mensais e itinerantes, viabilizar roteiros precificados com agências receptoras.

Dentre os 58 circuitos turísticos que se formaram em Minas Gerais, destaca-se o Circuito das Águas, dos 43 circuitos certificados, por abranger grande parte das primeiras destinações turísticas do Estado, as estâncias hidrominerais. Os municípios que fazem parte deste Circuito são: Baependi, Cambuquira, Campanha, Carmo de Minas, Caxambu, Conceição do Rio Verde, Heliadora, Lambari, São Lourenço e Soledade de Minas. A figura 26 apresenta o mapa dos municípios pertencentes ao Circuito das Águas e a sua posição geográfica.



Figura 26 – Mapa temático do Circuito das Águas  
Fonte: ARCA, 2008.

De acordo com o vice-presidente do Circuito das Águas, em entrevista realizada em campo por esta pesquisadora, a Associação Regional de Integração dos Municípios Pertencentes ao Circuito das Águas – ARCA – foi criada em 2002, a partir da adesão das prefeituras dos municípios membros. Antes da adesão dos

prefeitos foram realizadas várias reuniões itinerantes nos municípios da região de modo a mobilizar tanto o poder público municipal quanto os segmentos econômicos ligados ao turismo. O procedimento para adesão ao Circuito das Águas constituiu-se, em um primeiro momento, na assinatura de uma carta de intenções elaborada pelo Governo Estadual. Posteriormente, foi enviado às prefeituras um modelo de Lei para a aprovação do convênio entre o município e a ARCA pelo Legislativo municipal. Após esta aprovação, os municípios passaram a integrar a ARCA e dispor dos benefícios por ela oferecidos como participação em feiras e eventos, oferta de cursos de qualificação profissional e investimentos em sinalização, vias de acesso e outros. Para a manutenção da ARCA, cada prefeitura deve contribuir com R\$300,00 mensalmente. Este valor é utilizado para o pagamento de despesas com telefone, internet e aluguel e, ainda, no desenvolvimento dos projetos da Associação. A sede da ARCA é em São Lourenço e funciona junto à Associação Comercial do município. À Associação Comercial, é repassada apenas a quantia de R\$100,00 reais todo mês pelo aluguel. A localização da sede do Circuito das Águas em São Lourenço gera uma posição privilegiada para o município.

Entre os objetivos da ARCA, estão a promoção e o desenvolvimento do turismo na região, bem como o aumento do fluxo de turistas e da sua permanência no Circuito. De acordo com o vice-presidente do Circuito, desde a criação da ARCA em 2002 até o ano de 2008, apenas uma pequena parcela desses objetivos foi atingida. Existem muitas limitações apontadas por ele que impedem a consolidação do Circuito, dentre elas o forte sentimento de “bairrismo” entre os municípios e a postura da hotelaria de investir apenas no setor, não contribuindo para a divulgação da cidade enquanto destino turístico. As prefeituras e os empresários dos segmentos econômicos ligados ao turismo não unem esforços para alcançar os

objetivos que são comuns a todos. Muitas vezes, os empresários se opõem politicamente ao poder público municipal, o que inviabiliza qualquer tentativa de se estabelecer uma parceria público-privada. Existe, também, uma forte competição entre as prefeituras também por questões partidárias. A rivalidade entre os municípios de São Lourenço e Caxambu exemplificam este fato. Os estudos elaborados para a região do Circuito das Águas apontam a necessidade de criação de um aeroporto regional. O interesse de cada prefeitura em ser a responsável pela conquista do aeroporto, individualmente, acaba por restringir as possibilidades de se atingir este almejado objetivo e impossibilita que esses dois municípios partilhem dos benefícios que um aeroporto regional traria para o turismo no Circuito das Águas.

Quanto à hotelaria de São Lourenço, o vice-presidente do Circuito das Águas aponta o fato de parte dos hoteleiros e donos de bares e restaurantes investir apenas em seus estabelecimentos, não aderindo à ARCA, apresentando a justificativa de que já pagam impostos ao Governo e que neste caso, cabe ao Poder Público o investimento no turismo em seus municípios. Parte dos empresários da hotelaria, bares e restaurantes também não demonstram interesse em qualificar seus profissionais através dos cursos promovidos pelo SEBRAE e pelo SENAC. A justificativa é de que a mão-de-obra qualificada é mais valorizada e, sendo assim, terão que pagar salários mais altos. Um garçom de um restaurante localizado próximo ao Parque das Águas, na área turística de São Lourenço, confirma este fato, ao afirmar que o seu patrão tende a impedir que seus funcionários participem destes cursos de qualificação em razão do possível aumento do custo com a mão-de-obra. Ele afirma, ainda, que parte dos garçons teme que ao participarem desses cursos possam perder seus empregos. Em consequência, o serviço de baixa

qualificação em São Lourenço, por exemplo, compromete o bom atendimento ao turista, que insatisfeito tende a não retornar ao município, o que contribui ainda mais para a queda do fluxo de turistas na cidade e na região.

Apesar da prevalência do sentimento de competição e a impossibilidade de se estabelecer uma integração regional, a ARCA, dentro de suas limitações, tem promovido a participação do Circuito das Águas em eventos de turismo de repercussão nacional e regional como o da Associação Brasileira de Agências de Viagens – ABAV, Salão de Turismo e Mostra Regional de Artesanato com o intuito de divulgar as destinações turísticas da região. Este Circuito tem conseguido também, junto ao Governo Estadual, a oferta de cursos de capacitação e qualificação profissional na área da hotelaria, no ramo de alimentação e demais segmentos ligados ao turismo.

Entre as dez prefeituras dos municípios membros da ARCA, apenas duas estão adimplentes com a taxa mensal de manutenção do Circuito. Este fato demonstra uma falta de seriedade e de compromisso por parte do poder público municipal com o Circuito, pois a falta de receita impossibilita o andamento dos projetos da Associação, afirma o vice-presidente da ARCA. Segundo ele, o desinteresse das prefeituras em relação ao Circuito das Águas se dá em função do forte sentimento de “bairrismo” que prevalece entre elas.

São Lourenço é um dos municípios inadimplentes do Circuito das Águas. Os investimentos da Prefeitura de São Lourenço em turismo são direcionados ao SERVATUR – Serviço Autônomo de Turismo – cujo papel é o planejamento e fomento do turismo no município. O SERVATUR, na maioria das vezes, não atua em parceria com o Circuito das Águas, suas ações são unicamente voltadas para o turismo de São Lourenço. De acordo com o gestor do Circuito das Águas, quando este circuito

foi criado, em 2002, foi feito um trabalho de mobilização junto à prefeitura de São Lourenço para que o prefeito se tornasse membro da ARCA. No entanto, a gestão seguinte, mesmo passando por um novo processo de mobilização, não aderiu à idéia de fazer parte do circuito com a devida responsabilidade, daí o fato de estar inadimplente.

Diante do forte sentimento de competição e o alto índice de inadimplência por parte das prefeituras, pode-se afirmar que a regionalização do turismo no Circuito das Águas ainda não se consolidou e que este último só existe do ponto de vista institucional em razão de uma determinação do Governo Estadual de que somente os municípios pertencentes a um Circuito estariam aptos ao recebimento de verbas ligadas à atividade turística. Apesar da falta de integração entre as prefeituras das destinações turísticas pertencentes à ARCA, o Governo Estadual tem unidos esforços no intuito de contribuir para a divulgação, a promoção e o desenvolvimento do turismo nesta região. De acordo com a técnica do SEBRAE, entrevistada em campo por esta pesquisadora, o Governo de Minas Gerais definiu o Circuito das Águas como um dos circuitos de maior potencial turístico do Estado e incluiu quatro de suas cidades em seu projeto estruturador intitulado “Destinos Mineiros” cujos objetivos são sensibilizar, mobilizar e qualificar os agentes públicos e privados de forma a preparar e promover as destinações turísticas para torná-las atraentes e competitivas. São Lourenço está incluído neste projeto do governo e tem recebido atenção especial. Prova disso são os diversos investimentos direcionados para o município: elaboração de diagnósticos, recuperação e sinalização das estradas, capacitação profissional, participação do município em feiras de âmbito nacional e divulgação do turismo no município.



#### 4 O CICLO DE VIDA DO FENÔMENO TURÍSTICO EM SÃO LOURENÇO: PRIMEIRA APROXIMAÇÃO

Visando a compreender melhor o turismo em São Lourenço, bem como seus diferentes estágios, este capítulo apresenta uma primeira aproximação do ciclo de vida do fenômeno turístico em São Lourenço a partir de um paralelo entre a reconstituição histórica do turismo nessa estância hidromineral e o modelo do ciclo de vida das destinações turísticas de Butler (1980). Esta análise remete ao gráfico 1 de Butler (1980), apresentado no capítulo 1 desta dissertação. A análise deste gráfico aplicado ao estudo de caso de São Lourenço será feita a seguir.

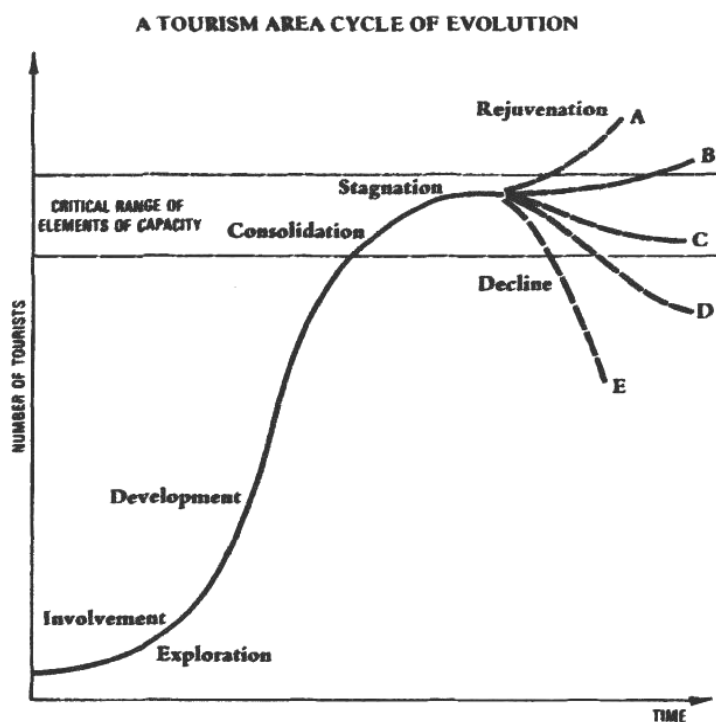


Gráfico 1 – O Ciclo de Vida das Destinações Turísticas  
Fonte: Butler, 1980, p.7.

#### 4.1 Do estágio de exploração ao de declínio

O primeiro estágio do ciclo de vida do fenômeno turístico em São Lourenço, o estágio de exploração, caracterizado por um pequeno número de visitantes exploradores atraídos pelas suas características naturais únicas e peculiares – as águas minerais e sua capacidade curativa – se deu entre 1885 e 1912. As primeiras referências às características peculiares das águas de São Lourenço são datadas de 1817. No entanto, sua capacidade curativa e até mesmo “milagrosa” – como era considerada naquela época – ganhou maior notoriedade na segunda metade do século XIX, após a chegada do português João Francisco Viana, primeiro morador da região em cuja propriedade foram descobertas águas minerais. O acesso à Fazenda Bomba, residência da família Viana, foi feito a cavalo até 1885, data da inauguração da primeira estação ferroviária da cidade. Não foi encontrado por esta pesquisadora nenhum registro de que a Fazenda Bomba funcionava como hospedaria, apenas que as pessoas que faziam uso das águas minerais eram oriundas da própria fazenda ou de fazendas vizinhas. Sendo assim, acredita-se que a vinda dos primeiros visitantes de outras regiões ocorreu após 1885, período em que São Lourenço passou a dispor de transporte ferroviário e casas residenciais e comerciais. A fonte gasosa e a ermida de Bom Jesus do Monte, ambas inauguradas em 1892, podem ser consideradas os primeiros atrativos turísticos de São Lourenço. Os meios de hospedagem começaram a surgir em 1912, em razão da demanda de turistas e pacientes pelas águas minerais associadas ao repouso e ao lazer que a estância proporcionava. Esta data marca a passagem para o segundo estágio, o estágio de envolvimento.

Durante o estágio de envolvimento, entre 1913 e 1930, os residentes de São Lourenço, bem como muitas pessoas que vieram de fora com a intenção de se instalar na cidade, transformaram suas propriedades em pensões e hotéis para os veranistas e pacientes. O aumento do número de turistas resultou no fornecimento de infra-estrutura primária – serviços de saúde, bancos, transporte – ou até mesmo exclusiva para os visitantes – hospedagem, alimentação, lazer. A comercialização da água mineral de São Lourenço favoreceu a divulgação desta localidade, principalmente no estado do Rio de Janeiro, como estância de repouso e lazer. A pressão por parte da população de São Lourenço para melhorar a infra-estrutura da cidade resultou na captação de investimentos e na instalação de uma série de serviços na estância: luz elétrica, água encanada, posto de meteorologia e estação do telégrafo nacional. Na década de 20 também foram construídos os primeiros edifícios do município e os passeios de charrete se tornaram um atrativo para os turistas. Em 1927, São Lourenço finalmente adquiriu sua emancipação, tornando-se município.

Tendo em vista os equipamentos turísticos criados na década de 1930, bem como o considerável aumento do fluxo de turistas em São Lourenço, com a inauguração dos cassinos, do balneário, do aeroporto, tem-se entre 1931 e 1946, o estágio de desenvolvimento do ciclo de vida do fenômeno turístico em São Lourenço. Este estágio foi marcado pelo espetáculo e pelo glamour desta estância hidromineral freqüentada por presidentes, artistas e celebridades do Brasil e de países latino americanos. Neste período, verifica-se, também, a diversificação do comércio e da indústria de São Lourenço, o que contribuiu ainda mais para a geração de emprego e renda. Nas entrevistas realizadas em campo por esta pesquisadora, os moradores antigos não relataram nenhuma insatisfação em

relação ao aumento do número de turistas neste período, mesmo no que diz respeito à criação de novos equipamentos turísticos como hotéis, pensões, cassinos, e etc. Pelo contrário, acerca dos acontecimentos que marcaram a década de 1930 na estância hidromineral de São Lourenço, os antigos moradores da cidade apenas revelaram lembranças positivas e até mesmo em certo saudosismo daquela época em que a cidade era freqüentada por figuras ilustres da política e da alta sociedade, período este em que se destacavam o entretenimento e o glamour.

A estância de São Lourenço sofreu um grande impacto em razão do fechamento dos cassinos, seu maior atrativo turístico na década de 40. A partir de 1946, com a extinção do jogo, tanto a literatura pesquisada quanto os hoteleiros e demais atores sociais ligados ao segmento turístico, entrevistados em campo por esta pesquisadora, afirmaram que houve uma considerável queda no número de visitantes que freqüentavam esta localidade. A inexistência de dados quantitativos acerca do turismo na estância, na primeira metade do século XX, impede a definição, com precisão, da passagem do estágio de desenvolvimento para o de consolidação e estagnação, pois pode ter havido, entre 1947 e 1980, picos de declínio e rejuvenescimento.

No que se refere aos acontecimentos relacionados ao estágio de consolidação do ciclo de vida do fenômeno turístico em São Lourenço, pode-se citar a redução da taxa de crescimento do número de turistas, o fato de grande parte da economia do município estar ligada à atividade turística, a melhoria da infra-estrutura hoteleira durante as décadas de 50 e 60 e a adoção de estratégias de marketing e propaganda para estender a permanência dos turistas em São Lourenço na década de 70, através do Programa Pró-estâncias. Quanto aos acontecimentos que se referem ao estágio de estagnação, destaca-se a descaracterização da imagem de

pequena e pacata estância hidromineral a partir da década de 80, em função da expansão urbana e do “boom imobiliário” que ocorreu em São Lourenço. Esse rápido crescimento da cidade acarretou em graves problemas urbanos como, por exemplo, a disposição dos resíduos sólidos, a diminuição da área verde e a verticalização da área turística próxima ao Parque das Águas. A partir da década de 80, principalmente na década de 90, o perfil do turista em São Lourenço mudou. O município passou a depender de grupos de excursão, principalmente da terceira idade, e da captação de eventos para atrair visitantes e mitigar os efeitos negativos da sazonalidade. De acordo com moradores antigos, hoteleiros, garçons, e demais atores sociais ligados ao segmento turístico, em entrevista realizada em campo por esta pesquisadora, até a década de 70, a estância era freqüentada por pessoas de todas as idades, principalmente da classe média e alta. Já na década de 80, grande parte dos turistas que freqüentavam São Lourenço adquiriu imóveis para neles se hospedarem durante os finais de semana, férias escolares e feriados. Os grandes hotéis cuja infra-estrutura se assemelha ao *resort* optaram por investir na captação de grupos de eventos e a oferecer pacotes para a família com atrações para todas as idades. Por outro lado, os pequenos hotéis e pousadas passaram a receber grupos de excursão da terceira idade, principalmente da classe média e classe média baixa. Em São Lourenço, os atrativos como shows, festas, bailes, cinemas e os restaurantes oferecidos pelos grandes hotéis tendem a manter os hóspedes em suas instalações durante quase todo o dia, prejudicando os setores da economia ligados ao turismo localizados na cidade como o comércio e o artesanato, por exemplo. São Lourenço, apesar de ter uma imagem bem estabelecida no mercado, não está mais “na moda”.

Os dados de visitação do Parque das Águas, principal atrativo turístico de São Lourenço desde o fechamento dos cassinos em 1946, apontam para uma redução da ordem de cem mil visitantes entre 1999 e 2007, conforme a Figura 18. O gerente comercial do parque, em entrevista realizada em campo por esta pesquisadora, afirma que o estabelecimento chegou a receber cerca de oitocentos mil turistas nas décadas de 70 e 80. Esta informação foi confirmada durante entrevista com o Presidente da Associação Comercial, o Vice-Presidente da ARCA, o Presidente do SERVATUR e hoteleiros. Diante deste dado quantitativo e, também, do sentimento de insatisfação dos atores sociais ligados ao segmento turístico no município, como hoteleiros, comerciantes, garçons, artesãos, proprietários de estabelecimentos do ramo de alimentos, dentre outros, acredita-se que a primeira década do século XXI marcou a passagem do estágio de estagnação para o de declínio do fenômeno turístico em São Lourenço. É relevante ressaltar que o processo de declínio pode ter se iniciado na última década do século XX, no entanto, como os dados quantitativos de que se dispõe abarcam apenas os últimos nove anos, optou-se por considerar esta passagem a partir do início do século XXI.

Apesar da situação de declínio em que se encontra o fenômeno turístico em São Lourenço, dados quantitativos coletados no Plano Diretor Municipal de São Lourenço (2007) e junto à Associação Comercial do município apontam forte dependência da economia local em relação ao turismo. A atividade turística, ainda que em menor grau, continua sendo uma grande fonte geradora de renda e emprego na cidade, movimentando outros segmentos. A partir de entrevistas realizadas em campo por esta pesquisadora, tanto o poder público quanto o setor comercial em geral, o setor hoteleiro, e demais setores econômicos da cidade atribuem ao turismo a sustentação econômica do município. Para representantes dos setores do

comércio varejista e da hotelaria, bem como os proprietários de postos de gasolina e farmácias, os períodos de finais de semana, feriados prolongados e férias escolares constituem os de maior lucratividade em vista do fluxo de turistas que a cidade recebe. Eles confirmaram também que a infra-estrutura turística de São Lourenço não desapareceu. A seguir serão analisados dados quantitativos das atividades econômicas do município extraídos do Plano Diretor Municipal de São Lourenço (2007).

O gráfico 2 apresentado a seguir, aponta o setor de serviços como de maior participação no PIB de São Lourenço e destaca o crescimento deste setor entre 1996 e 2003. A pequena participação da agropecuária no PIB municipal ocorre em função da restrita área rural da cidade.

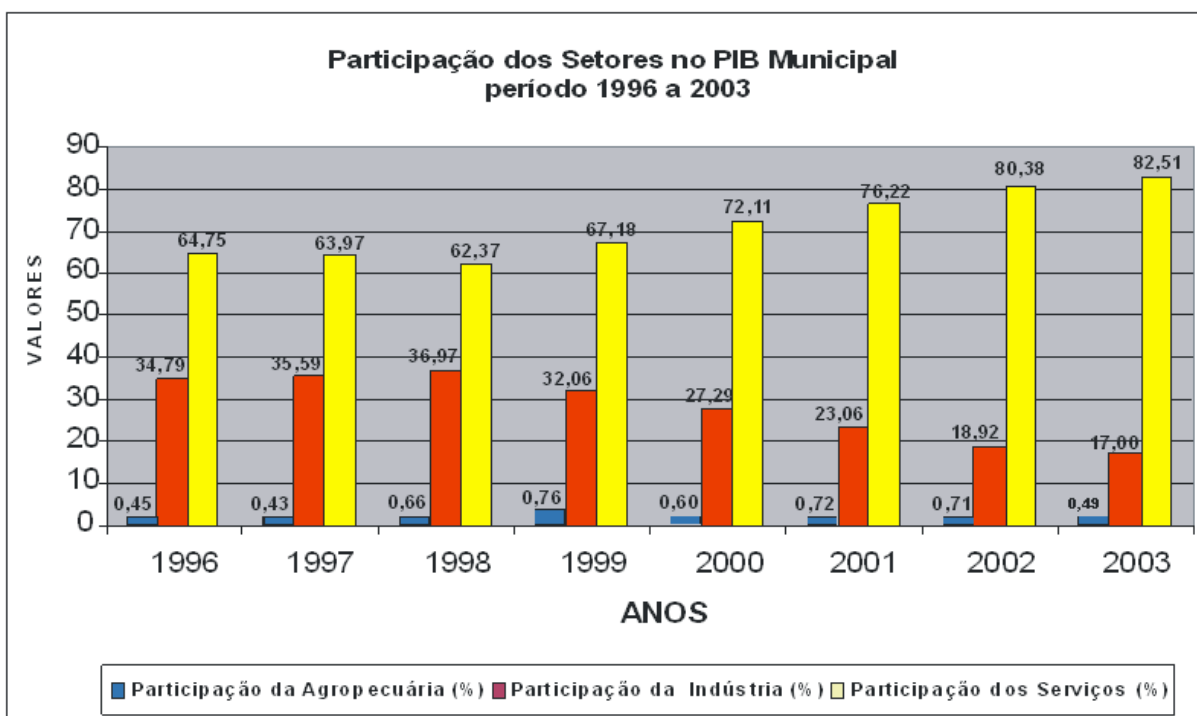


Gráfico 3 – Participação dos setores econômicos no PIB municipal  
Fonte: Plano Diretor de São Lourenço (2007).

O setor de serviços, conforme mostra o Gráfico 3, abrange diversos ramos de atividade dentre os quais se destacam os de alimentação e alojamento que somam 203 estabelecimentos. Considerando que o setor de serviços foi o que mais contribuiu para o PIB municipal entre 1996 e 2003 se comparado aos setores agropecuário e industrial e que neste setor o maior número de estabelecimentos está ligado ao ramo de alimentação e alojamento, pode-se afirmar que a economia de São Lourenço está diretamente ligada ao turismo e que esta atividade contribui fortemente para a geração de renda municipal. A análise da receita arrecadada com o ISSQN entre 2001 e 2005, conforme a Tabela 7, complementa a colocação feita anteriormente. A arrecadação do ISSQN – Imposto Sobre Serviço de Qualquer Natureza – proveniente dos serviços de hospedagem é bem maior que a dos serviços de saúde e bancários. Apesar da porcentagem arrecadada com os serviços de hospedagem ter diminuído, pode-se verificar que o montante em moeda corrente – R\$ – aumentou o que comprova a importância do turismo para o município.

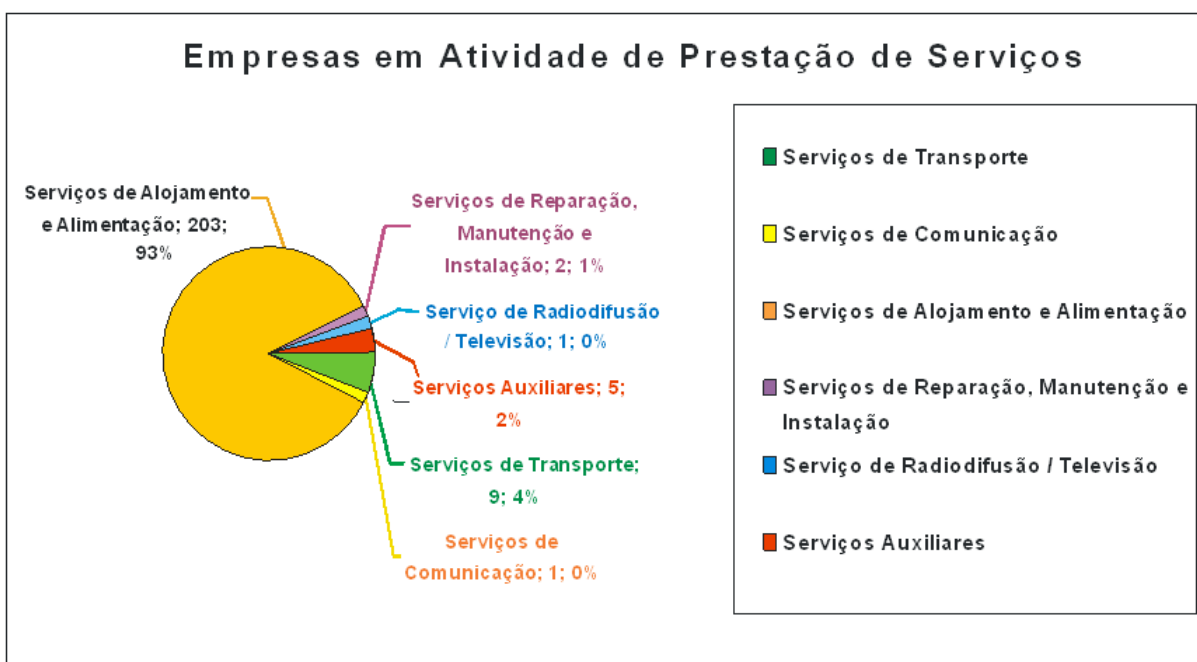


Gráfico 4 – Empresas em atividade de prestação de serviços  
 Fonte: Plano Diretor de São Lourenço (2007).



TABELA 7

Evolução da receita do ISSQN em São Lourenço 2001 - 2005

<b>ANO</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>
ISSQN TOTAL (R\$)	769.126	853.157	258.298	1.054.783	1.381.443
% Serviços Hospedagem	40,67	36,8	33,53	38	35,33
% Serviços Saúde	10,73	10,44	9,18	8,35	7,39
% Serviços Bancos e Financeiras	9,25	10,47	11,9	13,31	20

Fonte: Plano Diretor de São Lourenço (2007)

Outro setor econômico importante em São Lourenço é o comércio. Existem, de acordo com o Plano Diretor de São Lourenço, 903 estabelecimentos comerciais no município, dentre os quais 859 são varejistas. O Gráfico 4 apresenta a arrecadação do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços – ICMS, entre 2001 e 2005, no município de São Lourenço. A linha roxa se refere à arrecadação de ICMS no ano de 2005 e mostra a sua variação ao longo do ano. Pode-se perceber que os meses de maior arrecadação de ICMS são aqueles que se seguem aos períodos considerados como alta temporada pelo turismo – dezembro, janeiro, junho e julho. O aumento da arrecadação do ICMS durante a alta temporada do turismo em São Lourenço comprova a relação desta atividade com o comércio local e valida a afirmação dos comerciantes em entrevista realizada em campo por esta pesquisadora de que o comércio depende do turismo. Os comerciantes cujos estabelecimentos se localizam na área turística da cidade colocam que o montante de capital arrecadado durante a alta temporada e os feriados é, muitas vezes, o responsável pela manutenção e o custeio dos estabelecimentos durante o restante do ano.

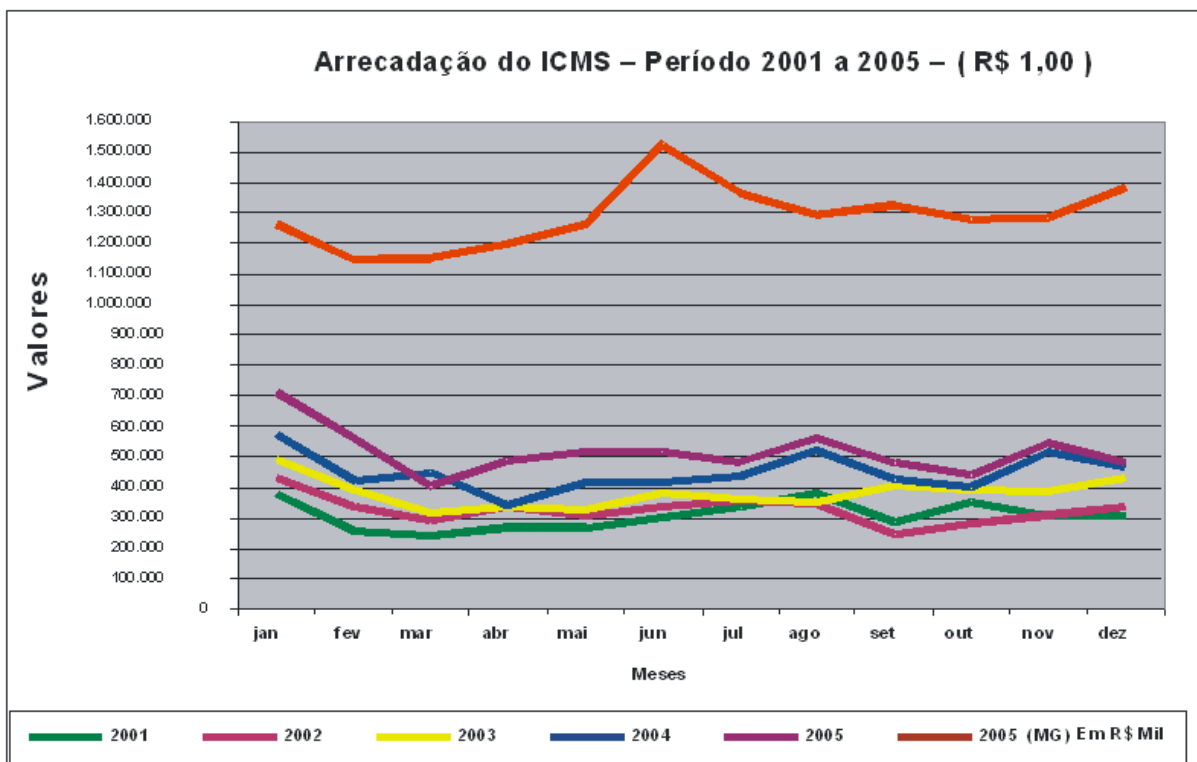


Gráfico 5 – Arrecadação de ICMS em São Lourenço entre 2001 e 2005  
 Fonte: Plano Diretor de São Lourenço (2007)

Outro dado importante que comprova a relação da economia do município com a atividade turística pode ser verificado no gráfico intitulado percentual da população ocupada por setores econômicos apresentado no Gráfico 5. O setor de serviços é o que mais emprega a mão-de-obra de São Lourenço, seguido do comércio. Considerando que 93% dos estabelecimentos do setor de serviços é do ramo de alojamento e alimentos e que o setor de hospedagem é o grande responsável pela arrecadação de ISSQN para o município, pode-se dizer que a maior parte dos empregos em São Lourenço é oferecida por setores econômicos diretamente ligados à atividade turística.

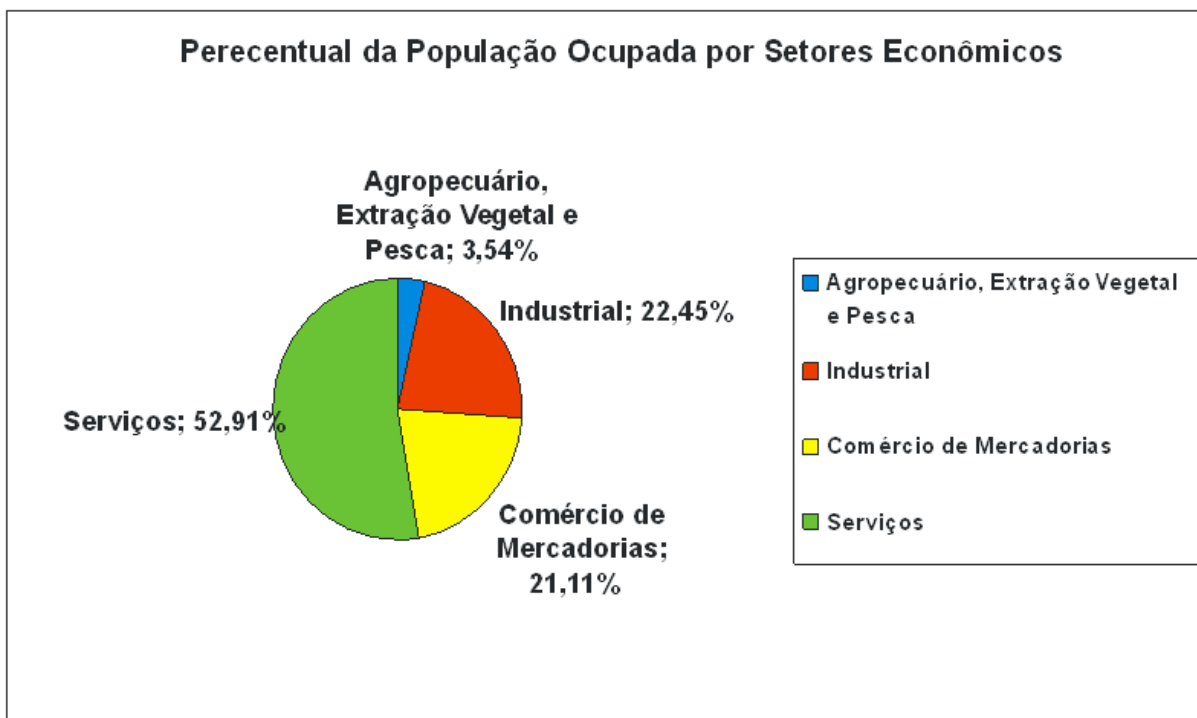


Gráfico 6 – Percentual da população ocupada por setores econômicos  
 Fonte: Plano Diretor de São Lourenço (2007)

Apesar dos dados verificados anteriormente confirmarem que a economia de São Lourenço depende fortemente do turismo ainda em 2008, não se pode desconsiderar que o número de turistas que visitam o município diminuiu consideravelmente, se comparado às décadas anteriores. A gerência do Parque das Águas de São Lourenço, a Secretaria de Turismo do município e os representantes dos órgãos comerciais afirmam que a estância chegou a receber aproximadamente oitocentos mil turistas por ano, entre as décadas de 1970 e 1980. Este montante foi estimado de acordo com os registros do volume de visitantes no Parque das Águas desde a década de 70. Quando comparados os números de visitantes nas décadas de 70 e 80 e na atualidade, percebe-se uma redução de mais de 55%. Levando em conta que o Trem das Águas foi criado em 2000 e desde então o fluxo de turistas em São Lourenço continuou decrescente, pode-se afirmar que esse atrativo por si só

não está sendo capaz de proporcionar o rejuvenescimento do turismo. Também se pode afirmar que na ausência do Trem das Águas e do balneário do Parque das Águas, recentemente reformado, talvez a queda do número de turistas na estância fosse ainda maior. Em vista disso, comungo com a afirmação do hoteleiro, candidato de oposição à prefeitura de São Lourenço de que a saída da crise do turismo no município requer um projeto de revitalização da estância de São Lourenço que seja gerido pelo poder público através de sua Secretaria de Turismo, com o apoio da Sociedade Civil como um todo e, também, do setor privado ligado à atividade turística. Essa revitalização do turismo, de acordo com o diagnóstico Instituto Estrada Real / Mercury (2007) será possível através de outras bases diferentes daquelas do passado, uma vez que elas não se sustentam mais. Uma discussão mais aprofundada acerca das possibilidades da revitalização do turismo em São Lourenço será feita no item 4.2.

#### 4.2 E o futuro? Rejuvenescimento ou declínio?

A existência de uma completa infra-estrutura turística e de apoio ao turismo em São Lourenço, criada ao longo de mais de um século – período durante o qual esta estância hidromineral se consolidou enquanto destinação turística –, bem como a forte dependência da economia local em relação à atividade turística, reafirmam a necessidade de rejuvenescimento do turismo nesta estância de modo

que ele possa contribuir ainda mais para o desenvolvimento socioeconômico de São Lourenço. Segundo Butler (1980), as possibilidades de rejuvenescimento de uma destinação turística, passam pela criação de um atrativo turístico construído pelo homem como os cassinos e os parques temáticos e o melhor aproveitamento dos recursos naturais locais.

O turismo em São Lourenço esteve, desde o início, ligado às águas minerais. Este recurso natural foi o principal responsável pelo surgimento desta estância hidromineral e pode, ainda no século XXI, voltar a ser o grande motivador do turismo no município. O termalismo, no passado, utilizava as águas minerais para o tratamento e a cura de enfermidades. No século XXI, os padrões estéticos impostos pela sociedade contemporânea tem suscitado, cada vez mais, o bem-estar e o culto ao corpo gerando uma nova demanda, o termalismo associado ao bem-estar. Neste contexto, o turismo em São Lourenço apresenta uma possibilidade de rejuvenescimento através da melhor utilização de sua infra-estrutura turística e a sua adaptação para a oferta desta modalidade de turismo: o turismo termal do bem-estar.

São Lourenço já dispõe de grande parte da infra-estrutura necessária à prática desta nova modalidade: um moderno balneário recém reformado, um dos maiores parques hoteleiros de Minas Gerais com cerca de sete mil leitos, fábricas de doces que incluem a linha diet, um parque que oferece opções para caminhadas, prática de esportes, relaxamento e lazer e um amplo setor de comércio que pode agregar produtos ligados ao bem-estar e culto ao corpo. Além da adaptação da infra-estrutura turística a esta modalidade de turismo, bem como a capacitação profissional para o trabalho no turismo termal associado ao bem-estar, será necessário uma forte divulgação na mídia, de modo a despertar no imaginário das

peessoas o desejo de estar “na moda”, tratando o estresse e melhorando a estética pessoal na estância hidromineral de São Lourenço. Retomando Harvey (2002), a publicidade se volta cada vez mais para a manipulação dos desejos e gostos mediante imagens e estas servem para estabelecer uma identidade de mercado. Os pacotes de viagem para o turismo termal do bem-estar em São Lourenço poderão incluir, além da hospedagem, tratamentos estéticos no balneário do Parque das Águas e monitores oferecidos pelos hotéis para a prática de esportes e caminhadas. A busca por um melhor aprofundamento na área do termalismo associado ao bem-estar e ao culto ao corpo é possível através da captação de eventos científicos ligados à medicina estética, no município. Além de funcionar como mais um atrativo para a estância, estes eventos contribuem para a informação e formação dos profissionais voltados para esta área de atuação. Entretanto, é importante ressaltar que não existe, em São Lourenço, um salão de convenções com capacidade para atender esta demanda. Alguns hotéis dispõem de salões para reuniões e eventos, mas com restrições ao número de participantes. O maior salão de eventos disponível na cidade encontra-se em um grande hotel, porém suas instalações são improvisadas e não atendem ao padrão exigido pelos eventos de alto nível. Sua capacidade é para 2.000 pessoas.

Outra possibilidade de rejuvenescimento para a estância hidromineral de São Lourenço é a instalação de um parque aquático na cidade, mantendo a forte relação do turismo com o recurso natural água. Como este atrativo é voltado para as famílias e, principalmente para o público jovem, o perfil de turistas que visita a estância – maior parte da terceira idade – se ampliaria e contribuiria para mitigar o efeito da sazonalidade, uma que vez que as agências e operadoras de viagens poderiam vender pacotes de fim de semana para a visita ao parque aquático, como

já vem sendo feito no caso do HOPI HARI – parque de diversões localizado em Campinas - SP. Os pacotes vendidos para este parque têm duração de três dias, são rodoviários e incluem transporte, hospedagem, ingresso para o parque e alimentação. A saída é feita na sexta-feira à noite e o retorno é no domingo à noite, com saídas semanais tanto na alta quanto na baixa temporada. Outra vantagem da instalação de um parque aquático em São Lourenço é a utilização dos pequenos hotéis e pousadas, pois geralmente os roteiros rodoviários para os parques temáticos no Brasil, de curta duração, utilizam hospedagem mais barata. Uma vez que os turistas passam a maior parte do dia no parque temático, não precisam de hospedagem que inclua áreas de lazer.

Conforme mencionado no capítulo 1, as pesquisas acerca das possibilidades de sucesso do turismo termal apontam para a necessidade de associar esta modalidade à prática de outras atividades ou até mesmo diferentes atrações. Neste caso, a instalação de cassinos em São Lourenço, como havia no passado, não pode ser descartada. Os hoteleiros, proprietários de restaurantes e comerciantes do município, em entrevistas realizadas em campo por esta pesquisadora, afirmaram que assim como em várias partes do mundo, os cassinos solucionariam problemas econômicos do município, rejuvenesceriam o turismo na estância e resgatariam a sua imagem, vinculando-a ao espetáculo e ao glamour. Os investimentos poderiam vir de fora, desde que existisse a obrigatoriedade de empregar a mão-de-obra local e que parte do capital arrecadado através dos impostos cobrados dos cassinos fosse investida na atividade turística de São Lourenço. Assim como na década de 1930, os cassinos movimentariam praticamente todos os setores da economia local, gerando renda e emprego para a sua população. No entanto, a instalação de cassinos em São Lourenço prescinde de

um aeroporto regional que possa facilitar o acesso de turistas nacionais e estrangeiros à estância. Tendo em vista as restrições impostas ao aeroporto de São Lourenço cujas pistas são curtas e não atendem ao padrão exigido pelo Departamento de Aviação Civil – DAC, uma possível solução seria a criação de um aeroporto regional para o Circuito das Águas em algum de seus municípios. Conforme já foi mencionado, esta negociação tem sido tensa entre os municípios de São Lourenço e Caxambu, pois por divergências partidárias cada prefeitura tem se esforçado para que esta conquista seja individual e isto tem dificultado um possível acordo.

A reabertura dos cassinos está sendo pleiteada no Congresso Nacional e tem ganhado espaço nas discussões junto ao Governo Federal. Inúmeras propostas já foram feitas, todas elas mencionadas no capítulo 1, mas têm sido rebatidas com argumentos de resistência dentre os quais se destacam os principais: a corrupção e o vício do jogo. Sabe-se que vários países têm ganhado notoriedade na mídia e espaço no mercado turístico através da instalação de cassinos que contribuem fortemente para a geração de emprego e renda onde se localizam. Localidades próximas ao Brasil como o Chile, por exemplo, têm atraído um grande número de turistas em razão da possibilidade da prática dos jogos de azar em seu território.

Outra possibilidade de rejuvenescimento do turismo em São Lourenço é a consolidação do Circuito das Águas enquanto região turística. Como são dez os municípios que compõem este circuito, os pacotes vendidos por agências de receptivo e operadoras de turismo poderiam oferecer o município de São Lourenço como pólo de hospedagem para o passeio na região e, aos atrativos já existentes nesta estância, seriam somados aqueles disponíveis nas outras cidades, que incluem a possibilidade da prática do turismo religioso com o roteiro de Nhã Chica, o



turismo de aventuras em Conceição do Rio Verde e Heliodora, dentre outros. Para que isso fosse possível, o poder público, o setor privado e a população dos municípios pertencentes ao Circuito das Águas teriam que acreditar no potencial turístico desta região e unir esforços para alcançar o seu desenvolvimento socioeconômico a partir da atividade turística. A resistência à consolidação do Circuito das Águas se deve às rivalidades partidárias e os “bairrismos” entre as prefeituras, bem como à falta de uma cobrança direta por parte do *trade* turístico junto ao poder público municipal. Não existe, nesta primeira década do século XXI, uma integração entre as prefeituras dos municípios pertencentes ao Circuito das Águas, bem como não se verifica a existência de parceiras público-privadas nas destinações turísticas. Este fato impede a captação de investimentos e a melhor organização da atividade tanto a nível municipal quanto regional.

As possibilidades de rejuvenescimento do turismo em São Lourenço, mencionadas anteriormente, só podem ser concretizadas a partir de uma parceria público-privada para a captação de investimentos e o trabalho em conjunto no planejamento, desenvolvimento, tomada de decisões e divulgação do turismo na estância, sob as novas bases propostas anteriormente. Diante desta afirmação, é necessário analisar os diversos segmentos econômicos do município e sua visão acerca do turismo.

Entre os atores sociais ligados ao turismo no município de São Lourenço, destacam-se os hoteleiros, os proprietários de bares e restaurantes, os comerciantes, os artesãos, os garçons, os planejadores de turismo ligados à prefeitura – SERVATUR, à órgãos do estado como o SEBRAE, o gestor do Circuito das Águas – natural de São Lourenço, a população local, os funcionários do Parque

das Águas, os membros da Sociedade Civil Organizada de São Lourenço, os representantes dos segmentos econômicos da cidade, dentre outros.

Conforme verificado através de entrevistas realizadas em campo por esta pesquisadora, cada ator apresentou uma visão do turismo na cidade. Através da análise destes diferentes pontos de vista, será possível compreender melhor o tipo de turismo que se deseja para o município.

Os atores sociais entrevistados acreditam que a vocação de São Lourenço é o turismo e desconsideram a hipótese da inexistência desta atividade no município. Eles afirmaram que dependem do turismo para a manutenção de seus empregos e seus negócios e que até a década de 90, a atividade apresentava maiores ganhos para os setores econômicos da cidade. Colocaram também que o turismo poderia estar sendo mais bem planejado e gerido e atribuem esta falha ao descaso do poder público com o turismo na cidade. Os hoteleiros, comerciantes e donos de bares e restaurantes, quando questionados acerca da inexistência de parcerias público-privadas, afirmaram que por questões político-partidárias inexistem interesse de ambas as partes. A melhoria do turismo nesta estância hidromineral, do ponto de vista dos representantes dos segmentos econômicos de São Lourenço, só será possível quando o poder público municipal estiver no comando de um ator social ligado à atividade turística.

Enquanto o SEBRAE acredita que se deve investir em um único perfil de turistas para São Lourenço – a terceira idade –, os hoteleiros esperam ampliar a gama de opções e atrair visitantes de todas as idades para a cidade, mitigando o efeito da sazonalidade. Os representantes deste setor apostam, também, no turismo de eventos e têm buscado captar bons negócios. Um problema quanto ao turismo de eventos, é que geralmente eles são itinerantes, para que seus participantes possam

conhecer lugares inéditos. Em vista disso, o trabalho de captação de novos eventos deve ser constante e deve-se procurar melhorar a infra-estrutura turística continuamente, oferecendo sempre um diferencial para atender às exigentes demandas emergentes e mitigar os efeitos da concorrência. Os comerciantes e artesãos almejam a visita de turistas da classe alta que consumam seus produtos em grandes quantidades. Os artesãos de São Lourenço, em sua totalidade, se queixam de que os visitantes buscam lembrancinhas baratas, geralmente compradas nas casas que vendem bens importados por R\$ 1,99.

Quando questionados acerca da baixa frequência de turistas jovens na estância de São Lourenço, todos os entrevistados mencionaram a falta de entretenimento na cidade. Não existe uma variedade de bares, restaurantes e atrativos que motivem o deslocamento desse perfil de visitantes para o município. A própria população, tanto jovem quanto adulta se queixa do mesmo problema. Diante das afirmações mencionadas anteriormente, nota-se que não existe planejamento turístico no município de São Lourenço, colocação esta comprovada pela ausência de políticas públicas ligadas à atividade turística na cidade, à inexistência de parcerias público-privadas e às conquistas individuais e pontuais de alguns atores sociais ligados ao turismo na estância. A falta de integração entre os atores sociais envolvidos no turismo – poder público, setor privado e população local – atribui um viés amador na forma com que vem sendo gerida a atividade turística em São Lourenço.

As possibilidades de rejuvenescimento da estância hidromineral de São Lourenço são promissoras desde que a atividade turística seja planejada e gerida de forma integrada, participativa, contínua e competente. Além da necessidade da presença de um representante dos segmentos econômicos ligados ao turismo no

poder público municipal, deve-se contar com o apoio de profissionais experientes no planejamento e na gestão do turismo em municípios e, de alguma forma, garantir a continuidade dos investimentos e ações voltadas a esta atividade independentemente da troca de gestão municipal. As experiências bem sucedidas em destinos turísticos do exterior e até mesmo do Brasil devem ser analisadas e servir como motivação para o rejuvenescimento do turismo em São Lourenço.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

São Lourenço surgiu e se desenvolveu em função do interesse de investidores pela exploração e comercialização de suas águas minerais, descobertas no início do século XIX. A possibilidade da prática do termalismo, em uma cidade de clima ameno e ritmo pacato, atraiu cada vez mais turistas para São Lourenço em uma época que se destacou pelo surgimento das metrópoles cujo cotidiano era marcado pelo acelerado ritmo imposto pela produção industrial. Diante da necessidade física e psíquica de retorno à natureza e à tranquilidade do campo, esta estância hidromineral proporcionava aos turistas alternativas para que pudessem livrar-se das neuroses urbanas e do cotidiano constrangedor das cidades, garantindo-lhes o bem-estar.

Desde o início de “Águas do Viana” até os dias atuais, esta estância hidromineral passou por diversos estágios, conforme aponta o ciclo de vida do fenômeno turístico em São Lourenço. O grande potencial turístico de suas águas minerais foi explorado pelos empreendedores da cidade que construíram fontes e balneário para a prática do termalismo. É relevante destacar que naquela ocasião, o termalismo apresentava-se como poucas, senão a única modalidade de turismo em Minas Gerais. Isto explica o forte poder de atração que São Lourenço exercia na primeira metade do século XX. O desenvolvimento do município e sua consolidação enquanto destinação turística foi acelerada pela instalação de cassinos, em 1930, na estância hidromineral de São Lourenço, e resultou na associação do município à imagem do espetáculo e do glamour. A “venda” de São Lourenço como local de prática do termalismo e de jogos de azar resultou na criação de uma imagem urbana

atraente, o que favoreceu outras formas de investimentos, capitais que foram responsáveis pelo progresso do município.

No entanto, a proibição dos jogos de azar em 1946, pelo Governo Federal, resultou na primeira crise do segmento turístico no município, uma vez que São Lourenço perdeu o seu mais forte atrativo turístico – aquele que o vinculava à imagem de glamour e espetáculo. Na década de 1950, surgiram novas modalidades de turismo em Minas Gerais e as estâncias hidrominerais perderam espaço para as cidades históricas cujo patrimônio passou a ser cada vez mais valorizado e divulgado. Sendo assim, a partir da segunda metade do século XX, São Lourenço passou por difíceis momentos de tentativa de revitalização do turismo em uma época marcada pela volatilidade e efemeridade das modas, resultante do forte papel exercido pela mídia como formadora de opinião.

Apesar do turismo ainda ser a vocação do município e contribuir fortemente para a economia local, o estágio de declínio do turismo em São Lourenço apresenta soluções tais como aquelas propostas neste trabalho. Compreender o fenômeno turístico como algo dinâmico e complexo favorecerá a gestão e o planejamento desta atividade no município. O contexto atual em que se destacam a volatilidade e efemeridade das modas que se revezam entre as inúmeras modalidades de turismo praticadas nas mais diversas paisagens do planeta apontam para a necessidade de renovação contínua da oferta turística em São Lourenço e para a melhoria da qualidade do serviço oferecido.

No que tange ao desenvolvimento desta pesquisa, desvendar os acontecimentos que tanto precederam quanto sucederam a primeira metade do século XX nas estâncias hidrominerais, com ênfase em São Lourenço, objeto de estudo deste trabalho, não foi tarefa fácil. Os resultados da investigação em campo

poderiam ser mais bem analisados se estivessem disponíveis para esta pesquisadora dados quantitativos acerca do turismo na estância, principalmente no que se refere ao número de visitantes desde a década de 30, período de apogeu conforme aponta a literatura voltada para este tema. Por outro lado, esta fragilidade foi contraposta pelo considerável volume de informações coletadas durante os trabalhos de campo, através de documentos e de cerca de 29 entrevistas semi-estruturadas feitas com diversos atores ligados ao turismo, tanto em São Lourenço, quanto em Belo Horizonte. Os dados quantitativos inexistentes foram compensados por relatos que confirmaram informações e, assim, pôde-se responder aos questionamentos e desenvolver esta pesquisa.

O capítulo de revisão da literatura constituiu a base fundamental para a compreensão do problema desta pesquisa e contribuiu para a análise dos dados coletados ao longo deste trabalho. Como o acervo bibliográfico voltado para o turismo ainda está em construção, contribuições como esta, que aprofunda em temas específicos como o termalismo e os jogos de azar, pode ser útil a outras pesquisas de temas afins. A utilização do conceito do ciclo de vida do fenômeno turístico de Butler (1980) também corresponde a um ponto significativo a ser considerado, pois evita que as constatações feitas por esta pesquisadora estejam imbuídas de um viés muito subjetivo e hipotético.

Acredita-se que o objetivo de compreender o turismo em sua perspectiva histórica, identificando as reminiscências do termalismo e suas (im)possibilidades de sucesso e relance sobre outras bases, na primeira década do século XXI, foi atingido, ainda que se verifique neste trabalho apenas uma primeira aproximação acerca deste tema. Ficou evidente a vocação turística do município baseada na importância desta atividade para a economia local, bem como a falta de integração

dos atores ligados ao turismo – poder público, setor privado e comunidades – e a fragilidade de políticas públicas, planejamento e gestão municipal do turismo.

Espera-se que este trabalho possa incrementar o acervo bibliográfico voltado para este tema, bem como contribuir para o planejamento e a gestão do turismo nas estâncias hidrominerais através da identificação das (im)possibilidades de melhor aproveitamento do turismo sobre outras bases, na primeira metade do século XXI. O estudo do turismo à luz da geografia foi fundamental para esta pesquisadora, uma vez que lhe proporcionou uma visão holística acerca do problema e, conseqüentemente, a possibilidade de percorrer diversos caminhos na busca pelo conhecimento.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIHPEC. *Dados de mercado*. Acesso em: 5 de maio de 2008. Disponível em: <<http://www.abihpec.org.br>>.

BARBOSA, Malba Tahan. *Educação ambiental popular: estudo de caso sobre a experiência do Centro de Vivência Agroecológica – CEVAE/TAQUARIL*. 2002. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Geografia.

BRASILVIAGEM. *Resorts dos sonhos*. Acesso em 5 de maio de 2008. Disponível em: <<http://www.brasilviagem.com/materia/?CodMateria=73>>.

BUTLER, Richard. The concept of a tourist area life cycle of evolution implications for management of resources. *Canadian Geographer*, 1980, p. 5-12, vol. 24.

CARLOS, Ana Fani. *Espaço-tempo na metrópole*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2001. 368 p.

CRUZ, Rita de Cássia. *Política de turismo e território*. São Paulo: Contexto, 2000. 166 p.

\_\_\_\_\_. *Introdução à geografia do turismo*. São Paulo: Roca, 2001. 106 p.

DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. Entrevista a Maria Serena Palieri. Tradução de Léa Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. 328 p.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. São Paulo: Futura, 1998. 286 p.

FAGUNDES, Synesio. *Estância Hidromineral de São Lourenço*. Álbum Ilustrado. São Lourenço, 1935.

HAESBAERT, Rogério. *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. Porto alegre, 2004. 20 p. Acesso em 23 de março de 2008. Disponível em: <[HTTP://w3.msh.univ-tlse2.fr/cdp/documents/conference%20rogério%20haesbaert.pdf](http://w3.msh.univ-tlse2.fr/cdp/documents/conference%20rogério%20haesbaert.pdf)>

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 11ª edição. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2002. 349 p.

\_\_\_\_\_. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005. 252 p.

IBGE: Cidades. São Lourenço. Acesso em 10 de maio de 2008. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>.

INSTITUTO ESTRADA REAL / MERCURY Srl. *Desenvolvimento turístico das estações termais do Estado de Minas Gerais*. Diagnóstico. Belo Horizonte: 2007. 98 p.

JUNQUEIRA, Leonel. *São Lourenço: sua origem e sua história 1890-2007*. São Lourenço: O Lutador, 2008. 242 p.

KNAFOU, Remy. Turismo e Território. Para um enfoque científico do turismo. In: RODRIGUES, Adyr Balastri (Org.). *Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 62-74.

LOPES JÚNIOR, Edmilson. População e meio ambiente nas paisagens da urbanização turística do nordeste: o caso de Natal. In: TORRES, Haroldo; COSTA, Heloísa Soares de Moura. *População e meio ambiente: debates e desafios*. São Paulo: SENAC-SP, 2000. p. 213-231.

MAGALHÃES, Cláudia Freitas. *Diretrizes para o turismo sustentável em municípios*. São Paulo: Roca, 2002. 187 p.

MASSEY, Doreen. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, Antônio A. *O espaço da diferença*. São Paulo: Papirus, 2000. p. 178-185.

MOURÃO, Benedictus Mário. *Medicina hidrológica: moderna terapêutica das águas minerais e estâncias de cura*. Poços de Caldas: Ed. Prisma, 1992.

NICOLÁS, Daniel Hiernaux. Elementos para un análisis sociogeográfico del turismo. In: RODRIGUES, Adyr Balastri (Org.). *Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 39-54.

NINIS, Alessandra Bortoni. *A ecologia política e a exploração da água mineral de São Lourenço*. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Nov. 2006. 163 p. Dissertação (Mestrado) Brasília: UnB/CDS-Universidade de Brasília.

OLIVEIRA, Tereza de Jesus. *São Lourenço: síntese histórica*. São Lourenço: Fundação Municipal de Cultura de São Lourenço, 1987. 79 p.

OMT. *Concepts and definitions*. Acesso em 15 de maio de 2008. Disponível em: <<http://www.world-tourism.org/facts/eng/methodological.htm#2>>.

PAIXÃO, Dario Luiz Dias; GÂNDARA, J. M. G. A Legalização dos Cassinos no Brasil: uma análise comparativa das situações governamentais em outros países. *Turismo: visão e ação*, UNIVALI - ITAJAÍ, v. 01, n. 02, p. 09-22, 1999.

PIMENTA, Dermeval José; ELEUTÉRIO Arysbur B; CARAMURU, Hugo. *As Ferrovias em Minas Gerais*. Belo Horizonte: SESC/ MG – MG, 2003. 188 p.

PLANO DIRETOR MUNICIPAL DE SÃO LOURENÇO. Acesso em junho de 2008. Disponível em: <<http://www.saolourenco.mg.gov.br/v02/montaplano.php?plano=metodologia>>

QUINTELA, Maria Manuel. Saberes e práticas termais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de S. Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. Vol. 11. Suppl. 1. Rio de Janeiro, 2004. p. 239-260.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Desafios para os estudiosos do turismo. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.). *Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 17-32.

RUSCHMANN, Doris.V.M. *Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente*. Campinas: Papirus, 1997. 199 p.

SANTOS, Jair F. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 2000. 111 p.

SEABRA, Lília. Turismo Sustentável: planejamento e gestão. In: CUNHA, Sandra. B. e GUERRA, Antônio. J. T.(Orgs.). *A questão ambiental: diferentes abordagens*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 153-190.

SEBRAE. *Diagnóstico do Circuito das Águas*. Belo Horizonte: 2006, 265 p.  
SETUR. *Política Estadual de Turismo: circuitos turísticos*. 2000. Acesso em 3 de março 2008. Disponível em: <[http://www.turismo.mg.gov.br/secretaria\\_politica.php](http://www.turismo.mg.gov.br/secretaria_politica.php)>.

SILVA JÚNIOR, José Henrique. *A política interna de turismo no Brasil (1992-2002)*. Belo horizonte: C/Arte, 2004. 124 p.

SOUSA, Magno José Santos. *Motivos para regulamentar os jogos de azar no Brasil*. 2007. Acesso em 06 de maio de 2008. Disponível em: <[http://www.jornaldedebates.ig.com.br/index.aspx?cnt\\_id=15&art\\_id=8806](http://www.jornaldedebates.ig.com.br/index.aspx?cnt_id=15&art_id=8806)>.

TEIXEIRA, Eduardo. *O mundo faz suas apostas*. Veja, São Paulo, 29 ago. 2007. Acesso em: 28 de abril de 2008. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/290807/p\\_106.shtml](http://veja.abril.com.br/290807/p_106.shtml)>.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: SESC/ Studio Nobel, 1996. 232 p.

## ANEXO

### Roteiro de Entrevistas

1. Data / nome
2. Escolaridade
3. Cargo que ocupa / experiência nesta em outros empregos

#### **Região – ARCA (Associação Regional do Circuito das Águas)**

4. Origem / há quanto tempo está na região
5. Qual o nome pelo qual é conhecida a região em que está inserido o município de São Lourenço?
6. Quais os municípios que compõem esta região?
7. O que a define? Quais os elementos utilizados para delimitar essa região? (municípios, geografia, produção, os serviços, a cultura, etc.)
8. Quais os municípios fortes do ponto de vista do turismo? Por que? E os mais fracos? Por que?
9. Qual a importância desta região no contexto estadual / federal?
10. Há instâncias mesorregionais às quais esta região está relacionada? Como se relacionam?
11. História da ARCA / propósito / objetivos
12. Quais foram as estratégias adotadas?
13. Que objetivos concretos foram estabelecidos?
14. Como a Associação se organizou? Como funciona? Com que frequência os membros se reúnem?
15. A Associação conta hoje com um grupo de pessoas que se dedicam exclusivamente a ela? Quantas? Quem paga o salário? A Associação conta com equipamentos ou algum tipo de investimento imobilizado? A Associação conta com um orçamento? Qual a fonte?
16. A Associação têm interlocutores em nível estadual, mesorregional e federal (poder público, entidades civis)? Que tipo de relações (parcerias, apoio ...)?
17. Como se desenvolveram essas relações? Com que objetivos? Resultaram em parcerias concretas?

18. Parcerias com entidades privadas, ONGs? Como se desenvolveram? Quais foram os objetivos e resultados?
19. Que tipo de interferência / influência a associação visa em relação à gestão ambiental na região?
20. O que a ARCA realizou? (ações concretas, conquistas materiais, institucionais, negociações, principais atividades...)
21. Qual a importância da ARCA para a região? Percebe-se alguma mudança antes da criação da ARCA e agora com sua atuação?
22. Qual a adesão da ARCA? Quais setores envolvidos?
23. Quais as dificuldades encontradas pela ARCA?
24. Como vê a atuação das prefeituras em relação ao turismo?
25. Trabalho junto com as prefeituras (divergências, retiraram-se, etc)
26. Desde o início a Associação esteve junto com as prefeituras? Quais?
27. Como foi o processo de adesão dos prefeitos? E dos demais agentes?
28. O que as prefeituras realizaram junto com a ARCA até hoje? Houve alguma dificuldade em razão da mudança de governo?
29. O que está ao alcance da ARCA hoje?
30. Quais as parcerias possíveis
31. Daqui pra frente, quais são as prioridades? Quais as ações previstas para o futuro?
32. Quais as possibilidades e impossibilidades da ARCA? Quais as possibilidades e impossibilidades do turismo na região?

### **Caracterização municipal – São Lourenço**

33. Descreva São Lourenço
34. Quais são as principais atividades econômicas
35. Onde são desenvolvidas essas atividades? (zona rural/urbana; tipo de estabelecimento ou propriedade)
36. Quem se insere nessas atividades? É possível identificar o perfil dos agentes envolvidos (responsáveis pela atividade)?  
  
(por atividade) Enfrentam dificuldades? Quais? Que tipo de constrangimento?
37. (por atividade) Quais os fatores que impulsionam essas atividades?
38. (por atividade) Há algum tipo de incentivo (governamental ou não) a estas atividades?

39. (por atividades) Quais as perspectivas futuras destas atividades?

### **Dinamização econômica – São Lourenço**

40. Há propostas alternativas para a dinamização econômica da região / distribuição de renda?

41. Há programas / projetos de desenvolvimento social na região? Em que se baseiam, quais são os agentes envolvidos?

42. Que tipo de ensino técnico / profissionalizante existe na região?

### **Turismo – São Lourenço**

43. Turismo: quais são os marcos (no tempo) da atividade em São Lourenço?

44. Caracterização dos diferentes períodos / Dinâmica atual do turismo em São Lourenço

45. Que tipo de turismo é praticado em São Lourenço? Qual o perfil do turista que este tipo de turismo atrai? Quais os setores movimentados por este turismo?

46. Quais são os fatores que impulsionam o turismo no município?

47. Que segmentos sociais se engajam em atividades turísticas?

48. O que atrai o turista para São Lourenço?

49. Que tipo de demanda ele gera? (serviços, produtos, infra-estrutura)

50. Há demandas que não estão sendo atendidas? Por que? Como poderia melhorar?

51. Principais impactos do turismo em São Lourenço?

52. É possível identificar algum tipo de impacto negativo sobre a cultura local ou sobre as relações comunitárias?

53. Como você vê o desenvolvimento turístico?

54. Como a população vê o desenvolvimento turístico em São Lourenço?

55. Impossibilidades ao desenvolvimento turístico no município

56. Possibilidades ao desenvolvimento turístico no município

57. Quais são as organizações civis mais atuantes no município?

58. Como você vê a organização e a participação da sociedade civil na organização dos serviços turísticos; no planejamento e ordenamento do turismo?

59. Você conhece a ARCA? Como vê a sua atuação? Como poderia melhorar? Quais os benefícios de São Lourenço em participar da ARCA?

60. Você proporia uma outra configuração regional para São Lourenço? Por que?

61. Quais os órgãos estaduais e federais que atuam na região? (de maneira mais efetiva)

### **Meio ambiente urbano / rural**

62. Qualidade ambiental (estado de conservação dos recursos; principais conflitos ambientais)

63. Há impactos ambientais relevantes decorrentes de atividades produtivas (quais)?

64. Há esforços ou instrumentos para minimizá-los ou extinguí-los? Quais? Por parte de quem?

65. Que instrumentos de controle e gestão ambiental funcionam na região?

66. Qual a qualidade das áreas urbanas dos municípios da região – limpeza, ordenamento, e etc?

67. Principais problemas urbanos no municio. Decorrentes de que atividade?

68. Principais problemas na zona rural

69. Gestão ambiental (responsabilidades, eficácia, dificuldades, problemas)

70. A cidade teve momentos de expansão imobiliária? Por que? Quando? Quais foram as conseqüências para o município?

71. Principais transformações no município (espaciais, paisagísticas, etc.)

### **Plano Diretor municipal de São Lourenço**

72. Existe plano diretor no município de São Lourenço?

73. Quando foi feito?

74. Como foi feito? Qual a duração?

75. Quais os setores da sociedade participaram da sua elaboração?

76. Qual a importância do plano diretor para o município?

77. De que forma é utilizado o plano diretor?

78. Quais as principais informações verificadas pelo plano diretor?

79. Houve conflitos durante a sua elaboração? Por que o plano diretor aponta que São Lourenço é 100% urbano quando ainda existem sítios e fazendas em seus arredores?

### **Lazer, costumes, associativismo**



80. O que é lazer para a comunidade local? (equipamentos, práticas, locais, serviços, grupos)
81. Espaços coletivos (conservação, atividades, etc.)
82. Eventos culturais significativos (festas, torneios...) / atraem turistas?
83. Prática política, participação em iniciativas coletivas (interesses, motivos) / como vê a organização e participação da sociedade civil de modo geral?
84. Associativismo / cooperativismo

### **Associação Caminho do Artesanato**

85. Como surgiu esta iniciativa?
86. Quem participa desta associação?
87. Qual o objetivo desta associação?
88. Qual o perfil dos associados? Qual a sua fonte de renda?
89. Que tipo de artesanato é produzido?
90. Como é a produção artesanal dos associados?
91. Qual é a demanda do artesanato (de fora, local, etc.)?
92. Quais os agentes envolvidos nesta associação?
93. Qual a relação do artesanato e do turismo em São Lourenço / região?